

O que aprendi em
NÁRNIA

DOUGLAS WILSON



O que aprendi em
NÁRNIA

DOUGLAS WILSON



Um ótimo livro. Douglas Wilson sabe que a melhor forma de aprender com *As crônicas de Nárnia* é abordando-as como histórias para ler e reler. Somente quando desfrutamos delas sem restrições como contos de aventuras é que edificação de verdade. Nada como o amor para nos abrir os olhos, e este livro é fulgurante.

— **Michael Ward**

Autor de *Planet Narnia: The Seven Heavens in
the Imagination of C.S. Lewis*
Capelão da St Peter's College, Oxford

Para mim, Doug Wilson é como seu mentor Lewis — mesmo quando discordo, vejo-me desafiado espiritualmente, provocado intelectualmente e buscando mais desse assombro e espanto infantil. Acredito que esse livro fará o mesmo com todos os que lerem suas páginas.

— **Justin Taylor**

Editor-executivo da ESV Bible Study
Blogueiro do *Between Two Worlds*

O melhor tipo de leitura é aquele que se entrelaça a tal ponto com nossa vida que fica difícil dizer onde terminam os livros e começamos nós. C. S. Lewis escreveu livros que exigem ser lidos dessa forma, e aqui Douglas ouve o apelo. *O que aprendi em Nárnia* é uma resposta magnífica a histórias que abarcam um mundo de sabedoria. Wilson percebe essa sabedoria e nos mostra.

— **Alan Jacobs**

Autor de *The Narnian: The Life and Imagination of C. S. Lewis*
Professor de inglês no Wheaton College

O que aprendi em
NÁRNIA

DOUGLAS WILSON



**EDITORA
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 2010 de Douglas Wilson
Publicado originalmente em inglês sob o título
What I Learned in Narnia
pela Canon Press,
P. O. Box 8729, Moscow, ID, 83843, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por:
EDITORA MONERGISMO
SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa
Brasília, DF, Brasil — CEP 71.200-040
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição eletrônica, 2018

Tradução: *Leonardo Bruno Galdino*
Revisão : *Felipe Sabino de Araújo Neto e William Campos da Cruz*
Capa: *Bárbara Lima Vasconcelos*
Diagramação: *Marcos Jundurian*
Diagramação para e-book: *Yuri Freire*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Douglas
O que aprendi em Nárnia / Douglas Wilson, tradução Leonardo
Bruno Galdino – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

Título original: *What I Learned in Narnia*

ISBN 978-85-69980-57-5

1. Lewis, C. S. (Clive Staples), 1808-1963. Crônicas de Nárnia.
2. Cristianismo e literatura 3. Espiritualidade e literatura I. Título
CDD: 823.912

Este livro é dedicado a Keith e Gladys Hunt, que apresentaram
nossa família ao mundo de Nárnia em 1958, quando eu tinha 5
anos. Muito, muito obrigado!



SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

CAPÍTULO 1

Autoridade

CAPÍTULO 2

Confissão de pecado

CAPÍTULO 3

Nobreza

CAPÍTULO 4

Disciplinas espirituais

CAPÍTULO 5

Paixão por histórias

CAPÍTULO 6

Graça perfeita

CAPÍTULO 7

Amor por Aslam, amor por Deus



AGRADECIMENTOS

QUERO COMEÇAR agradecendo a Lucy Jones e à equipe da Canon Press pela ideia formidável de transformar em livro as conferências que proferi, há alguns anos, para as crianças em nossa igreja. Um agradecimento especial também deve estender-se a Jared Miller, pelo maravilhoso trabalho em pegar os meus esboços e as gravações das conferências e criar uma combinação tão bela. Ao ler os resultados de seus esforços, meu pensamento foi: “Com certeza não falei isso com tal naturalidade”. E garanto a vocês que não.

Agradeço também aos meus pais, que fizeram com que eu, meus irmãos e minha irmã crescessem marinando nas histórias de Nárnia. Em retrospecto, parece que fui criado como um narniano. Ao assistir ao nosso mundo louco passar, fico tentado a me perguntar por que não preciso de um *green card* para viver aqui.

E, claro, gostaria de agradecer a C. S. Lewis, o homem que me influenciou mais do que todos os outros autores que já li. Muitas vezes o encontro no final de cada linha de raciocínio, perto da raiz de cada árvore. As dívidas não são pagas simplesmente ao reconhecê-las, contudo, por mais frágil que seja a sua expressão, o reconhecimento ainda deve ser expresso. Sou profundamente grato.



INTRODUÇÃO

GOSTARIA DE COMEÇAR este pequeno livro suplicando ao leitor que ainda não leu *As crônicas de Nárnia* que o faça imediatamente.¹ Este é o tipo de livro que será mais bem aproveitado se o leitor estiver completamente familiarizado com Brejeiro, Tirian, Digory, Lúcia, Caspian, Trumpkin e, claro, Aslam. Portanto, este livro de modo algum se destina a ser uma introdução a Nárnia. Ao contrário, está mais para uma conversa entre dois amigos sobre alguns outros bons amigos, falando sobre os bons momentos que tivemos e por quê. Mas, para que essa conversa seja possível, precisamos dos bons momentos primeiro.

Se as histórias de Nárnia forem apenas lidas e apreciadas continuamente, então os assuntos sobre os quais falo neste livro serão parte do “conhecimento básico” do leitor. Não tenho desejo algum de apresentar este livro como se eu precisasse do leitor para espremer qualquer moral dessas histórias antes de eles já terem tido o prazer de desfrutar de uma delas no sossego de uma tarde chuvosa. Essa moralização apressada tem estragado muitas histórias boas, e eu não quero fazer isso aqui. Mas, ao mesmo tempo, boas histórias são o tipo de histórias com as quais você aprende — como C. S. Lewis bem sabia. Se aprendemos com essas histórias maravilhosas, devemos ser capazes de discuti-las.

Pelo título do livro, *O que aprendi em Nárnia*, não quero dizer que essas sete lições foram tudo o que aprendi lá. Um livro muito mais espesso do que este poderia ser escrito se fôssemos discutir todas as coisas contidas no mundo de Nárnia — quer se trate de outras coisas aprendidas, quer de lições que ainda não aprendi. O livro extraordinário de Michael Ward, *Planet Narnia*, vem à mente —

Ward apontou-me uma porção de coisas que eu tinha aprendido sem fazer a mínima ideia disso. De qualquer forma, essas verdades básicas estavam no centro de como o Senhor usou essas histórias em minha vida. Minha esperança é que você seja capaz de dizer o mesmo.

1. Todas as citações de *As crônicas de Nárnia* foram extraídas da edição em volume único publicada pela Editora Martins Fontes (segunda edição em brochura, 2009), com tradução de Paulo Mendes Campos e Silêda Steuernagel (*A última batalha*). Em alguns poucos casos, no entanto, fizemos pequenas intervenções: umas, para tornar o texto mais afim ao original; outras, para realçar o aspecto enfatizado no texto; outras, ainda, para traduzir trechos omitidos pelos tradutores na referida edição. Tais intervenções estão assinaladas com colchetes e quase sempre acompanhadas de uma nota de rodapé indicada por “[N. do T.]”.



CAPÍTULO I

AUTORIDADE

AUTORIDADE É ALGO INEVITÁVEL. Isso significa que as pessoas podem usá-la correta ou incorretamente, mas não podemos evitar por completo ter pessoas em posição de autoridade. Do mesmo modo, as pessoas podem submeter-se à autoridade correta ou incorretamente (ou à autoridade certa ou errada), mas sempre estão sujeitas a algum tipo de autoridade. Autoridade é algo que Deus estabeleceu neste mundo e, por direito de criação, ele é a autoridade última por aqui. Contudo, uma vez que a humanidade é depravada, temos muitas maneiras de abusar da autoridade ou de tentar negá-la completamente.

Antes de vermos como Lewis trata o tema da autoridade na série de Nárnia, permita-me contar uma breve história de infância que ilustra a resposta básica da humanidade caída a esse assunto. Em uma manhã de sábado, quando tinha cerca de dez anos de idade, eu estava, por algum motivo, tendo um grande dia — apenas me sentindo bem comigo mesmo, com a raça humana e com o mundo em geral. Estava deitado no chão da sala de estar lendo quadrinhos e, alimentado apenas com o leite da bondade humana, logo me peguei pensando: “Quando acabar os quadrinhos, vou surpreender mamãe e arrumar o porão”. No entanto, no exato instante em que eu estava ponderando isto (e sentindo-me realmente bem comigo mesmo), minha mãe entrou e disse: “Doug, gostaria que você fosse lá embaixo e limpasse o porão”.

De uma hora para outra, ela arruinou tudo. O leite da bondade humana miraculosamente escorreu e em seu lugar estava uma pequena nuvem negra de murmurações rebeldes. Agora, pondere por um instante — *por que* sua ordem

arruinou meu dia? De qualquer forma eu já estava indo limpar o porão, então ela não interrompeu nenhum plano especial que eu tivesse. Qual foi o grande problema? Apenas este: se eu tivesse feito por mim mesmo, não teria estado sob autoridade alguma e teria adquirido toda sorte de reconhecimentos. Mas depois que ela me disse para fazê-lo, eu estaria apenas obedecendo a ordens. Não foi divertido ser obediente; eu queria que fosse *voluntário*. Estava relutando contra o simples fato de estar debaixo de autoridade.

Assim sendo, ao discutir o tema da autoridade nos livros de Nárnia, quero dividir o tópico em duas seções básicas: personagens que têm atitudes pervertidas com respeito à autoridade, e aqueles que possuem atitudes corretas em relação a ela.

Falsa autoridade

As crônicas de Nárnia contêm muitos personagens diferentes que tentam abusar da autoridade de muitas formas diferentes. Mas, no fim, todos têm um ponto comum. A raiz de todos os seus problemas é o egoísmo e a ganância — o oposto da ordem bíblica para os líderes serem sacrificiais e generosos.

MIRAZ, de *O Príncipe Caspian*

Em *O Príncipe Caspian*, Miraz é um usurpador. Antes de a narrativa começar, descobrimos que ele matou o pai do Príncipe Caspian, que era seu próprio irmão. Caspian não sabia nada disso, pois era muito jovem quando o pai foi morto. Por isso, apesar de Miraz não ter filho, ele está feliz em criar Caspian e permite que este seja seu sucessor. No entanto, quando sua esposa, a rainha Prunaprismia (um nome maravilhoso para uma mulher), dá à luz um menino, Miraz decide matar Caspian para que seu filho possa sucedê-lo. Com a ajuda do Doutor Cornelius, Caspian foge e, por fim, descobre que Miraz não é um rei legítimo.

Ora, Lewis faz uma referência histórica interessante aqui: “Quando começou a governar, [Miraz] não teve coragem de apresentar-se como rei: intitulou-se apenas como príncipe regente” (p. 320). Se você conhece um pouco de história, então pode lembrar que na Inglaterra do século 17 houve uma guerra entre o Parlamento (liderado por Oliver Cromwell) e o Rei Charles I. O rei perdeu a guerra e foi decapitado. Cromwell, então, assumiu e intitulou-se “Príncipe Regente” em vez de “Rei”. Assim sendo, Miraz começa a chamar-se de príncipe regente, mas depois mostra sua verdadeira face quando passa a conseguir adeptos para proclamá-lo rei — fundamentalmente admitindo ser o rei em exercício durante todo esse tempo e que nunca teve nenhuma intenção de “proteger” o direito legítimo de Caspian ao trono. Seu egoísmo e ganância não apenas o levaram ao assassinio: ele também torce suas palavras maquiavelicamente para escondê-lo. Sua “autoridade” é completamente falsa. Ele não passa de um assassino e usurpador.

EUSTÁQUIO MÍSERO, de *A viagem do Peregrino da Alvorada*

Em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, a família Mísero retrata outro tipo de abuso de autoridade bastante diferente da usurpação de Miraz e um pouco mais trivial e simplório na comparação. Em um breve comentário marginal, Lewis diz que Eustáquio “não tratava o pai e a mãe por papai e mamãe, mas por Arnaldo e Alberta” (p. 403). Nesse caso, os pais de Eustáquio não são pessoas ávidas por autoridade; ao contrário, jogam fora a autoridade legítima que têm como pais, fazendo-se pares de seu filho. Para descrever melhor o que está acontecendo nessa passagem, vou usar uma palavra grande para uma ideia simples: *igualitarismo*. Igualitarismo é a perspectiva de que tudo na sociedade deve ser nivelado — todos devem ser exatamente iguais. Os igualitaristas acreditam que homens e mulheres, pais e filhos, patrões e empregados e todas as demais pessoas estão (ou deveriam estar) no mesmo nível na sociedade. Em outras palavras, eles têm um problema com estruturas de autoridade. Nessa passagem, C. S. Lewis está tirando sarro do tipo de opinião que quer rejeitar toda autoridade — incluindo essa dos pais. É por isso que Eustáquio fala com seus pais como se fossem seus colegas, em vez de respeitar o papel deles como pais que estão em posição de autoridade sobre ele.

JADIS, de *O sobrinho do mago*

Em *O sobrinho do mago*, Lewis contrasta dois magos bastante diferentes com uma falha em comum: seu abuso de uma autoridade falsa. De um lado temos Jadis, uma feiticeira e última imperadora de Charn (que depois se tornou a Feiticeira Branca em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*). Do outro, temos o Tio André (tio de Digory), que acredita ser um grande mago, mas na verdade não entende as forças com as quais está lidando.

Contudo, tanto um quanto o outro são magos. E nesse livro vemos que eles acreditam estar “acima das leis”. Ambos creem que elas são para as pessoas comuns, ordinárias. Desse modo, tentam colocar-se acima de toda autoridade que não a sua própria. Não querem que nenhuma pessoa ou norma lhes digam o que fazer. O problema com isto, como se sabe, é que você nunca deve confiar em pessoas que têm opiniões fortes sobre autoridade quando a conversa é sobre pessoas que estão *abaixo* delas, mas possuem opiniões fracas quando se trata de

pessoas que estão *acima* delas. Onde quer que encontre alguém assim, você precisa correr na direção oposta o mais rápido e longe que puder, pois essa pessoa vai abusar de toda autoridade que puder obter. Uma das melhores coisas que C. S. Lewis nos ensina é que a verdadeira autoridade só pode ser exercida por líderes que se alegram em submeter-se à autoridade.

Jadis e Tio André não fazem isso. Em certo momento, Jadis diz:

Por um momento eu me esqueci de que você não passa de um menino plebeu. Como iria entender as razões de Estado? Precisa aprender uma coisa, criança: o que talvez seja errado para você, ou para qualquer pessoa comum, não é errado para uma rainha como eu. A responsabilidade do mundo pesa sobre os nossos ombros. Precisamos estar livres de todas as normas. Nosso destino é grandioso e solitário. (p. 38)

Assim, ela está reivindicando não apenas estar acima das leis, como também quer que Digory sinta pena dela por causa disso. “Nosso destino é grandioso e solitário”: ela não apenas exige obediência, mas espera compaixão também! O toque irônico dessa passagem é que seu ato aparentemente nobre não passa de puro egoísmo. Quando ela faz essa declaração, Digory de repente recorda que Tio André havia usado exatamente as mesmas palavras antes: “Nosso destino, meu filho, é solitário, mas está acima de tudo” (p. 18). “Só que ditas pela rainha Jadis”, Digory reflete, elas “soavam muito mais imponentes, talvez porque [Tio André] não tivesse dois metros de altura e nem fosse estonteantemente belo” (p. 39). O que Lewis está dizendo é que não importa quem você é — um reles velho pretendendo ser mágico ou uma bela rainha de dois metros de altura —, esse negócio de “destino grandioso e solitário” é apenas uma desculpa esfarrapada para ambição egoísta à custa dos outros.

ACHOSTA, de *O cavalo e seu menino*

Em *O cavalo e seu menino*, Lewis descreve um tipo mau de autoridade muito diferente da de Jadis, mas não menos repugnante. Lembre-se de que Aravis, a heroína da história, foge da casa de seu pai quando descobre que ele vai forçá-la a casar-se com um homem chamado Achosta. Mais adiante, descobrimos que tipo de homem ele é. Lasaralina, velha amiga de Aravis, está repreendendo-a por fugir do casamento, quando diz: “Meu marido sempre diz que Achosta está ficando um dos grandes homens deste país [Calormânia]” (p. 235).

Mas quando, enfim, encontramos esse “grande homem”, com que ele se parece? Está rastejando no tapete diante do seu senhor, o Tisroc, e Rabadash, o príncipe, está lhe chutando o traseiro por dizer coisas indevidas. Assim, por um lado ele é “um dos grandes homens do país”, mas, por outro, um tartufo puxa-saco, adulator e manipulador. A autoridade que ele exerce — e ele exerce uma autoridade real na Calormânia — surge não por ele ser um homem sábio e forte com verdadeiras qualidades de caráter, mas da bajulação, permitindo-se ser abusado e chantageando através da adulação. Isto é falsa autoridade, bem como falsa submissão. A verdadeira submissão jamais se rebaixa, e a verdadeira autoridade jamais aceita adulação.

MANHOSO, O MANIPULADOR de *A última batalha*

Das crônicas de Nárnia, *A última batalha* é o livro menos favorito de muitas pessoas e, embora possa entender suas objeções, acho que há muito que aproveitar dele. Manhoso, nome bastante apropriado para esse macaco, é um dos personagens mais bem elaborados em todas as histórias de Nárnia, e ele fornece outro exemplo de autoridade mal-empregada.

Manhoso é do tipo que manipula para conseguir o que quer. Ele exerce autoridade ao mentir e trapacear e passa o tempo todo convencendo suas vítimas de que está apenas buscando os interesses delas. Por exemplo, olhemos para a maneira como ele manipula seu assim chamado amigo Confuso, o jumento:

— Puxa, Confuso! — exclamou Manhoso. — Nunca pensei ouvir uma coisa dessas. Nunca esperei isso de você!

— Por quê? O que foi que eu disse de errado? — indagou o jumento, numa vozinha muito humilde, pois percebera que o amigo estava muito ofendido. (p. 632)

Ora, o que é que Manhoso está fazendo nessa passagem ao fingir-se ofendido? Manipulando Confuso ao criar uma falsa culpa. Você já viu alguém se lastimando, esperando que os outros sintam pena dele? (Talvez você mesmo já tenha feito isso.) Talvez esse tipo de pessoa queira compaixão, ou instilar um falso senso de culpa em alguém, mas o objetivo é sempre o mesmo: de alguma forma, querem conseguir o que desejam. Há algo que elas querem — talvez

queiram apenas ter a sensação de algum tipo de poder sobre os outros —, e manipulam os sentimentos dos outros a fim de obterem-no.

É exatamente isso o que Manhoso está fazendo aqui. Finge-se profundamente ofendido porque sabe que Confuso tem um coração mole, e sabe que esta é uma forma de persuadi-lo a fazer o que ele quer. Manhoso virou a regra de ouro completamente de cabeça para baixo. Em vez de “tratarei você como gostaria que você me tratasse”, ele diz: “Por que você não me trata como eu o trato?” (p. 634). A diferença é que Manhoso, na realidade, quer dizer o seguinte: “Por que você não me trata da maneira como eu digo que o trato (não como de fato eu o trato)? Enquanto eu puder convencer você de que estou agindo em prol de seus interesses em vez dos meus, vou me dando bem”.

Quando Manhoso consegue chegar ao poder, suas manipulações só aumentam à medida que seu público cresce. Em primeiro lugar, ele se disfarça — que é o modo de Lewis realçar a sua falsidade. “Só que agora ele parecia mais feio do que quando vivia no Lago do Caldeirão, pois estava trajado a rigor” (p. 646). Lewis está dizendo que, se você coloca trajes reais em um macaco, você não tem um rei, mas apenas um macaco. Do mesmo modo, Manhoso embeleza suas palavras para parecerem lisas e sofisticadas na superfície, mas continuam repugnantes e cheias de egoísmo embaixo. E não somente isso, mas são dez vezes piores do que se ele não tivesse tentado cobri-las desse modo.

O verdadeiro mal da autoridade de Manhoso, contudo, é como ele manipula a crença dos narnianos em Aslam para se beneficiar. Em certo momento, ele diz: “Ah! Aí está você. Pois bem — falou o macaco com um ar de desdém —, quero... isto é, Aslam deseja... mais nozes” (p. 646). Este é um dos mais antigos artifícios no livro para líderes corrompidos: assim que chegar ao poder, tome tudo o que puder das pessoas, mas tudo em nome do mais sublime bem. Este bem pode ser Deus, o patriotismo, a fraternidade humanista ou a democracia, mas o que todos esses abusadores de poder querem é mais poder para si mesmos. Diferente de Manhoso, eles geralmente se lembram de dizer “o bem maior da sociedade exige isto” em vez de “eu quero isto”, mas dizer isso não é menos ridículo do que dizer “Aslam quer mais nozes”.

Os ANÕES, de *A última batalha*

O último abuso de autoridade que vamos abordar neste capítulo também é de *A última batalha*. Lembre-se de que perto do final do livro, Tirian e outros libertam os anões que haviam sido escravizados e estão sendo retirados das minas de Tisroc. E como eles respondem a essa libertação? Expressando gratidão e lealdade a seu salvador, você pensaria. Mas eles não fazem isso. “Daqui para a frente vamos é tratar de nossa própria vida, [sem tirar o nosso chapéu para ninguém]²” (p. 603). Ora, “tirar o chapéu” é um sinal de respeito e deferência a alguém, uma maneira de demonstrar respeito à autoridade. Os anões acham que, porque foram escravos outrora, todas as autoridades devem ser escravocratas. Então, resolvem se livrar de toda autoridade. Seu grito de guerra torna-se “Vivam os anões!” (p. 673). Eles reagem contra uma autoridade má recusando-se a reconhecer absolutamente qualquer autoridade.

Verdadeira autoridade

Todos esses personagens que discutimos até aqui — Miraz, Jadis, Achosta, Manhoso, os anões — ou obtiveram sua autoridade por meios injustos e escusos, ou abusando egoistamente da autoridade que já possuíam, ou (mais comumente) ambos. Eles estão constantemente se perguntando: “Quanto posso obter? Quanto posso tirar?”. A despeito de todas as diferenças superficiais entre eles, isto é algo que todos compartilham. E esse tipo de orgulho e egoísmo é, podemos dizer, a razão de quase todos os outros tipos de pecado; como Adão e Eva no Jardim, acreditamos estar certos e Deus (para não mencionar os outros), errado. Isso também acontece naturalmente aos seres humanos caídos. Ninguém precisa ensinar as crianças a tomar um brinquedo ou acertar alguém na cabeça: vá em qualquer berçário e você verá isso acontecendo dentro de minutos. Elas nasceram sabendo como pegar e querer coisas para si. Este é o problema básico com o qual Jesus veio lidar, e pode ser visto mais claramente em como a autoridade é injustamente obtida e usada.

Voltemo-nos, agora, para os personagens de Nárnia que criam um contraste justo com todos os maus exemplos de autoridade. E da mesma forma como em nosso mundo começaríamos essa discussão com a obra de Jesus, no contexto de Nárnia vamos começar com Aslam.

Antes, porém, preciso dizer algo sobre a conexão entre Aslam e Jesus. C. S. Lewis foi bastante inflexível em dizer que os livros de Nárnia não são uma *alegoria*. Alegoria é um livro como *O Peregrino*, em que os personagens e suas ações têm uma correspondência de um para um com outra camada de sentido. Considere uma alegoria como um prédio de dois andares: o primeiro são a narrativa e as personagens de verdade, enquanto o segundo é o conjunto de ideias abstratas que elas representam. Em *O Peregrino*, o herói começa com um fardo pesado atado às costas — este é o “primeiro andar”. No “segundo andar” de sentido, este fardo representa os nossos pecados. Mais adiante, o herói encontra um gigante que representa o pecado do desespero, e assim por diante. Uma coisa no primeiro andar representa exatamente uma outra no segundo, e o autor geralmente deixa claros os sentidos.

Ora, C. S. Lewis sustentou que as crônicas de Nárnia *não eram* assim. Não há uma correspondência de um para um entre um personagem, objeto ou evento em Nárnia e algumas abstrações sobre as quais Lewis quis nos ensinar. Ao contrário, ele chamou esses livros de “uma grande suposição”. Suponha que existiu outro mundo como Nárnia e que Deus entrou nele de um modo semelhante ao que entrou no nosso — com que ele se pareceria? Portanto, os habitantes de Nárnia, em geral, não possuem significados específicos e alegóricos. Mas Aslam, obviamente, preenche o lugar de Jesus nesta “grande suposição”. Certa vez ele disse às crianças, quando elas estavam para voltar à Inglaterra, que lá o conhecerão por “outro nome”. No final de *A viagem do Peregrino da Alvorada* vemos uma visão dele como um cordeiro, o símbolo cristão de Jesus. Em *A última batalha*, quando tudo converge em um juízo final, fica muito claro, novamente, que Aslam é Cristo, o Juiz.

Exatamente como em nosso mundo toda autoridade verdadeira flui de Jesus Cristo, assim também, em Nárnia, toda autoridade verdadeira flui de Aslam. Ele estabelece o padrão da verdadeira autoridade que seus seguidores imitam, e o fundamento básico dessa autoridade, em contraste direto com os personagens maus sobre os quais temos lido, é de *sacrifício e entrega*.

A VERDADEIRA AUTORIDADE É SACRIFICIAL

Em nosso modo natural de pensar, nós, seres humanos corrompidos, tendemos a pensar que, se você toma posse, você ganha, e se se sacrifica, perde. Mas o que a Bíblia ensina, e o que C. S. Lewis escreve por toda parte dos livros de Nárnia, é o exato oposto: se você toma posse, você perde, mas se dá, ganha. A autoridade afluí para a pessoa que se sacrifica a fim de dar a outros, mas aquele que tenta obtê-la longe dos outros só acaba por perdê-la. Imagine, por um instante, que você seja uma criança da terceira série, e outra da quarta série chega para você e diz: “Quero que você me respeite e faça tudo o que eu disser, pois estou na quarta série”. Há grandes chances de você não obedecê-lo depois de ouvir isso, ainda que antes você o pudesse fazer. Por quê? Porque quando as pessoas exigem respeito e autoridade, esta lhes foge. Todavia, quando renunciam

a si mesmas pelos outros, a autoridade lhes aflui. Você se apega, você perde; você dá, você ganha.

Agora suponha que você chegue na cozinha ao mesmo tempo que seu irmão ou irmã, e ambos estendam a mão para um prato com biscoitos. Você sabe que a coisa certa a fazer é dá-lo. No entanto, você está dando a fim de ganhar? Em outras palavras, você podia estar pensando: “Espere! Está me dizendo que se eu deixá-la pegar o biscoito agora, então eu ganharei um depois?”. Talvez você esteja esperando que sua mãe veja seu grande ato de bondade e lhe asse uma dúzia de biscoitos. Mas não — neste caso, sua irmã ganhará o biscoito; você, não. Esse tipo de interpretação canhestra não é o tipo de “dar para receber” sobre o qual estou falando aqui. E é errado porque suas expectativas são muitíssimo *pobres*. A lição bíblica é que um padrão generoso de vida renderá muitas, muitas bênçãos, que são muito maiores que todas as pequenas coisas a que você renunciou.

Deus dá um exemplo claro em Gênesis 13. Abraão e Ló eram tão ricos em ovelhas e gado que “a terra não podia sustentá-los” (Gênesis 13.6) e houve contenda entre seus criados. Então, Abraão sugere que cada um siga seu caminho e, sacrificando a sua própria preferência, diz a Ló que ele pode escolher primeiro: “Acaso não está diante de ti toda a terra? Peço-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita, irei para a esquerda” (Gênesis 13.9). A resposta de Ló a isso não é gratidão, mas ganância; ele escolhe a terra obviamente melhor, que é viçosa e verde (vv. 10-11). Acontece que essa terra está bem próxima a Sodoma e Gomorra, que são, mais tarde, destruídas por fogo do céu. Assim, Ló, por sua sede egoísta, conseguiu o melhor negócio no curto prazo, mas foi arruinado no longo. Abraão, entretanto, ficou com o que parecia ser a pior opção num primeiro momento, mas Deus o abençoou muito mais ricamente no final.

Esse princípio ganha vida vezes sem conta nas histórias de Nárnia. O que acontece a Miraz? Quando ele se apossa em busca de poder, ele o perde. O que acontece a Jadis? Quando o império em Charn é destruído, ela vai para Nárnia, onde, após um reinado de cem anos, é, por fim, derrotada e morta. O que acontece a Manhoso? É atirado pela porta do estábulo e o deus mau da

Calormânia o devora — uma bicada e ele já era. Na mesma história, os anões são atirados pela porta do estábulo, mas estão cegos ao glorioso lugar que está ali — estão no céu, mas fazem dele um inferno para si mesmos. Repetidas vezes, coisas boas fogem das pessoas que *se aferram* e afluem (incluindo a autoridade) para aquelas que *dão*.

Aslam, claro, é o principal exemplo e padrão, e é exatamente como Jesus neste quesito. Mas a feiticeira, em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, só entende o tipo de autoridade aferradora: se quer algo, você o toma. Ela não entende o tipo de autoridade de Aslam. O que ela pensa quando Aslam chega para negociar a libertação de Edmundo? Lembre-se de que Edmundo traíra seus irmãos e, por conta disso, mesmo se ele tivesse sido resgatado da feiticeira, ela teria um direito legítimo sobre ele, porque este é um traidor. Aslam não questiona o direito. Ao contrário, faz algo surpreendente e incompreensível para todos aqueles que, como a feiticeira, percebem apenas o tipo de autoridade aferrador: ele aceita entregar-se em troca de Edmundo. Isto porque Aslam sabe que o caminho para a autoridade é o sacrifício. Ainda assim, quando Aslam cumpre sua parte no acordo, é muito difícil para ele. Entender perfeitamente o princípio do sacrifício não torna automaticamente fácil este sacrifício. Quando se dirige para a morte, ele está tão triste que permite que Lúcia e Susana o acompanhem parte do caminho e lhe proporcionem algum conforto e companhia.

Quando a feiticeira o vê chegando, acredita que triunfou. “O louco! O louco está chegando! Amarrem bem o louco!” (p. 170). Tudo o que ela entende é o que Aslam chama de “a magia profunda”, a qual permite ao traidor ser liberto se outro escolher morrer em seu lugar.

Contudo, após Aslam ressuscitar, ele explica o equívoco da feiticeira: “A feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda” (p. 174). A magia ainda mais profunda é que amor e sacrifício vencem o ódio e a ganância. Eles geram a autoridade verdadeira e última. Portanto, não se trata apenas do fato de que Aslam morreu por Edmundo como o sacrifício perfeito e substitutivo por um traidor, salvando-o, por consequência — embora, como se sabe, ele o tivesse salvo e morrido em seu lugar. Há mais que isso: após sua morte e ressurreição, Aslam adquire a

verdadeira autoridade. Ele a tinha antes, mas depois disso ela cresce e altera-se de forma gloriosa.

Pessoas corrompidas não podem entender esta “magia ainda mais profunda”. Você pode explicá-la, lê-la a partir da Bíblia, desenhá-la em um quadro-negro, berrá-la a plenos pulmões, mas um coração depravado não pode conhecer esse princípio: *se você dá, você ganha*. Isso simplesmente não cabe em suas cabeças — ou melhor, em seus corações —, pois elas não têm um problema intelectual, mas espiritual.

Assim, a autoridade de Aslam nasce do amor e do sacrifício. Isso não significa, no entanto, que seu mundo é todo sol e arco-íris. Com frequência, as pessoas a quem ele ama e salva consideravam esse mundo muito desagradável na época — o caso de Edmundo, certamente. E seus inimigos, no final de tudo, experimentam seu juízo, não seu amor. Antes, uma das crianças pergunta: “Ele [Aslam] é tão perigoso assim?” (p. 137). Ao que o Sr. Castor responde:

Perigoso? Então não ouviu o que a Sra. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que é bom. Ele é REI, disse e repito. (p. 138)

Ele é bom, mas esse tipo de bondade é, em muitos casos, inquietante e assustador — inquietante para Edmundo e assustador para a feiticeira.

A VERDADEIRA AUTORIDADE É HUMILDE

Todos os vilões mencionados até aqui — Miraz, Jadis, Tio André, Manhoso e até mesmo Achosta, cujo rastejar não se parece nada com a verdadeira humildade — são orgulhosos e ensimesmados, coisas que vão acompanhadas de sua falsa autoridade. Mas Aslam é o padrão de autoridade verdadeira e sacrificial, e quando ele outorga esse tipo de autoridade aos seus servos, a verdadeira humildade chega com ela. É óbvio que nenhum deles é perfeito — pois têm pecados e imperfeições residuais —, mas exercem a autoridade de maneira coerente com a verdadeira humildade.

Considere o teste de majestade que Aslam dá a Caspian:

— Bem-vindo seja, príncipe — disse Aslam. Sente-se bastante forte para reinar em Nárnia?

— Bem, não sei — respondeu Caspian. — Não passo de um garoto.

— Muito bem — replicou Aslam. — Se dissesse que tinha a certeza, seria a prova de que não estava apto a reinar. (p. 389)

O teste de Aslam é um teste de humildade. Se Caspian tivesse dito algo no sentido de “Sim, estou pronto. Estive pronto por anos, mas Miraz me impediu disso”, então ficaria óbvio que ele era apenas outro Miraz — orgulhoso, egoísta e ganancioso. No entanto, Caspian percebe a verdadeira natureza da autoridade, que envolve grande sacrifício pessoal, e essa compreensão produz humildade. Ele admite que não se sente pronto para assumir tal encargo e, paradoxalmente, isso significa que ele *está* pronto.

Tive a oportunidade de celebrar muitos casamentos ao longo dos anos, e esta é uma pergunta que eu acho que deve ser feita a todo casal em algum momento antes dos votos: “Você está pronto para isto?”. Uma resposta boa e honesta, de um homem que entende plenamente em que está se metendo, deve ser “Não!”. E isso, como se sabe, significa que ele está bem em seu caminho para estar pronto.

Aslam oferece um teste semelhante em *O sobrinho do mago*, quando faz de um cocheiro de Londres o primeiro rei de Nárnia. A princípio o cocheiro resiste, dizendo que não é o sujeito certo para o cargo e que nunca teve muita “educassão”.³ Mas Aslam faz-lhe uma série de perguntas sobre se ele podia criar e governar as criaturas falantes de Nárnia com justiça, ensinar seus filhos a fazerem o mesmo, não escolher privilegiados e, quando em batalha, ser o “primeiro a atacar e o último a bater em retirada” (p. 76). No fim, Aslam o declara pronto.

Ora, é claro que esta não é uma regra simplista que podemos aplicar indiscriminadamente a todos os aspectos da vida. O fato de um aluno da quarta série não se sentir pronto para o ensino médio não significa que essa graduação esteja, em algum nível mais profundo, *efetivamente* pronta para ele. Ele realmente não está pronto, não importa o que sinta. Todavia, quando alguém está, em qualquer parte de sua vida, prestes a passar para o próximo grau — um outro nível de escolaridade, dedicando-se a um novo esporte, aprendendo um novo assunto, saindo por conta própria, casando-se, tendo filhos ou tornando-se líder de outros — então esse teste pode aplicar-se, especialmente quando as pessoas à sua volta — pessoas que você respeita — acham que você deve dar esse

passo. E se, em um caso como esse, você se encontrar honestamente pensando “Eu não sei se posso fazer isso”, então esse é um bom sinal. Deus o colocou aí por uma razão. Ele quer que você assuma o desafio, e o capacitará para cumpri-lo.

Em *O cavalo e seu menino*, quando Shasta (agora conhecido pelo seu nome de nascimento, Cor) descobre que deve ser o rei da Arquelândia, ele não gosta nem um pouco da ideia. E quando Corin, seu irmão gêmeo mais novo que teria sido rei se Cor não tivesse retornado, descobre que será um príncipe em vez de um rei para o resto de sua vida, fica eufórico. Ora, a princípio isso não faz sentido para nós. Por que Cor não está exultando em ser rei e Corin não está invejoso e amargo? A resposta é que, no fundo, ambos são servos de Aslam e, como tal, possuem corações humildes. Mas a principal coisa nesta passagem é que Cor de modo algum quer o reinado.

— Mas não quero a coroa — disse Corin. — Prefiro muito mais...

— Não interessa, Cor, o que você prefere. É a lei. [...] O rei obedece às leis, pois as leis o fizeram. [...] Ser rei é isto: ser o primeiro em todos os combates e o último em todas as retiradas. Quando houver fome no país (o que às vezes acontece nos anos piores), o rei deve alimentar-se frugalmente, e rir mais alto do que ninguém diante de uma refeição parca. (p. 287)

Ser rei não diz respeito a emitir ordens a todo e qualquer indivíduo do alto de seu castelo requintado. Essa é a ideia que Tisroc tem de liderança, mas não a de um narniano ou de um arquelândiano. O ponto principal dessa passagem é que o rei é um servo da lei; ele não está acima dela. E isso se aplica mesmo antes de ele tornar-se rei — se a lei o convoca para ser rei, não deve recusar. Exatamente como o soldado enviado com a missão de vigiar não tem o direito de abandonar o seu posto, assim o indivíduo escolhido para ser rei não tem o direito de abandonar o reinado. Se você foge do dever, torna-se um desertor.

A fala do Rei Luna também mostra que é responsabilidade do rei “arcar com as consequências” por seu povo, quaisquer que sejam elas. A autoridade não deve servir para proteger o rei do mundo; antes, é o rei quem deve suportar o impacto de toda pancada. Isso é válido não apenas para os reis, presidentes, deputados e demais líderes políticos, mas também para qualquer um que exerça autoridade — um marido por sua esposa, um pai por seus filhos, um presbítero ou pastor por sua congregação. Se você é incumbido por Deus para um papel de

liderança, então se adiante e assuma uma carga maior do que qualquer outro. Você não deve dizer “Bem, agora que estou na chefia, vou delegar as tarefas para o pessoal aqui, de modo que eu possa ficar tranquilo”. Esse é o oposto da verdadeira e humilde autoridade.

Autoridade e obediência

Até aqui, temos falado sobre a verdadeira e a falsa autoridade no contexto das pessoas que ocupam essa posição. E o que dizer daquelas que estão debaixo de autoridade? Qual a forma certa ou errada de *reagir* à autoridade dos outros?

Meu exemplo favorito disso nas histórias de Nárnia é uma breve fala do anão Trumpkin, em *O Príncipe Caspian*. Nesse momento da história, o exército de Caspian e dos Antigos Narnianos está em um impasse com o exército de Miraz, instalado no grande monte chamado Monte de Aslam, e os Antigos Narnianos estão levando a pior. Enquanto discutem planos para a sua resistência final contra Miraz, Caspian e seus conselheiros decidem usar a trompa da Rainha Susana, a qual, quando soprada por alguém em situação de desespero, magicamente evocará ajuda. De acordo com o Doutor Cornelius, “pode ser que o próprio Aslam venha de além-mar, mas me parece mais provável que, saídos do passado, venham até nós o Grande Rei Pedro e os seus bravos companheiros” (p. 337). Ora, Trumpkin odeia Miraz e é leal a Caspian, mas ele não acredita em Aslam ou em qualquer outra lenda antiga, nem mesmo na trompa mágica — ele se considera um companheiro realista, e tudo isso é apenas “cascata” para ele (p. 96). Mas ele é minoria, então se submete à decisão do conselho, pedindo apenas para que não falem disso com os soldados, para não alimentar falsas esperanças.

Em seguida, o Doutor Cornelius diz ao conselho que o auxílio virá ou do seu grupo, ou do Ermo do Lampião (onde as quatro crianças apareceram pela primeira vez em Nárnia), ou das ruínas de Cair Paravel. Portanto, eles devem enviar mensageiros a esses dois outros lugares para descobrir se a trompa trouxe ajuda. De novo, Trumpkin é cético: “O resultado de toda essa tolice será perder dois soldados, em vez de obter auxílio” (p. 337). Ora, Trumpkin por duas vezes declarou sua completa discordância do conselho, mas então faz algo surpreendente: voluntaria-se para ser um dos dois mensageiros. Sua atitude pega até mesmo Caspian de surpresa.

— Mas, Trumpkin, pensei que você não acreditava na trompa... — disse Caspian.

— E não acredito mesmo! Mas o que uma coisa tem a ver com a outra? Sei quando se trata de dar um conselho ou de receber uma ordem. (p. 338)

Esta é uma lição muito importante sobre autoridade. A despeito de sua completa discordância de Caspian e da decisão do conselho, Trumpkin lhes permanece leal e respeitosamente se submete à sua autoridade. Existe uma clara diferença entre *conselho* e *ordens*. É obrigação de toda pessoa debaixo de autoridade dar algum conselho quando perguntada, da mesma forma que é obrigação de todos aqueles que estão em posição de autoridade considerar cuidadosamente o conselho dos outros abaixo deles. Ainda assim, em algum momento uma decisão precisa ser tomada, e é aí que aqueles que estão debaixo de autoridade precisam estar preparados para as ordens. Há um momento para aconselhar, mas quando chega o momento de obedecer, a vida é bastante simples: obedeça. A lição pode ser simples, mas não significa que sua aplicação seja fácil. Esse tipo de obediência não deve envolver murmuração ou indolência. A obediência deve ser de corpo e alma, quer você considere a tarefa uma boa ideia, quer não.

Muitos hoje, no domínio do igualitarismo e do individualismo, reagem violentamente contra esta ideia. A objeção é algo como: “Como você pode ensinar uma obediência estúpida dessas? Quer que as pessoas ajam como membros de um ritual de lavagem cerebral? As pessoas devem ser indivíduos que pensam por si mesmas!”. Naturalmente, esta objeção é uma péssima caricatura do que estamos falando aqui, e outra passagem em *O Príncipe Caspian* responde-a ao mostrar que até mesmo uma lealdade verdadeira como a de Trumpkin tem limites. No início da história, Nikabrik e seus amigos sugerem a Caspian que peça ajuda às criaturas “negras” da Antiga Nárnia — bruxas, ogros, lobisomens e até mesmo (mais adiante, em uma outra passagem) ao espírito da própria Feiticeira Branca. Caça-trufas, o texugo fiel, rapidamente se opõe:

— Perderíamos a amizade de Aslam, se nos aliássemos a essa ralé horrorosa — disse Caça-trufas, quando saíram da caverna dos anões negros.

— Aslam? — indagou Trumpkin, falando alegremente e em tom de ligeiro desprezo. — Muito mais do que isso: vocês perderiam a *minha* amizade! (p. 328)

Em outras palavras, Trumpkin está ameaçando deixar o exército porque tem um padrão de certo e errado que está além de Caspian. Se Caspian lhe diz para ir em uma missão arriscada e com poucas chances de vitória, Trumpkin obedecerá

alegremente mesmo se considerá-la uma má ideia, e cumprirá seu dever tão íntegra e valentemente quanto puder. Mas se Caspian ordenar que faça algo que não seja exatamente uma má ideia, mas seja *moralmente errado* — como convidar criaturas más para o seu exército e lutar lado a lado com elas —, então ele se recusará a obedecer.

E você há de notar que ele goza de grande credibilidade quando diz isso, pois não está se recusando simplesmente porque não está disposto a obedecer no momento. Ao contrário, mais tarde o vemos obedecer com alegria ordens de que pessoalmente discorda. Trumpkin não é de modo algum um escravo desmiolado que obedecerá a todos os caprichos de Caspian. Ele é um indivíduo com um alto padrão de integridade, e submete-se à autoridade legítima de Caspian embora saiba que ela pode passar dos limites e tornar-se ilegítima. A base é o padrão de certo e errado que está acima de ambos.

Do mesmo modo, sabemos que, como cristãos, somos chamados a obedecer ao governo civil. Devemos pagar nossos impostos e seguir as leis do país, ainda que pessoalmente possamos discordar delas. Mas isso não significa que o governo pode nos mandar fazer tudo o que lhe apraz. Se políticos nos dizem que devemos desobedecer a Deus e, em termos narnianos, fazer amizade com bruxas e ogros, então devemos lhe dizer *não*. Nestes casos em que homens nos mandam fazer algo que Deus claramente proíbe, ou não fazer algo que ele claramente ordena, então devemos obedecer a Deus antes que a homens (Atos 4.18-19). Assim, nossos protestos terão uma força muito maior do que já demonstramos ao estar dispostos a obedecer às autoridades civis em outras questões, mesmo quando elas vão contra as nossas conveniências pessoais.

A *cadeira de prata* fornece outro exemplo de lealdade em alguém que está debaixo de autoridade. Perto do fim do livro, Eustáquio e Jill são furtivamente carregados para uma “reunião” de corujas no meio da noite. Elas querem discutir como ajudá-los a encontrar o príncipe perdido Rilian, e estão fazendo isso sem o conhecimento do governo de Caspian (lembre-se de que Caspian tinha acabado de zarpar, e o anão Trumpkin estava cuidando das coisas em seu lugar). Eustáquio esteve ausente de Nárnia por muitas décadas e não estava totalmente seguro de que tipo de reunião se tratava nem de que lado elas estão,

especialmente por causa das circunstâncias bizarras do encontro. Ele não conhece os pormenores da política de Nárnia, mas sabe onde está, e suas primeiras palavras são uma grande prova do seu caráter:

O que pretendo dizer é o seguinte: sou fiel ao rei, e se esta reunião de corujas tiver qualquer caráter subversivo, minha presença aqui é um equívoco. (p. 542)

Eustáquio está inteiramente disposto a seguir o conselho das corujas, mas sabe onde estão suas lealdades reais e está disposto a opor-se às corujas caso contradigam essas lealdades. Ora, no fim das contas as corujas são completamente inocentes e leais ao rei. Elas só oferecem sua ajuda em segredo porque o rei proibira toda Nárnia de procurar pelo príncipe, uma vez que ninguém jamais voltou depois de ter partido. Assim, Eustáquio não tinha nada com que se preocupar, mas mesmo assim é importante que seu primeiro pensamento tenha sido como preservar sua lealdade a Caspian.

O último exemplo que quero dar neste capítulo também é de *A cadeira de prata*. Lembre-se de que Aslam dá a Eustáquio e a Jill uma série de sinais para seguir a fim de ajudá-los na viagem para encontrar o príncipe perdido. Por causa de suas querelas, falta de fé e outras recaídas, eles “deixam passar” todos os primeiros sinais, e somente pela bondade de Aslam voltam para a trilha e, por fim, chegam ao lugar, nas profundezas da cidade arruinada dos gigantes, onde deviam encontrar o príncipe. Lá, encontram um cavalheiro que diz servir a uma grande Dama. Ele parece uma pessoa de bom coração, mas também um tanto cabeça-oca, como se houvesse algo de errado com sua sanidade mental. Diz-lhes que está sob um encantamento, que faz com que ele entre em uma “crise de fúria” (p. 587) no mesmo horário todas as noites, de modo que tem de ser amarrado a uma cadeira de prata para que não machuque ninguém. Apenas por segurança, ele faz com que as crianças e o Brejeiro jurem que não o soltarão da cadeira, não importa o que diga ou o quanto lhes suplique.

Ora, o último sinal que Aslam dera a Jill foi que o príncipe perdido seria a primeira pessoa, em toda a viagem deles, que lhes pediria para fazer algo em nome de Aslam. E enquanto está amarrado à cadeira em sua crise de fúria, ele lhes dá esse mesmo sinal:

— De uma vez por todas — bradou o prisioneiro —, peço que me libertem. Em nome de todos os terrores, em nome de todos os amores, em nome dos céus luminosos do Mundo de Cima, em nome do grande Leão, do próprio Aslam, eu ordeno...

— Oh! — gritaram os três como se doesse.

— É o sinal — disse Brejeiro.

— A palavra anunciada pelo sinal — replicou Eustáquio, mais cauteloso.

— E agora? — clamou Jill. (p. 591)

Pois o cavaleiro é, como seria de esperar, o próprio príncipe perdido Rilian, e, embora esteja continuamente sob encantamento, esta “crise” — como seu eu encantado a chama — acontece verdadeiramente em uma hora do dia em que ele está em seu perfeito juízo. Mas Eustáquio, Jill e o Brejeiro não sabem disso. Eles ainda acham que ele é um lunático desvairado e, quando este pronuncia o último sinal, obriga-os a tomar uma decisão. Devem obedecer ao sinal, libertando-o, ou devem deixá-lo amarrado e presumir que seu brado em nome de Aslam foi apenas um equívoco ou coincidência?

Por outro lado, de que valia ter aprendido o valor dos sinais caso não obedecessem a eles?

— Acha que dará tudo certo se o desamarrarmos? — perguntou Eustáquio.

— Não, isso eu não sei — respondeu Brejeiro. — Vejam: Aslam não contou para Jill o que aconteceria. Disse apenas o que fazer. (p. 591-592)

A despeito da confusão e incerteza deles, a escolha é bastante simples. É uma questão de autoridade e obediência. O próprio Aslam lhes deu os sinais, mas não lhes disse que os manteria seguros caso lhes obedecessem. Eles podem crer e obedecer — independentemente das consequências — ou não crer e desobedecer. No fim, fazem a escolha certa, mesmo que possivelmente signifique ser mortos por um lunático. Como se sabe, nada disso acontece. Ao contrário: ao libertar Rilian da cadeira, eles quebram o seu encantamento e colocam a história no caminho para um final feliz. Mas não sabiam disso quando decidiram soltá-lo. A fé e lealdade deles a Aslam veio primeiro, ainda que isso significasse sacrificar-se a si mesmos.

Conclusão

Quase todo vilão das histórias de Nárnia é um atravessador egoísta de alguma espécie. Todos tentam aferrar-se à autoridade, exigindo-a dos outros e impondo-a sobre si mesmos. No final, contudo, ela acaba escapando deles.

No lado oposto está a autoridade sacrificial de Aslam, que estabelece o padrão para todos os seus seguidores ao doar-se a si mesmo. O mundo, como Jadis, a Feiticeira Branca, considera essa ideia completamente tola, mas é porque não entende a “magia ainda mais profunda” em ação.

Todos os grandes heróis de Nárnia seguem esse padrão — de Caspian a Cor e ao Rei Luna —, e conforme se sacrificam para tornarem-se grandes líderes, atraem seguidores como Trumpkin, os quais sacrificarão a si mesmos para segui-los. Há uma determinada autoridade em liderar e outra em seguir, mas ambas partilham da mesma qualidade de *autossacrifício*. Autoridade e submissão são inevitáveis, mas, no contexto da autodoação, são libertadoras.

Ao aprender esta lição e aplicá-la no fundo dos seus ossos, você sempre saberá a coisa certa a fazer. Sem ela, no entanto, o mundo é um lugar muito sombrio e confuso. Quanto mais que você olha o mundo, quanto mais ouve o que dizem na TV, ou talvez até mesmo o que seus amigos dizem, mais fácil ficar com o pensamento confuso. “O que tudo isso significa? A quem devo seguir? A que autoridades devo estar submisso? Meus amigos todos dizem que tal e tal coisa é bacana, mas eu sei que meus pais e professores não achariam isso tudo.”

Em momentos como esses, o que você realmente precisa é de um cheiro bom e picante de brejeiro queimado. Lembram como o Brejeiro (Paulama) tornou-se o herói de *A cadeira de prata* quando pisoteou o fogo da feiticeira que estava confundindo a mente dos seus companheiros e fazendo-os duvidar que Aslam e todo o mundo de cima já existiram?

Vamos supor que nós sonhamos, ou inventamos, aquilo tudo — árvores, relva, sol, lua, estrelas e até Aslam.[...] Vamos supor então que esta fossa, este seu reino, seja o único mundo existente. Pois, para mim, o seu mundo não basta. E vale muito pouco. [...] Quero viver como um narniano, mesmo que Nárnia não exista. (p. 598-599)

Os cristãos de hoje precisam desesperadamente deste tipo de fidelidade. Quando for confundido pelo modo de pensar do mundo, você precisa ser o

Brejeiro, que será obediente e apagará o fogo que está intoxicando sua mente e alma.

A verdadeira autoridade e submissão é uma das grandes lições de Nárnia — não apenas como governar sem ser um tirano, mas também como *obedecer* sem ser um seguidor estúpido ou um escravo. Se você se recusar a obedecer — se se aferra a essa autoridade e diz: “Não obedeco a ninguém senão a mim mesmo!” —, então você, de fato, tornou-se um escravo. Quando você a renuncia, obedece às autoridades que Deus lhe deu e obedece ao próprio Deus, ele o liberta.

-
2. “Sem prestar reverência a ninguém”, na tradução de Silêda Steuernagel. [N. do T.]
 3. No inglês, “eddycation”, traduzido por Paulo Mendes Campos como “nunca tive ensino para isso” (p. 76). [N. do T.]



CAPÍTULO 2

CONFISSÃO DE PECADO

A ESSA ALTURA, tendo lido o título deste capítulo, você provavelmente está se perguntando por que escolhi a confissão de pecado como um dos sete grandes temas que encontrei em Nárnia. Mas uma vez que você começa a olhar para ele, é maravilhoso como o assunto se revela nas histórias — e desempenha um papel importante em todos os livros.

Outro motivo por que escolhi o tema da confissão é que esse é um assunto sobre o qual os pastores jamais podem deixar de falar. Meu pai foi um pregador que falou em várias conferências por todo o país, e uma de suas palestras favoritas era exatamente sobre esse assunto; portanto, você pode imaginar como cresci ouvindo-o com frequência. Então um dia, quando eu tinha quinze ou dezesseis anos de idade, de repente atinei para o seguinte: “Espera aí! Você disse *eu*? É algo que eu preciso fazer?”. Isso lançou uma luz completamente nova sobre tudo. Percebi que a confissão de pecado não é apenas um assunto de uma palestra que tive que ouvir e concordar com algum tipo de “Yeah! Uhu!”. Eu realmente tive que trabalhar na *aplicação* dela ao longo de toda a minha vida.

Aprender como dizer “Perdão” de modo verdadeiro é uma das mais importantes lições que você jamais aprenderá, e isso se dá porque é basicamente uma questão de aprender como ser uma pessoa genuinamente sincera e humilde. Os dois traços de humildade e sinceridade sempre andam juntos. Lewis deixou claro nas histórias de Nárnia que os heróis são fundamentalmente sinceros, ao passo que os maus são fundamentalmente fingidos e orgulhosos. Essa é uma característica básica da divisão entre o bem e o mal em Nárnia exatamente como

o é em nosso mundo. Portanto, não é surpresa que as histórias de Nárnia sejam cheias de ilustrações disso.

Confissões genuínas

Embora neste capítulo eu vá percorrer todos os livros de Nárnia em ordem cronológica a fim de realçar o tema, há dois enredos comuns que você pode encontrar em todos os exemplos. O primeiro é que a confissão de pecados se resume a honestidade. O segundo é que as pessoas são constantemente tentadas a confessar os pecados *dos outros*, em vez de os próprios, e que desaprender esse instinto natural é o primeiro passo para aprender como confessar corretamente.

O SOBRINHO DO MAGO

Em *O sobrinho do mago*, lembre-se de que Digory e Polly são transportados para o Bosque entre Dois Mundos, e ao pular por vários lagos ali, descobrem que podem viajar para qualquer mundo das centenas de diferentes mundos. O primeiro que visitam é um mundo agonizante, onde descobrem uma grande cidade arruinada chamada Charn. No palácio central dessa ruína está um grande salão repleto de pessoas notáveis que estão imóveis (“pareciam estátuas de cera”, diz Lewis), sob encantamento. E no meio do salão há um pequeno martelo e um sino dourados com esta inscrição:

Ousado aventureiro, decida de uma vez:

Faça o sino vibrar e aguarde o perigo

Ou acabe louco de tanto pensar:

“Se eu tivesse tocado, o que teria acontecido?”. (p. 33)

Digory é, por natureza, uma pessoa extremamente curiosa — mais tarde ele vai crescer e se tornar o velho e sábio professor em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* —, e essa inscrição é simplesmente demais para ele. Ele logo é tentado a tocar o sino. Polly, contudo, não fica nem um pouco tentada. Ela não apenas trata de descobrir o que acontecerá se o sino for tocado, mas também tem um mau pressentimento a respeito da coisa como um todo. No fim, eles travam uma luta e Digory vigorosamente mantém Polly fora do caminho enquanto toca o sino, que desperta a feiticeira e rainha má Jadis (que, mais tarde, trará o mal a Nárnia).

Quando Polly, mais tarde, lhe pergunta por que ele está triste, Digory apresenta um tipo de confissão sem entusiasmo:

— Oh! — exclamou Digory, muito surpreso. — Muito bem, muito bem, desculpe, desculpe. [Eu realmente peço desculpas pelo que aconteceu no salão das estátuas de cera.]⁴ Já disse: desculpe! Mas, por favor, volte. Estarei frito se não voltar. (p. 45)

Em primeiro lugar, ele está fazendo a confissão a contragosto, somente após Polly exigí-la. Em segundo, diz que está se desculpando “pelo que aconteceu”, não pelo que *fez*. Em terceiro, ele parece estar fazendo isso principalmente para ficar de bem com Polly, pois ela virá mais tarde e o ajudará a devolver a feiticeira ao seu mundo.

Portanto, o pecado tolo de Digory não é realmente tratado senão muito depois no livro, quando ele, Polly, Jadis e outros encontram-se em Nárnia no dia exato da sua criação. Digory, vendo a magia do novo mundo, espera encontrar lá a cura para sua mãe moribunda e vai a Aslam em busca de ajuda. Para fazer isto, tem que contar a história de como entrou em Nárnia, mas, quando chega na parte a respeito de Jadis, ele não é muito honesto:

— Aí encontramos a feiticeira num lugar chamado Charn, e ela agarrou-se em nós quando...

— Você encontrou-se com a feiticeira? — perguntou Aslam com uma voz soturna, que encerrava a ameaça de um rosnado. (p. 74)

Perceba que Digory não está dizendo uma mentira evidente — ele conheceu a feiticeira —, mas ainda está omitindo algumas partes importantes da história porque a inclusão desses detalhes prejudicaria seriamente a sua reputação.

— Ela despertou — informou Digory com o coração em frangalhos. Ficou branco, branco e acrescentou: — Quer dizer, eu despertei ela. Queria saber o que aconteceria se eu tocasse o sino. Polly não queria. Não foi culpa dela. Eu... eu briguei com ela. Sei que errei. Acho que fiquei um pouco enfeitiçado pelas palavras escritas debaixo do sino.

— Enfeitiçado? — perguntou o Leão, na mesma voz soturna.

— Não, agora eu sei que não estava enfeitiçado. Estava só fingindo. (p. 74)

A culpa de Digory tinha-o levado até mesmo a mentir para si mesmo de tal maneira que ele quase acreditou que realmente foi encantado pela inscrição no sino. Na presença de Aslam, contudo, Digory não pode torcer a história a seu favor, evitar falar sobre seu pecado tolo ou contar quaisquer outras mentiras.

Assim, ele progride rapidamente do engendro para uma confissão honesta. Aslam não exige perfeição dos seus servos, mas honestidade a respeito de suas imperfeições.

Seguindo uma confissão honesta, o próximo passo para o ofensor (e para o ofendido) é consertar as coisas com perdão sincero. Assim, logo em seguida Aslam se volta para Polly:

— E você, minha filhinha [...]. Já perdoou o rapaz por seus modos violentos na sala de imagens do palácio maldito de Charn?

— Já fizemos as pazes, Aslam. (p. 76)

Parte da confissão é buscar o perdão daqueles que foram afetados pelos seus pecados. Aqui, Aslam assegura-se de que o perdão tenha sido buscado com sinceridade e concedido sem restrições.

O momento da confissão de Digory é tão central à história quanto o pecado correspondente. No momento exato em que o sino toca, a maléfica Jadis adentra no inofensivo mundo de Nárnia. Assim, a confissão prepara Digory para ser servo de Aslam e equipa-o para a tarefa que este lhe atribui a fim de proteger Nárnia daquele mal. Por intermédio de Aslam, Lewis mostra a seus leitores como uma confissão plena e honesta — embora não apague as *consequências* terrenas do pecado — traz perdão completo e cura relacionamentos rompidos.

O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

No começo de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, Lúcia é a primeira de seus irmãos a entrar em Nárnia e está sozinha quando isso acontece. Assim sendo, quando ela volta ao nosso mundo, conta a Pedro, Susana e Edmundo. Mas, como se sabe, eles não acreditam nela — acham que é algum tipo de brincadeira infantil (quando inspecionam o guarda-roupa após o retorno de Lúcia, ele não parece ser mágico de modo algum). Então, não muito tempo depois, Edmundo, que vinha provocando sarcasticamente Lúcia a respeito de tudo aquilo, descobre seu caminho até Nárnia também e encontra Lúcia lá. Entretanto, quando retornam, ele é orgulhoso demais para admitir que estava errado e fica preocupado demais com o que os outros vão pensar dele para arriscar ser ridicularizado por acreditar que Nárnia é real. Então, ele mente para Pedro e

Susana, dizendo que tinha apenas cooperado com a brincadeira de Lúcia, atendendo ao seu pedido.

Lúcia está inconsolável, e os outros agora estão ainda mais preocupados que ela esteja louca. Mas quando todos os quatro correm através do guarda-roupa e Pedro percebe que Lúcia esteve falando a verdade o tempo inteiro, é muito interessante como ele reage. Ele não age zangado ou orgulhoso; não admite que ela estava certa a contragosto. Em vez disso, apresenta inteiras desculpas:

Pedro virou-se para Lúcia:

— Desculpe se eu não acreditei. Quer fazer as pazes?

— É claro. (p. 126)

Agora, compare isso a como Edmundo desculpara-se na mesma circunstância, um pouquinho antes na história, quando ele próprio se metera em Nárnia sem querer pela primeira vez. (Aqui, ele pensa que Lúcia está em algum lugar por perto, quando, na verdade, ela está muito longe até mesmo de ouvi-lo.)

— Lu! Estou arrependido por não ter acreditado. Você tinha razão. Pode aparecer. Vamos fazer as pazes.

Mas para si mesmo dizia: “Isso é mesmo coisa de menina. Emburrada num canto por aí, não querendo aceitar minhas desculpas”. (p. 114)

Ele diz as palavras certas a princípio, mas seu pedido de desculpas é apenas aparente, como podemos ver pelo seu comportamento logo depois disso, quando encontra a feiticeira. Quando encontra Lúcia em Nárnia, mais tarde, ele apresenta uma meia desculpa da mesma forma insincera e orgulhosa: “Pois é, vejo que você tinha razão: afinal o guarda-roupa é mesmo mágico. Desculpe”. E após as quatro crianças entenderem isso em Nárnia e a mentira de Edmundo ser descoberta, ele é completamente impenitente:

— Se há uma coisa que eu odeio... — disse Pedro, mas logo se calou, encolhendo os ombros. De fato, nada mais havia a dizer. E de novo puseram-se a caminho. Edmundo ia resmungando para si mesmo: “Cambada de gente pretensiosa! Um dia, vocês me pagam!”. (p. 127)

Essa atitude destrói Edmundo pouco a pouco por toda a primeira metade do livro. Ele só fica mais irritado e carrancudo com seus irmãos até o momento em que sai de mansinho (cap. 9) para denunciá-los à feiticeira.

Esta traição, e a consequente redenção de Edmundo pelo sacrifício de Aslam, é o símbolo central do livro, representando toda a pecaminosidade da humanidade. E toda ela começa com um coração que odeia a confissão pronta e honesta.

O CAVALO E SEU MENINO

Em *O cavalo e seu menino*, Shasta é um príncipe da Arquelândia que se perdeu quando criança e é criado como um pobre filho de pescador da Calormânia. Quando está prestes a ser vendido como escravo por seu pai adotivo, foge com um cavalo falante narniano chamado Bri. Eles encontram uma jovem dama calormana chamada Aravis e seu cavalo Huin (também um cavalo narniano), e decidem fugir juntos para Nárnia. Ao longo do caminho, descobrem uma conspiração calormana para invadir a Arquelândia, que fica entre a Calormânia e Nárnia, e percebem-se correndo contra as tropas invasoras para alertar a Arquelândia do extermínio iminente.

No exato instante em que estão quase esgotados, Aslam aparece de repente e os persegue para dar-lhes o último impulso de energia de que precisam para completar a viagem. Eles pensam que Aslam é um leão selvagem comum, então correm para salvar suas vidas. Aslam prontamente conversa com Huin e Aravis e desfere um golpe violento com suas unhas nas costas dela. (Isto é justiça poética: Aravis, anteriormente, havia sido a causa de uma das suas próprias servas receber dez chibatadas sem que merecesse.)

Vendo isso, Shasta, que cresceu em um pobre casebre de pescador e nada sabe sobre batalhas, nobreza ou coragem, incita Bri a voltar para ajudar Aravis e Huin. Uma vez que Bri aparentemente não o ouve, ele pula em suas costas e volta correndo para enfrentar o leão sem nada mais que as mãos vazias. Neste momento, o leão surpreende a todos ao fugir, permitindo-lhes encontrar refúgio com um velho eremita na floresta.

O ato de Shasta desperta duas reações interessantes e muito diferentes de Aravis e Bri. Bri é humilhado, uma vez que se julgou um bravo cavalo de guerra e, no entanto, fugiu do leão que Shasta enfrentou. Aravis, entretanto, agiu rudemente com Shasta a maior parte do tempo juntos; ela deixou muito claro

que se considera muito acima dele em todos os aspectos. Mas após este evento, sua atitude mudou:

— Todos nós saímos em disparada — disse Huin.

— Shasta, não! — fungou Bri. — Pelo menos correu na direção certa: para *trás*. [...].

— Entendo — disse Aravis. — Estou sentindo a mesma coisa. Shasta foi maravilhoso. Também eu sou ruim, Bri. Desde que nos encontramos, trato Shasta com superioridade... E é ele, afinal, que está acima de todos nós. Mas creio que é melhor ficar e pedir-lhe desculpas do que voltar para a Calormânia. (p. 257)

Em outras palavras, Aravis não é orgulhosa a ponto de não admitir que está errada a respeito de Shasta, e sabiamente vê que desculpar-se com ele e ter o ego abatido, embora vivendo livremente em Nárnia e na Arquelândia, é muito melhor do que permanecer orgulhosa e retornar à cultura escrava da Calormânia.

A reação de Bri é bastante diferente, e, de novo, a confissão está no coração dela. O incidente com o leão humilhou Bri, que, apesar de ser um cavalo de guerra treinado, teve de fugir para salvar a própria pele. Por todo o livro, Bri tem-se mostrado muito presunçoso — ele é, afinal de contas, um inteligente cavalo narniano que viveu por muito tempo entre os medíocres cavalos irracionais da Calormânia. Vivendo assim por quase toda a vida, e sendo um cavalo bastante valioso pertencente ao grande lorde calormano, ele se envaideceu. É por isso que está tão completamente envergonhado pelo ato de bravura de Shasta, em contraposição ao seu próprio ato de covardia. De fato, ele perde um tempo considerável lamentando-se por si mesmo — o que não é de forma alguma a mesma coisa que lamentar por seus pecados. Mais à frente, o velho sábio eremita, com quem eles estão passando um tempo, dá este conselho:

Meu bom cavalo, você não perdeu nada, a não ser a sua autoestima. Que é isso, meu primo? Não afaste de mim as orelhas. Se você de fato é tão humilde como falava há um minuto, tem de saber ouvir. (p. 257)

Esta é uma lição importante que os modernos precisam aprender. Há um tipo de pessoa que comete um erro e posteriormente decide vaguear sem destino com uma pequena nuvem negra sobre a cabeça. É exatamente como aquela cantiga infantil: “Ninguém me ama, ninguém me quer, por isso vou comer barata”. Ele

faz isso porque de fato está indo comer barata? Acha honestamente que é um fracasso total e desprezível? Não. Faz isso porque seu orgulho foi ferido e quer chamar a atenção das pessoas. No lugar de humilhar-se e oferecer desculpas sinceras, tipos assim se escondem por trás de uma falsa humildade extrema (“Sou indigno”) a fim de que as pessoas em torno dele alimentem o seu ego.

Bri está triste porque está genuinamente pesaroso por seus pecados, então? Não. Ele está triste porque seu orgulho levou um golpe. Parece contrito, mas não é a mesma coisa que uma confissão verdadeira. Felizmente, o eremita não vai fazer a sua vontade, nem Aslam, que o corrige completamente um pouco mais tarde:

- Bri, meu pobre, meu orgulhoso e assustado cavalo, chegue perto de mim. Mais perto, filho. [...]
- Aslam — disse Bri, com a voz estremecida —, acho que sou um estúpido.
- Feliz o cavalo que sabe disso ainda na juventude. (p. 278)

O PRÍNCIPE CASPIAN

Em *O Príncipe Caspian*, Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia são chamados de volta a Nárnia séculos depois de lá terem governado como reis e rainhas (no fim de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*). Eles chegam às ruínas de Cair Paravel, onde conhecem Trumpkin, o anão, e tomam conhecimento de Caspian. De lá, são obrigados a viajar de volta ao lugar em que Caspian é usurpado por Miraz, mas a viagem não é por um caminho fácil. No meio do caminho, Aslam aparece apenas a Lúcia, que, dos quatro, é sempre a mais sensível espiritualmente, e mostra-lhe o caminho que eles deveriam seguir. Para os outros, no entanto, que não viram Aslam, esse caminho parece muito mais difícil do que as outras opções. Assim, mesmo que Edmundo fique do lado de Lúcia, Pedro e Susana os ignoram e decidem pegar o caminho mais fácil. Lúcia fica muito incomodada não somente porque não acreditaram nela, mas também porque precisou desobedecer Aslam para ficar com os demais. Mais à frente, contudo, o caminho aparentemente fácil está repleto de empecilhos invisíveis, e eles acabam precisando recuar para onde começaram, perdendo um tempo fundamental no processo.

Finalmente, Aslam aparece a todos eles, mostrando que Lúcia estava certa desde o princípio. O pedido de desculpas de Susana é um maravilhoso exemplo de uma confissão pura e honesta:

Desculpe-me. [...] Mas sou muito pior do que você pensa. Acreditei que era ele [...]. No fundo, acreditei... (p. 364)

Ela não apenas disse que está triste por não ter acreditado em Lúcia: ela confessa o pecado adicional de fazer isso a despeito de crer, no fundo, no fundo, que Lúcia estava certa. É bastante claro, a partir da história, que Susana *não queria* acreditar em Lúcia porque estava chateada que Aslam tenha desejado se mostrar apenas a Lúcia inicialmente. É este pecado adicional de orgulho e autoengano que ela está confessando aqui. Mesmo se pudesse simplesmente ter parado no “Desculpe-me”, ela reconhece que existiam questões mais profundas do coração envolvidas. Essa é a verdadeira honestidade.

O pedido de desculpas de Pedro também é honesto. Assim que vê Aslam, ele diz: “Desde que partimos que os tenho trazido por caminho errado”. Ele não tenta dar desculpas (tipo: “Mas *nós* não podíamos ver você, e o outro caminho parecia mais fácil. Por que você simplesmente não apareceu a todos nós, então?”). Tampouco tenta culpar alguém além de si mesmo. Isso é bom, pois Aslam tende a rugir para aqueles que tentam transferir a culpa, enquanto perdoa, imediata e completamente, aqueles que assumem a responsabilidade com uma confissão honesta.

A VIAGEM DO PEREGRINO DA ALVORADA

Perto do fim de *A viagem do Peregrino da Alvorada*, o navio alcança o “extremo leste” — o próprio fim do mundo —, e Caspian está tão fascinado com a ideia de adentrar o País de Aslam em busca de mais aventuras que diz que abdicará do trono e nunca mais voltará a Nárnia. Seus amigos, contudo, não permitirão que faça isso. Por que não? Lembre-se de quando discutimos a questão da autoridade em *O cavalo e seu menino*: o Rei Luna não ia deixar que Shasta (agora, Príncipe Corin) fugisse do reinado futuro. A lei está acima do rei, e exatamente como uma sentinela seria desobediente se abandonasse o posto, da mesma forma um rei seria desobediente se abandonasse seu ofício. Assim,

embora Caspian tenha autoridade sobre todos no navio, seus amigos sabem que a lei está acima do rei, e dizem-lhe que ele não está autorizado a prosseguir.

— Se me permite, Majestade — interveio Ripchip, curvando-se numa profunda reverência —, queremos dizer que *não fará*. Não pode lançar-se em aventuras como qualquer um. (p. 511)

Caspian sabe que eles estão certos, mas de todo modo se destempera, insulta seu velho amigo Ripchip e entra como um furacão para dentro de seu camarote.

Rapidamente ele retorna aos outros, dizendo que Aslam tinha-lhe aparecido em seu camarote e o corrigido. Isso o deixou muito sóbrio, mas ele não demora em desculpar-se plenamente:

— Isso não é bom — disse. — Eu bem que poderia ter-me comportado decentemente diante de tudo de bom que fiz com meu mau humor e arrogância.⁵

Caspian de modo algum tenta esconder seu comportamento. Ele o chama exatamente pelo nome: “mau humor e arrogância”.

A CADEIRA DE PRATA

Lembre-se de que Eustáquio apareceu pela primeira vez em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, onde ele começa como um fedelho de primeira categoria, mas é, por fim, convertido por Aslam em uma boa pessoa. Ele e sua amiga Jill tornam-se, depois, os personagens principais de *A cadeira de prata*, que é, cronologicamente, o próximo livro na série de Nárnia.

No início do livro, Eustáquio e Jill são retirados por magia de sua terrível escola (apropriadamente chamada de “Colégio Experimental”) para o País de Aslam, no extremo leste de Nárnia. Após um pouco de exploração, eles se acham à beira de um enorme precipício. Eustáquio, que tem medo de altura, fica branco imediatamente e empurra Jill pelas costas, para afastá-la da beira. Mas ela, menosprezando Eustáquio por seu medo, tenta demonstrar superioridade sobre ele ao parar na beirinha do precipício. Quando, no entanto, ela de fato olha para baixo do alto do penhasco, este é diferente de todos os penhascos do nosso mundo — está milhas acima das nuvens e parece simplesmente não ter fim. Quando sua cabeça começa a girar e ela quase se desequilibra, Eustáquio supera o próprio medo para puxá-la de volta da beira. Há uma breve e confusa luta, e

Eustáquio examina a beira do penhasco, gritando. Neste momento, Aslam aparece de supetão e sopra Eustáquio para longe, na direção de Nárnia.

Jill está em choque, mas sua primeira reação real é interessante — ela tenta se convencer de que isso não foi culpa dela. Mas quando ela fala com Aslam um pouco mais adiante, sua explanação funciona?

— Criança humana — disse o Leão —, onde está o menino?

— Caiu no abismo — respondeu Jill, acrescentando: — ... Senhor. — Não sabia como tratá-lo e seria uma desfeita não lhe dar tratamento algum.

— Como foi isso? (p. 529)

Aslam não está pedindo informação; ele viu Eustáquio cair. E este é o tipo de coisa em que ele está interessado. Ele quer que as pessoas contem partes da história que convenientemente omitiriam se fossem contá-las a alguém mais. Seu interesse é saber se as pessoas confessarão e contarão toda a verdade ou a inventarão para encobrir alguma coisa que possa pegar mal para elas. Como, então, Jill cumpre as exigências?

— Ele estava querendo me segurar, para eu não cair.

— Por que você chegou tão perto do abismo, criança humana?

— Eu queria fazer bonito, senhor.

— Gostei da resposta, criança. Não faça mais isso. (p. 529)

Aslam não deixa que Jill se esquive desta parte da história. Ele a indaga de uma maneira tal que ela é forçada ou a confessar a verdade honestamente ou a contar uma mentira completa. Num gesto louvável, Jill escolhe confessar honestamente e sem escusas. E uma vez que ela confessa, Aslam não repisa o pecado ou suas más consequências. Ele não fica remoendo o assunto com declarações do tipo “Você sabe que Eustáquio teria morrido por causa da sua tolice se eu não aparecesse ali”. Ele simplesmente diz: “Não faça mais isso”. Naturalmente, ainda existem consequências para o pecado de Jill — ela agora tem de aprender por conta própria os sinais para procurar o Príncipe Rilian, e eles chegam tarde demais em Nárnia para obter ajuda de um Caspian já perto da morte. Aslam exige que Jill lide com as consequências, mas ele não fica insistindo no pecado em si mesmo e nem queria que ela insistisse.

Conforme o livro avança, Eustáquio e Jill brigam constantemente um com o outro. Perto do fim do livro, eles finalmente chegam ao fim da busca, mas ficam presos no subsolo e tudo indica que não serão capazes de sair de lá. Eustáquio aproveita a oportunidade para verificar se não há pecado não confessado entre eles:

Mas quando Eustáquio e Jill deram as mãos, ele disse “Adeus, Jill. Perdoe-me por ter sido um medroso e pedante. Espero que você chegue bem em casa”, e Jill disse “Adeus, Eustáquio. Perdoe-me por ter sido desagradável”. E essa foi a primeira vez que eles usaram nomes cristãos, pois não se fazia isso na escola.⁶

Embora eu jamais recomende que se poupe a confissão até que uma situação periclitante surja, é absolutamente correto para Eustáquio e Jill “fazerem as pazes” em uma ocasião assim. A confissão é melhor tarde do que nunca.

Por fim, no final do livro, quando concluem a busca, Eustáquio e Jill encontram-se novamente no país de Aslam, onde o conheceram:

Antes que pudesse respirar fundo, Jill se esqueceu do rei morto de Nárnia e se lembrou apenas de como causara a queda de Eustáquio no penhasco, dos sinais esquecidos, das brigas e impertinências acontecidas. Queria dizer “sinto muito”, mas não conseguia falar. O Leão, com os olhos, puxou as crianças para perto dele e tocou-lhes os rostos pálidos com a língua. E falou:

— Não pensem mais nisso. Não me zango o tempo todo. Vocês cumpriram a missão que lhes foi confiada. (p. 623)

Estar na presença de Aslam naturalmente cria uma postura de confissão em Jill. Ela não lamenta por suas faltas porque tem uma lista de pecados e está verificando metodicamente cada um deles — ela lamenta porque *conhece* Aslam, e o vê fazê-la perceber que ser um tipo de pessoa rixosa é profundamente inconsistente com o caráter dele. Ele não é uma força impessoal por trás de uma lista de leis inanimadas. Ele é uma pessoa, e o pecado pode ser facilmente identificado ao perguntar-se: “Aslam é assim, ou não é?”.

Assim que percebe isso, ela quer confessar todas as coisas que fez de errado, mas é incrível que Aslam a interrompa. Ele conhece o coração dela, e lhe conforta e elogia, em vez de repreender. Esse é o padrão de como Aslam recebe todos aqueles que lhe apresentam confissão honesta. Ele se preocupa com confissão de pecado, mas há sempre algo além disso. Em outras palavras, ser honesto sobre nossas faltas e falhas é como lavar as mãos para jantar, para que

você possa desfrutar da comida com mãos limpas. Imagine, no entanto, se alguém lava as mãos para comer, a todo momento, repetidas vezes, e nunca se sente à mesa. Lavar as mãos é importante, mas o objetivo de estar limpo é desfrutar da refeição.

A ÚLTIMA BATALHA

Perto do fim de *A última batalha*, Manhoso consegue convencer alguns dos narnianos a adorar um falso deus que ele tinha feito ao combinar Aslam com o deus calormano Tash — “Tashlam”. Mais à frente, o comportamento desses narnianos de fato evoca Tash, que é uma criatura má com quatro braços e uma cabeça de abutre. Até esse ponto, Confuso, o jumento, concordava com os esquemas de Manhoso (vestindo-se de pele de leão e pretendendo ser Aslam), não porque é malicioso, e sim porque é ingênuo, fraco e facilmente manipulado. Quando Confuso finalmente vê Tash e se dá conta do mal que ajudou a trazer a Nárnia, ele diz: “Agora percebo como fui um jumento ruim” (p. 678). Num gesto louvável, Confuso não tenta fugir da responsabilidade pelo que fez. Não tenta desculpar-se e colocar toda a culpa em Manhoso. Ele admite, corretamente, que devia ter conhecido Manhoso melhor e o enfrentado.

Outro exemplo de confissão em *A última batalha* é parecido com a “confissão de despedida” de Eustáquio e Jill que vimos anteriormente. Aqui, o rei narniano Tirian e seu fiel unicórnio Precioso verificam se suas pendências estão resolvidas antes de eles partirem para a batalha:

— Precioso, dê-me um beijo — disse ele. — Esta é, com certeza, a nossa última noite aqui na terra. E se alguma vez eu o ofendi de alguma maneira, perdoe-me agora.

— Querido rei — disse o unicórnio —, quase desejaria que isso já houvesse acontecido a fim de poder perdoá-lo agora. (p. 686-87)

Novamente, esse tipo de confissão em circunstâncias desesperadoras não deve ser a norma para nossas vidas, mas mostra novamente que o valor limitado dos servos de Aslam conta. Eles nunca querem se despedir de alguém se existe algum pecado não confessado entre eles.

Confissões falsas

Até aqui, neste capítulo vimos exemplos de confissões boas e honestas. Agora, vamos olhar para o outro lado da moeda e ver como Lewis lida com as confissões falsas.

No início de *A viagem do Peregrino da Alvorada*, Eustáquio ainda é um fedelho impenitente de primeira classe e tem a detestável ideia de agarrar Ripchip — o rato falante de dois palmos de altura — pelo rabo e rodopiá-lo. Mas ele subestima seriamente Ripchip, que se ajeita para sacar sua espada, golpeia a mão de Eustáquio, salta para o convés e o desafia a um duelo por causa da desonra e do insulto que havia feito. Ora, Eustáquio é um falso pacifista covarde e, quando percebe que todos parecem aderir muito a sério à ideia de um duelo, compreende que a única saída é desculpar-se com Ripchip — o que faz “emburrado” (p. 417). Ele não está nem um pouco pesaroso e de fato culpa a todos *menos* a si próprio pelo incidente, de modo que sua confissão é uma completa impostura. Sua tendência de culpar todo mundo continua sendo um dos seus principais defeitos até sua conversão: “Sentaram-se na palha, imaginando o que estaria acontecendo com Caspian. E tentando calar Eustáquio, que queria culpar a todos, menos a si próprio, pelo acontecido” (p. 422).

Em *O sobrinho do mago*, lembre-se de como Aslam levou Digory a confessar seu pecado de brigar com Polly e despertar a feiticeira má. Muito antes dessa confissão sincera, Digory já havia falhado em dar uma desculpa adequada por suas ações. Logo após ele e Polly retornarem para casa do Bosque entre Dois Mundos e sem querer deixarem a feiticeira solta em Londres, Digory pede a Polly que o ajude a consertar a bagunça:

— Vou para casa pelo túnel — disse Polly, com bastante frieza. — É o caminho mais rápido. Se quer mesmo que eu volte, não acha que está na hora de pedir desculpa?

— Desculpa? Mulher é fogo! Que é que eu fiz?

— Oh, nada, é claro! — respondeu Polly, com sarcasmo. — Só torceu o meu pulso como um saca-rolha! Só deu uma martelada no sino como um imbecil de fivela! Só bancou o bestalhão, deixando que ela agarrasse em você lá no bosque! Só isso!

— Oh! — exclamou Digory, muito surpreso. — Muito bem, muito bem, desculpe, desculpe. (p. 44-45)

A primeira reação de Digory é negar que havia feito algo de errado — ele estava completamente cego para os fatos. Somente quando Polly expõe os fatos novamente é que relutantemente admite que ela pode ter razão.

Mais tarde, no mesmo livro, vemos o destino final daqueles que durante toda a vida se recusam a arrepender-se. Quando Tio André entra em Nárnia, ele odeia tudo nela porque é um sujeito mau, e o mundo recém-feito é perfeitamente bom — insuportável para pessoas como ele. Lewis escreve: “Se houvesse ali um buraco de rato, [Tio André] já teria sumido por ele” (p. 57). Todavia, uma vez que não havia buraco de rato algum, Tio André precisa fazer a segunda melhor coisa: colocar as mãos nos ouvidos e mentir para si mesmo. Mais tarde, ele fica repetindo para si mesmo “animais não podem falar”, até que finalmente se obriga a acreditar nisso. Desse ponto em diante, sempre que um animal fala, Tio André ouve apenas rugido, rosnado ou gorjeio. Desligou-se da realidade. Como Aslam diz: “Oh, Filhos de Adão, com que esperteza vocês se defendem daquilo que lhes pode fazer o bem!” (p. 91). O que Tio André precisa é de uma honestidade pura e franca. Ele precisa confessar suas maldades e reconhecer a bondade de Aslam. Em recusando, mostra que prefere viver em autoengano a fazer isso. Seu castigo é nada mais do que Aslam ter concedido o seu desejo.

Já falamos um pouco sobre o pedido de desculpas sincero de Pedro a Lúcia no início de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, quando descobre que ela estava falando a verdade sobre Nárnia ser um lugar de verdade. Aqui, quero focar mais no falso pedido de desculpas de Edmund. Quando chega por acaso pela primeira vez em Nárnia, Edmund acha que Lúcia está ao alcance da sua voz, então grita por ela. Quando ela não responde:

“Isso é mesmo coisa de menina. Embirrada num canto por aí, não querendo aceitar minhas desculpas”. (p. 114)

Ele está em pé no meio do bosque, e Lúcia não está à vista. Tanto quanto ele sabe, pode ser que ela esteja perdida ou tenha sido devorada por um urso. Mas ele logo conclui precipitadamente que ela está amuada. Isso mostra duas coisas: primeiro, que seu pedido de desculpas é inadequado, constituído de algumas palavras certas, mas nenhuma profundidade de sinceridade; e segundo, que ele está

tentando culpá-la pelo mau procedimento, assim como tirar o foco de suas falhas o mais rápido que puder.

Quando ele finalmente se encontra com Lúcia, será que sua atitude muda em algo?

— Tudo bem —, disse Edmundo. — Vejo que você estava certa. É mesmo um guarda-roupa mágico. Posso pedir desculpas, se você quiser. Mas onde diabos você se meteu esse tempo todo? Procurei você por toda parte.⁷

Esse pequeno “se você quiser” fala por si. Significa que Edmundo não está reconhecendo nenhum delito real, e está insinuando que só pedirá desculpas se ela explicitamente pedir que ele peça — e (ele insinua) que provavelmente seria algo muito insensato e egoísta da parte dela. Ele está tentando forçá-la a *exigir* um pedido de desculpas, pintando-a (em sua própria mente) como um tipo de pessoa difícil que se ofende com muita facilidade e precisa que se lhe façam a vontade. Novamente, ele não está sendo honesto ou assumindo a responsabilidade; está tentando tirar o foco de si ao insinuar que o problema, de fato, é ela. E percebe que ele sequer espera a réplica — ele imediatamente exige saber onde ela esteve (novamente, como se o fato de eles ficarem separados todo aquele tempo fosse culpa dela).

Visto que se recusa a pedir desculpas com sinceridade, Edmundo age com crueldade e trai sua irmã ao simular para os outros que ele e Lúcia estavam apenas brincando.

— Pois vamos. Estou feliz por você ter vindo. Agora eles têm de acreditar. Vai ser engraçado...

Edmundo achou que não seria tão engraçado para ele. Teria de confessar, perante os outros, que Lúcia estava certa, e é claro que Pedro e Susana tomariam logo o partido dos faunos e dos animais. E ele estava quase inteiramente do lado da feiticeira. (p. 120)

Edmundo sabe que, se contar a verdade, terá de dizer que estava errado perante Pedro e os demais. Ele também suspeita que sua afiliação à Feiticeira Branca virá à tona mais cedo ou mais tarde, e quer manter isso encoberto tanto quanto for possível.

Portanto, o pedido de desculpas frouxo e falso de Edmundo não faz nada senão maquiar seus fingimentos imorais e orgulho. A lição aqui é que pedidos de desculpa só são verdadeiros se forem completamente sinceros e humildes.

Outra lição importante que Nárnia ensina sobre confissão é esta: confesse seus próprios pecados, não os do seu próximo. Já falamos sobre a confissão sincera de Pedro em *O Príncipe Caspian*, quando ele admite que não acreditou que Lúcia realmente tinha visto Aslam. Mas, na mesma passagem, a própria Lúcia (que estava certa o tempo todo) comete um deslize e começa a culpar os outros:

— Que vergonha, não acha? Tinha certeza de que era você. Mas eles não quiseram acreditar... São todos uns...

Lá muito de dentro, das próprias entranhas de Aslam, veio qualquer coisa que, vagamente, sugeria um rosnar de impaciência. (p. 358)

Em vez de deixar que os outros confessem seus próprios pecados a Aslam, Lúcia, aqui, os está revelando e exibindo diante de si, basicamente dizendo “Eu fui obediente o tempo todo, mas *eles* não!”. Aslam não tolera esse tipo de conversa; não quer seus servos confessando os pecados de outras pessoas.

Aslam não para aí — precisa mostrar a Lúcia que ela não era tão obediente assim:

— Desculpe! — disse Lúcia, ao entender tudo. — Não queria pôr a culpa nos outros. Mas a verdade é que a culpa não foi minha.

O Leão fitou-a bem nos olhos.

— Oh, Aslam, acha que eu errei? Como é que eu... podia deixar os outros e vir sozinha encontrar-me com você? Não olhe para mim desse jeito... bem... de fato... talvez eu pudesse. (p. 358)

Lúcia não apenas tentou confessar os pecados dos outros — ela tentou fazê-lo quando ela mesma tinha pecado não confessado. Ela deveria ter obedecido e seguido Aslam, mesmo que os outros não lhe dessem crédito. Ela tenta convencer-se de que nada de ruim que aconteceu foi culpa dela, mas na verdade ela também tinha parte da culpa.

Conclusão

É notável com que frequência o tema da confissão se revela em Nárnia. Os temas centrais que interligam todos eles são estes: primeiro, que a boa confissão é sincera e humilde, e isso significa que você não deve inventar, encobrir, minimizar ou dar desculpas; segundo, que Deus perdoa completa e imediatamente aqueles que confessam com sinceridade; e terceiro, que cada pessoa é responsável por confessar seus próprios pecados — não os do seu próximo.

O que é digno de nota também é a capacidade de Lewis de pegar um assunto como “confissão de pecados” e fazer com que as lições certas surjam naturalmente enquanto conta as histórias. Quando você aprende sobre confissão de pecados em Nárnia, não está sentado na igreja ouvindo um sermão, participando de uma conferência ou fazendo um curso de cristianismo prático na escola. É claro que tudo isso são coisas boas de fazer, mas o método de ensino e como aplicá-lo é diferente quando você aprende por meio de uma história.

Quando aprende algo com uma história, você não pensa algo como “Bem, não posso deixar de seguir o processo de cinco passos para fazer uma boa confissão de pecados... eita, fiz o quarto passo novamente!”. Em vez disso, você aprende que, em algum lugar lá no fundo, você não quer ser um Edmund — você quer ser um Pedro. Você não quer apontar o dedo, como Lúcia fez quando os outros não quiseram acreditar que ela viu Aslam. Você entende que usar desculpas manifesta pobreza de caráter, pois foi assim que Eustáquio agiu. Você quer contar a história inteira, e não amenizar suas próprias falhas, pois foi assim que Digory e Polly agiram com Aslam. Quanto mais que você lê histórias como essa, mais essas lições se assentam nos seus ossos e mais você se vê como um personagem em sua própria história. É um exercício muito bom de vez em quando parar e pensar: “Se minha vida fosse uma história, estou sendo um personagem admirável neste exato momento ou não?”. É incrível quantas camadas de autojustificação mesquinha essa ideia sozinha pode remover.

É por isso que eu incentivaria você a ler e reler essas histórias repetidas vezes, e modelar seu comportamento de acordo com os personagens que você admira.

Quando você precisar de uma orientação sobre o que fazer quando tiver alguma briga na escola, ou se seus pais lhe indagarem sobre um incidente no qual você esteve envolvido e você está tentado a esconder o que quer que possa pegar mal para você, você saberá quase que instintivamente o que fazer. E quando estiver tentado a fazer a coisa errada também, você deveria lembrar de Aslam e da “vaga sugestão de um rosnar”.

No início deste capítulo, eu disse que a confissão de pecados podia parecer um assunto cansativo. A esta altura, você deve ter percebido que não é bem assim. A confissão sincera possibilita que pessoas imperfeitas vivam em comunhão umas com as outras como amigos, irmãos, pais, filhos e vizinhos. Sem confissão, o pecado acumulado só se fortalece, até que destrua relacionamentos e vidas. Confissão e perdão, longe de serem assuntos cansativos de aprender, são as lições mais fundamentais e libertadoras da vida cristã, e sou profundamente grato que as histórias de Nárnia sejam capazes de ensiná-las de um modo tão claro, eficaz e vibrante.

-
4. “Reconheço a culpa de tudo”, na tradução de Paulo Mendes Campos. [N. do T.]
 5. Esse trecho inteiro foi traduzido apenas como “Não valeu a pena ter-me irritado tanto”, na tradução de Paulo Mendes Campos (p. 511). [N. do T.]
 6. Esse trecho inteiro foi omitido na tradução de Paulo Mendes Campos. Ele deveria estar na página 603, após a frase “Desceremos sem seguida à cidade e aceitaremos o nosso destino” e antes de “O príncipe abriu a porta, e desceram as escadas”, no capítulo 13 de *A cadeira de prata*. [N. do T.]
 7. “Pois é, vejo que você tinha razão: afinal o guarda-roupa é mesmo mágico. Desculpe. Mas onde esteve esse tempo todo?”, na tradução de Paulo Mendes Campos (p. 119). [N. do T.]



CAPÍTULO 3

NOBREZA

NOBREZA É UMA PALAVRA cujo significado basicamente se perdeu em nossa cultura. O que significa ser nobre? Semelhantemente a conceitos como autoridade e confissão, existem os dois lados da moeda — uma nobreza verdadeira e uma falsa. Existem, também, personagens sem nenhum tipo de nobreza. O Rei Pedro é um exemplo de nobreza verdadeira. Jadis de Charn possui certa majestade que podemos confundir com nobreza, mas, no fundo, é fétida e vazia. E Eustáquio, quando o encontramos pela primeira vez, é a quintessência da criança moderna, absolutamente destituída de qualquer conceito de nobreza.

O conceito de nobreza é estranho para muitos americanos hodiernos. Somos como Shasta em *O cavalo e seu menino*, que “ignorava como as pessoas nobres e livres procedem” (p. 224). Ora, Shasta, como você deve lembrar, é um príncipe de Arquelândia que fora criado desde a infância como um camponês calormano, o filho adotivo de um pescador. Após fugir com Bri, Huin e Aravis, ele visita a capital calormana Tashbaan pela primeira vez e fica encantado com seu tamanho e prosperidade. Ele também tem o seu primeiro vislumbre dos narnianos (a quem considerou forasteiros), e essa visão o impressionou de um modo bastante diferente.

Quase todos estavam com as pernas nuas até os joelhos. Trajavam túnicas de tecidos de cores vivas e reluzentes: verde, amarelo, azul. Em lugar de turbantes usavam capacetes de aço ou de prata, alguns adornados de joias, e um com asinhas de cada lado. Alguns vinham de cabeça descoberta. As espadas que usavam eram retas, e não encurvadas como as cimitarras dos calormanos. Não eram graves e soturnos como a maioria dos calormanos: caminhavam descontraídos, conversando e rindo. Um

deles assobiava. Via-se que eram homens dispostos a fazer amizade com pessoas amáveis e pouco se importavam com as que não o eram. Shasta nunca vira algo tão simpático em toda a sua vida. (p. 217)

Lewis está fazendo um contraste bastante acentuado aqui entre as sociedades narniana e calormana, e ele está tentando criar uma imagem da verdadeira nobreza. A civilização calormana está cheia de grande poder, riqueza e realizações impressionantes, mas está completamente sujeita à autoridade opressiva de Tisroc e do deus Tash. Como vimos no capítulo anterior sobre autoridade, ela é uma sociedade de escravos. Os narnianos certamente têm e exercem autoridade também, mas é a autoridade da lei sobre um povo livre, não a autoridade de um líder supremo sobre seus servos. Os narnianos passeiam pelas ruas — inclusive seus reis e rainhas —, mas os poderosos senhores e senhoras da Calormânia são carregados em liteiras por seus escravos, obrigando a gente do povo a abrir caminho por onde quer que eles passem. Os calormanos cultivam uma espécie de altivez ameaçadora; anteriormente, Shasta notara a coleção de “imensas estátuas dos deuses e heróis dos calormanos — mais imponentes do que simpáticas” (p. 216). Os calormanos são impressionantes porém opressivos. Os narnianos, em contrapartida, são arrojados embora amigáveis e abertos. A nobreza calormana diz: “Eu sou melhor do que você, portanto saia do meu caminho!”. A nobreza narniana diz: “Vamos passear juntos, pois eu sou livre, e você também”.

A nobreza é feliz

Outro fato que fica evidente dessa descrição é que a nobreza narniana é feliz. É vergonhoso que a maioria de nós só use a palavra *feliz* para dizer “Feliz Natal” uma vez por ano. Ser feliz é uma virtude cristã tão importante que realmente devíamos usar essa palavra com mais frequência. Em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, o navio aporta nas Ilhas Solitárias, onde eles encontram Lorde Bern, um dos amigos perdidos do pai de Caspian. Lewis descreve a família de Bern assim: “Bern, sua simpática esposa e suas encantadoras filhas acolheram os visitantes com alegria” (p. 424). Pouco tempo depois, Caspian liberta as ilhas dos burocratas rabugentos, gananciosos, negligentes e tirânicos que as haviam governado outrora, e nomeia Bern como duque no lugar dele. Pode-se dizer que Lewis não gosta muito de governantes e burocratas; eles são desprovidos de nobreza. O que as Ilhas Solitárias precisam, de acordo com Lewis, não é de um burocrata enfadonho, mas de um duque nobre com uma família feliz que gosta de dar gargalhadas ao redor da mesa de jantar.

No final de *O cavalo e seu menino*, percebe-se como Lewis descreve o banquete real do Rei Luna para celebrar a derrota de Rabadash:

O vinho jorrava, contavam-se histórias, faziam-se gracejos; então fez-se silêncio, e o poeta do rei, acompanhado por dois tocadores de rabeca, foi para o centro do picadeiro. Aravis e Cor prepararam-se para uma chatice, pois só conheciam a poesia dos calormanos, e agora você já sabe de que tipo ela é. (p. 286)

Ele está fazendo referência a uma passagem anterior em que a poesia narniana e arquelândiana é descrita como emocionante — tudo se resume a “amor e guerra” —, ao passo que a poesia calormana era lânguida e chata — apenas “máximas e ditos úteis” (p. 243). Então, Aravis e Cor são surpreendidos quando veem que a poesia é de fato não apenas compreensível, mas também cheia de alegria e enlevo. Lewis, mais uma vez, nos mostra que a nobreza não diz respeito a ser sério e escrupuloso o tempo todo — ela tem a ver com piadas, poemas, dança, música e festa.

Quero abrir um breve parêntesis com relação ao contraste que Lewis faz entre Nárnia e a Calormânia. Para alguns leitores modernos, é tentador objetar que Lewis está sempre apresentando os calormanos na pior perspectiva possível

porque ele tem reservas quanto às culturas orientais e quer mostrar os ocidentais como superiores em comparação. Embora haja algo de verdade nisso (Lewis *considera* o ocidente cristão superior e não tem medo de admitir isso), é justo notar que ele faz alguns contrastes que vão na direção oposta. Por exemplo, na passagem abaixo ele ressalta a deficiente cultura de contar histórias no ocidente comparada às culturas orientais (que os calormanos representam):

Na Calormânia, aprende-se a contar uma história (seja ela verdadeira ou inventada), assim como você aprende na escola a fazer redações. A diferença é que as pessoas gostam de ouvir histórias, mas nunca soube de alguém que gostasse de redações. (p. 206)

Nobreza e aparência

A nobreza afeta até mesmo a aparência das personagens. Em *A cadeira de prata*, quando as duas crianças, o Brejeiro e o Príncipe Rilian, escavam um túnel subterrâneo e desembocam direto na dança narniana da neve, os narnianos imediatamente reconhecem Rilian como nobre.

[...] Tinham visto Rilian. [...] Apesar de pálido, depois do longo cativeiro nas Terras Profundas, vestido de preto, empoeirado e cansado, havia no seu rosto alguma coisa que não enganaria ninguém. Essa coisa existia no rosto de todos os verdadeiros reis de Nárnia, que governam em nome de Aslam, coroados em Cair Paravel, no mesmo trono de Pedro, o Grande Rei. (p. 617)

A nobreza de coração e mente está refletida na aparência externa de Rilian; o estado do coração e da mente de uma pessoa revela o seu aspecto para além do nível físico.

Mas há o outro lado também — personagens ignóbeis começam a ficar cada vez mais desagradáveis. Em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, quando Edmundo entra pela primeira vez em Nárnia, a primeira pessoa que ele encontra é a Feiticeira Branca, que deseja usá-lo para encontrar seus irmãos a fim de matá-los e evitar a profecia de sua derrocada. Então, ela o adula, dá-lhe de comer Manjar Turco encantado e manipula a atitude egoísta e amarga dele para com o irmão e as irmãs até que ele concorde em trazê-los todos para a casa dela. Mais adiante, quando ele escapole da casa dos castores para delatar seus irmãos à feiticeira, o Sr. Castor diz:

É triste dizer-lhes isso, porque, afinal de contas, é irmão de vocês, mas foi só olhar para ele e disse cá comigo: “Este é um traidor”. Tinha todo o ar de já ter encontrado a feiticeira e comido dos seus manjares encantados. (p. 140)

A deslealdade é uma das formas mais elementares de rejeitar a nobreza, e a traição de Edmundo é rapidamente estampada em seu rosto.

Uma das funções de uma boa história é deixar certas coisas explícitas, visíveis e óbvias, as quais são mais difíceis de ver no mundo real. Lewis sabe como fazer isso, e é por isso que a nobreza e a traição podem ser reconhecidas de imediato em Nárnia. Naturalmente, o mesmo é muitas vezes verdade em nosso mundo também, mas aqueles que discernem isso precisam ser cuidadosos em guardá-lo

consigo mesmos. Eles podem ser processados por prática discriminatória de “aspectofobia”.

Nobreza e lealdade

Pessoas nobres sempre mantêm sua palavra. Em *O Príncipe Caspian*, lembre-se que Nikabrik, o anão, começa do lado de Caspian; mais adiante, porém, vemos que ele está, na verdade, apenas cuidando de seus próprios interesses e do seu clã de anões. Quando isso começa a ficar claro, alguém o lembra de que ele fez um juramento de lealdade a Caspian. Em resposta a isso, ele debocha: “Medidas da corte!” (p. 370). Em outras palavras, ele faz pouco caso de seus juramentos e lealdades e os considera como nada mais do que palavras vazias, e zomba daqueles que acham que tais formalidades têm algum significado. Não se pode dizer o mesmo de uma pessoa nobre, que sempre manteria suas palavras e lealdades.

Nobreza e sacrifício

No capítulo um nós já vimos que a autoridade exige autossacrifício, mas o mesmo é verdade em relação à nobreza. E assim como com a autoridade, Aslam dá o exemplo mais claro e a definição suprema de nobreza. Em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, Aslam — a figura mais nobre na história — se sacrifica no lugar de Edmundo, que é, nessa altura da narrativa, o personagem mais infame.

O homem moderno esqueceu-se disso. Nós, modernos, tendemos a pensar na “nobreza” como algo que envolve aristocratas autocentrados andando por aí com seus narizinhos empinados. Muitos cristãos, inclusive, perderam de vista o que essa palavra significa, apesar de o apóstolo Paulo nos dizer, em Filipenses 4.8, que ocupemos o nosso pensamento com “tudo o que for verdadeiro, tudo o que for *nobre*, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama” [NVI]. Nessa passagem, somos ordenados incontinentemente a lutar pela nobreza e admirar o que é nobre.

Mas o diabo tenta confundir-nos difamando-a; ele quer que pensemos que a nobreza descreve o tipo de pessoa metida e orgulhosa, que não quer se misturar com a gentinha. E isso vira uma desculpa fácil para encobrir a iniquidade — “Não quero ser como esse almofadinha que pensa que é melhor que os outros”. É óbvio que essa nobreza orgulhosa é uma impostura. Pense nisso por um momento: o que a *impostura* significa, e por que as pessoas agem assim? Falsificar é fazer uma cópia falsa de algo valioso. Criminosos falsificam dinheiro porque conseguem comprar bens de verdade com ele. Mas ninguém penetra no depósito de um supermercado para falsificar sacolas plásticas, pois elas não valem nada. Ora, seria muito ingênuo pensar que centenas de notas de dólar não valem nada porque notas falsas existem. Ao contrário, a própria existência das falsas prova que as originais *valem* algo. Do mesmo modo, o fato de que a falsa nobreza existe não deve nos levar a rejeitar a verdadeira; antes, deve lembrar-nos quão valiosa a verdadeira nobreza realmente é. E, voltando ao nosso ponto principal: a falsa nobreza é pomposa, enquanto a verdadeira é sacrificial.

O Príncipe Rilian é um bom exemplo desse sacrifício. Quase no fim de *A cadeira de prata*, ele, Eustáquio, Jill e o Brejeiro são mergulhados no mundo

Subterrâneo e rodeados de hostes de gnomos, e não estão seguros se vão sair dali vivos.

— Mas os outros todos não vão cair sobre nós para salvar o companheiro? — perguntou Jill, esforçando-se para que sua voz não saísse trêmula.

— Se acontecer isso, minha dama, morreremos em combate para protegê-la; encomende-se, pois, à proteção do Leão. (p. 605)

Rilian está em uma situação muito perigosa, mas seu primeiro pensamento não é em si mesmo. É em proteger, com sua vida, a dama mais próxima dele. Os narnianos são sempre cavaleiros, e o cerne do verdadeiro cavalheirismo é o autossacrifício.

Situação semelhante aparece em *O cavalo e seu menino*. Lembre-se de que Rabadash, o príncipe calormano, visitara Cair Paravel e estava tentando cortejar a Rainha Susana. Em um gesto diplomático, os reis e rainhas narnianos e sua comitiva fazem uma visita de acompanhamento a Tashbaan. Ora, enquanto Rabadash se houvera extremamente encantador quando esteve em Nárnia, seu verdadeiro caráter é revelado em sua terra natal, e a Rainha Susana decide que jamais poderia considerar casar-se com ele. Mas, quando Rabadash descobre, todos percebem que as coisas vão ficar feias, e as perspectivas para o pequeno grupo de narnianos, isolados na capital da Calormânia, não parecem boas. Isto é o que o Rei Pedro tem a dizer:

“Eles teriam de passar sobre os nossos cadáveres para chegar à rainha”. (p. 223)

Não há hesitação alguma; o primeiro instinto de uma pessoa nobre é cumprir o seu dever, mesmo que isso signifique sacrificar a própria vida em favor da do outro.

Temos um terceiro exemplo em *A última batalha*. Cair Paravel sucumbira diante dos calormanos, e Tirian, o último rei de Nárnia, recebe uma mensagem de Passofirme, o centauro, que tinha acabado de morrer em batalha. O mensageiro diz:

Estive com ele no seu derradeiro momento e ele mandou esta mensagem para Vossa Majestade: “Lembre-se de que todos os mundos chegam ao fim. E uma morte nobre é um tesouro que ninguém é pobre demais para comprar”. (p. 682)

Você não precisa ser um rei, ou um homem rico, ou qualquer tipo de grande líder para ser nobre desse jeito. Nobreza não diz respeito a riqueza; diz respeito a que tipo de pessoa que você é e que tipo de ações você pratica.

Nobreza como dom

Temos visto, até agora, como a nobreza envolve dever, sacrifício, folia e liberdade. Aqueles que estão se tornando nobres estão seguindo o exemplo de Aslam, mas também é importantíssimo notar que essas pessoas não são capazes de fazer isso pelas próprias forças. A capacidade de seguir Aslam fielmente é, em si mesma, um dom dele.

Em *O Príncipe Caspian*, quando os narnianos estão lentamente perdendo o cerco para o poderoso exército de Miraz, eles concluem que tentar pôr um fim à batalha mediante um único embate — Pedro *versus* Miraz — é a melhor chance deles. Como seria de esperar, as chances dessa tentativa colar são mínimas, pois só se Miraz estivesse louco para abrir mão da superioridade numérica de seu exército e arriscar pôr tudo a perder no desenlace de um duelo único. Mas Edmundo é enviado para propor o desafio, e, por fim, os conselheiros desleais de Miraz o incitam a aceitá-lo mediante a insinuação de que ele perderá o respeito caso recuse lutar com um simples menino. Para o meu argumento agora, a peça chave dessa passagem é a maneira como Aslam transmite uma nobreza visível a Edmundo a fim de levar em conta a sua mensagem: “Aslam soprara sobre ele, e uma grandeza qualquer o envolvia” (p. 377). Quando os conselheiros de Miraz o veem, dizem: “Aqui pra nós, tem um ar bem mais majestoso do que Miraz” (p. 377).

A Bíblia usa uma linguagem similar em muitos lugares. Deus deu “majestade” a Salomão (1 Cr 29.25). Isso foi para mostrar ao povo que Salomão não era só um homem sentado em um trono que, de algum modo, ludibriou-os para que pensassem que ele tinha uma autoridade verdadeira. Antes, Deus lhe deu o espírito de governo. A nobreza é um dom de Deus, não algo que podemos forjar dentro de nós.

Nobreza e humildade

Nossos estereótipos de “nobreza” tendem a associá-la com o orgulho. Mas isso só é verdade em relação à falsa nobreza; a verdadeira nobreza é sempre humilde. A expressão antiga *noblesse oblige*, que significa “a nobreza obriga”, capta muito bem essa ideia. Posição é mais uma questão de responsabilidade do que de privilégio.

Quando (em *A viagem do Peregrino da Alvorada*) Eustáquio, Lúcia e Edmund vão dar em Nárnia através de um quadro na parede, eles são arremessados fora do oceano no navio de Caspian. Ora, trata-se de um pequeno navio sem muitos camarotes privativos, mas Caspian é o primeiro da fila a humilhar-se concedendo o seu a Lúcia. Mesmo quando o Lorde Drinian, o capitão do navio, pede que Caspian não ocupe um camarote inferior, este insiste. Um rei orgulhoso teria mandado um de seus subalternos mudar de lugar, murmurando que “reis possuem certos privilégios, afinal de contas”, mas Caspian não faz esse tipo — ele voluntariamente ocupa o lugar inferior, o lugar que, aos olhos do mundo, possui menos honra.

O caráter infame de Eustáquio está em contraste direto com o de Caspian. Em uma das passagens mais engraçadas do livro, Lewis nos fornece excertos do diário de Eustáquio, no qual vemos que ele não tem respeito pelo ofício nobre de Caspian: “É chamado de rei. Disse-lhe que eu era republicano, e perguntou-me o que vinha a ser isso!!! Acho que não entende nada de nada” (p. 415). E vemos a mesma falta de nobreza na atitude de Eustáquio para com as mulheres, enquanto ele descreve como se opôs ao tratamento preferencial que Caspian deu a Lúcia: “C. [Caspian] diz que é por se tratar de uma moça. Tentei explicar-lhe o que Alberta [mãe de Eustáquio] sempre diz, que esse tipo de coisa inferioriza as moças, mas não conseguiu entender” (p. 415). Eustáquio gostaria de acreditar no modelo de igualdade de gênero que exigisse o mínimo de sacrifício pessoal da parte dele. Em seu mundo perfeito, ele “honraria” as mulheres não lhes dando tratamento preferencial. Ele está tentando transformar seu egocentrismo no ideal moral superior da “justiça para todos”.

A falsa nobreza de Jadis

Mencionei anteriormente neste capítulo que Jadis é uma personagem que alguém poderia considerar nobre, e pretendo explorar isso adiante. Antes de mais nada, que espécie de lugar era o seu reino, Charn? Quando Digory e Polly chegam lá, eles deparam com um mundo velho e morto com um sol vermelho gigante. A descrição que Jadis faz de sua antiga glória nos fornece uma boa imagem de como esse mundo se parecia sob seu governo:

“Esta é a entrada do calabouço”, “Esta passagem conduz à principal câmara de torturas”, “Este é um antigo salão de banquetes, onde meu bisavô recebeu setecentos convidados e matou a todos, antes que terminassem de beber. Tinham ideias subversivas”. (p. 36)

— Está em silêncio agora. Mas aqui estive quando o ar vibrava com o estrépito de Charn; o soar dos pés, o ranger das rodas, o estalido dos chicotes, os gemidos dos escravos, o fragor das carruagens, os tambores dos ritos de sacrifício ressoando nos templos. (p. 37)

Charn claramente era uma grandessíssima cidade. Não somente enorme, mas repleta de arquitetura e riqueza impressionantes. Contudo, ela não possuía nada da verdadeira nobreza de Nárnia, pois é mero poder sem bondade. É cruel. Quando Digory e Polly olharam todas as imagens de reis e rainhas de Charn, as anteriores pareciam pessoas amáveis e graciosas; as posteriores ainda pareciam nobres, mas cruéis; e na ponta da linha estava Jadis, a mais cruel de todas.

Você não pode desprezar ou subestimar Charn, mas Lewis, não obstante, retrata a ela e a sua monarca como sendo muito más. O ponto culminante do poder e do mal de Jadis foi o uso da Palavra Execrável — uma palavra que, se usada por um mago poderoso, destruiria todas as coisas vivas, menos a pessoa que a pronunciasse [p. 38]. Ora, todos os grandes e poderosos de Charn haviam concordado que, independentemente do quanto eles lutassem entre si, ninguém jamais usaria essa arma específica. E ninguém usou, até que Jadis travou uma grande guerra civil contra sua irmã. Esta atacou a cidade, depois o palácio e, por fim, o próprio terraço onde Jadis aguardava. Mas no exato instante em que parecia que ela havia triunfado, Jadis pronunciou a Palavra Execrável. Em vez de perder o reino, ela preferiu aniquilar toda a vida de seu planeta.⁸

Embora Lewis deixe muito claro que Jadis é uma pessoa má, ele não a transforma em uma caricatura. Ela não se parece com a “bruxa de Halloween”

que você pode estar pensando — feia, chapéu preto pontudo, narigão verrugoso e assim por diante. Pelo contrário, assim como o reino de Charn, ela é bonita, forte e esplêndida a tal ponto que podemos confundir isso com distinção e nobreza. E quando é transportada de volta para Londres, ela fica ainda mais assim:

Em Charn já parecera alarmante; em Londres, era de meter medo [...]. No entanto, a altura da rainha não era nada comparada à sua beleza, impetuosidade e selvageria. Parecia dez vezes mais cheia de vida do que a grande parte das pessoas que a gente encontra em Londres. (p. 42)

Fazer algo em grande escala não é a mesma coisa que nobreza. Isso é o que pode ser chamado de conceito “efeitos especiais” de nobreza, mas é mero espetáculo. Se as explosões forem grandes o suficiente, achamos que é um filme bom. Se um estádio for espaçoso o suficiente, achamos que os atletas são magníficos. Se houver *lasers* e gelo seco o suficiente, achamos que a banda sabe tocar. Mas a nobreza é algo qualitativo, nunca quantitativo — de jeito nenhum.

Embora possamos reconhecer isso, perceba como Lewis nos faz parar e pensar sobre quão bonita, vigorosa, esplêndida e grande Jadis é. Este pode parecer um modo surpreendente de um escritor cristão descrever uma feiticeira má, mas é completamente bíblico. A Escritura diz que Satanás parece um “anjo de luz” (2 Co 11.14). Se Satanás parecesse um Gollum da vida, ou talvez um diabo dos desenhos animados, com tridente, chifres e rabo, poderíamos ser tentados a rir ou desdenhar dele. No entanto, se víssemos a criatura como ela é, diz a Escritura, provavelmente ficaríamos tentados a prostrar-nos diante dela e adorá-la. Lewis está ensinando uma lição muito importante aqui: o mal nem sempre é vulgar e abominável; na realidade, os tipos mais tentadores de males mostram-se bonitos, vigorosos, libertadores, esplêndidos e nobres por fora. Precisamos estar atentos ao mal que parece nobre, mas não é.

INIMIGOS NOBRES

Um dos ensinamentos mais surpreendentes da Bíblia é que temos deveres para com nossos inimigos, mesmo os inimigos de guerra que podemos estar tentando matar. Os cristãos são orientados a amar seus inimigos, embora também seja possível um cristão ser um soldado e fazer uso da força letal. É bastante óbvio que um soldado tenha deveres e responsabilidades para com seu comandante e

colegas de farda, mas ele também tem deveres e responsabilidades para com seus inimigos. Meu pai, que serviu na Marinha por muitos anos, certa vez conheceu um grupo de pilotos de guerra cristãos que promoviam reuniões de oração antes de voarem numa missão, e eles sempre oravam pelos inimigos que estavam prestes a combater. E eles oravam algo no sentido de “Por favor, Senhor, proteja-os de nós caso alguns deles estejam sendo atraídos para Ti ou possuam um interesse nas coisas espirituais”.

Esse tema aflora diversas vezes nas histórias de Nárnia. Um bom exemplo é Emeth, o nobre guerreiro calormano que aparece perto do final de *A última batalha*. Ele foi um servo do falso deus Tash por toda a sua vida, mas sempre foi nobre e honrado. Visto que o mundo está acabando, ele atravessa a porta do estábulo e encontra-se na Nárnia derradeira e glorificada — a visão de Lewis do paraíso — e encontra Aslam, que o corrige e o aceita como filho. Emeth recebe essa mensagem alegremente e converte-se do culto a Tash para o culto a Aslam. O que ele diz mais tarde aos narnianos é interessante:

— Senhor — disse, dirigindo-se a Pedro —, não sei se és meu amigo ou meu inimigo. De qualquer forma, é uma grande honra encontrá-lo. Como disse um poeta, “um inimigo nobre é a melhor dádiva depois de um amigo nobre”. (p. 724)

Embora, naturalmente, sempre prefiramos ter amigos nobres, a segunda melhor coisa é um inimigo nobre — muitas vezes —, pois descobrimos que é muito mais fácil ter um inimigo nobre convertido em um amigo.

Quando Pedro e Miraz estão lutando até à morte em *O Príncipe Caspian*, Pedro nunca esquece que tem deveres até mesmo para com aquele assassino. Quando Miraz tropeça e cai, Pedro podia ter acabado com ele, mas seu primeiro instinto é recuar e deixá-lo se levantar. Os narnianos, vendo isso, inicialmente ficam um pouco descontentes: “Ora bolas, ora bolas! Que ideia é essa de ser tão delicado?”⁹. Ainda que Pedro esteja tentando matar Miraz, ele tem a nobreza de garantir que seja uma luta justa.

Ainda em *O Príncipe Caspian*, vemos novamente a nobreza dos narnianos na maneira como eles tratam seus prisioneiros telmarinos. Em primeiro lugar, eles os tratam “firmemente, mas sem insultos ou pancada” (p. 391). Embora tenham todo poder sobre aqueles prisioneiros (e teriam tido o direito de matá-los

algumas horas antes, na batalha), eles cultivam respeito para com eles e garantem que estes mantenham sua dignidade. Em segundo lugar, em vez de exilá-los, Aslam dá-lhes a escolha de permanecer em Nárnia e viver pacificamente ao lado dos antigos narnianos, ou retornar para as ilhas do Mar do Sul em nosso mundo, de onde eles originalmente vieram. Desse modo, a despeito dos males que os telmarinos tinham causado aos antigos narnianos, estes não pagavam o mal por mal. Eles vencem a guerra e cumprem o objetivo de colocar o rei legítimo (Caspian) no trono, mas depois dão meia-volta e dispensam aos seus inimigos um tratamento justo.

Até mesmo os inimigos mais desprezíveis e traiçoeiros devem, mesmo assim, ser combatidos com nobreza. Em *A última batalha*, uma das cenas mais memoráveis é aquela dos anões traindo Nárnia com gritos de “vivam os anões!” e depois atirando tanto em cavalos calormanos como em cavalos narnianos indiscriminadamente. É um ato indescritível.

Eram os anões que atiravam — e (no primeiro instante, Jill mal podia acreditar nos próprios olhos), o que é pior, atiravam contra os cavalos. [...]

— Porquinhos miseráveis! — estourou Eustáquio, tremendo de raiva. — Gentinha imunda, nojenta, brutinhos traidores! [...]

O rei, porém, cujo rosto estava rígido como uma rocha, respondeu:

— [...] Você, Eustáquio, controle-se e não fique aí xingando feito um moleque de rua! Um guerreiro nunca diz palavrões. Palavras corteses e golpes duros são sua única linguagem. (p. 700)

Lewis, através de Tirian, está dizendo que não apenas *por que*, mas *como* você luta é importante. O que quer que seus inimigos façam, eles não devem ser capazes de reduzir seu caráter ao nível ignóbil do deles. Você precisa permanecer nobre e ainda tem os mesmos deveres para com eles do que teria para com um inimigo mais nobre.

Embora Tirian esteja fazendo essa repreensão aqui, mais cedo no livro ele próprio falhou em tratar seus inimigos de forma nobre. Lembre-se de que ele e seu unicórnio Precioso surpreenderam um par de calormanos derrubando bosques narnianos e usando cavalos narnianos escravizados para fazerem o trabalho para eles. Quando Tirian percebe o que está acontecendo, ele e Precioso

ficam furiosos e os matam imediatamente. Tendo feito isso, sua consciência o golpeia:

Atacá-los desprevenidos... Sem desafiá-los... E, ainda por cima, desarmados... Que vergonha! Somos dois assassinos, Precioso. Estou desonrado para sempre. (p. 644)

Em outras palavras, ele devia tê-los desafiado primeiro, denunciado os seus crimes e trazido um e outro a juízo ou os matado em uma luta justa como um ato de guerra, uma vez que eles estavam em solo narniano. E, embora esse ato não tenha sido nobre, Tirian é um rei nobre e, por isso, reconhece e confessa imediatamente seu pecado. E não apenas isso — ele inclusive se rende aos calormanos, apenas para ser solto mais tarde, quando apela a Aslam por socorro.

É por razões semelhantes que Emeth, o nobre calormano, fica perturbado pela guerra de seus pais junto a Nárnia. Como Tirian, ele sabe que você só vai para a guerra por causas justas, e que você envia uma declaração de guerra formal antes de atacar. Em vez disso, o exército calormano é furtivo e espiona seu caminho até Nárnia pela simples razão de querer tomar suas terras e escravizar seus habitantes. Ele diz:

“[...] quando descobri que deveríamos ir disfarçados de mercadores (o que é um vergonhoso traje para um guerreiro e filho de tarcaã) e agir usando mentiras e artifícios, então todo o gozo me abandonou. O pior foi quando descobri que estaríamos a serviço de um macaco. E quando começaram a dizer que Tash e Aslam eram um só, então o mundo se escureceu aos meus olhos”. (p. 725)

Portanto, parte de tratar os inimigos de forma nobre diz respeito a reconhecer que vocês dois estão debaixo de regras, mesmo quando estiverem em guerra. E vocês seguirão essas regras, ainda que, ao fazer isso, desistam de algumas vantagens. Seria vantajoso entrar sorrateiramente em um país em vez de declarar guerra abertamente? É óbvio. Mas não seria nobre.

Nobreza e etiqueta

Nenhuma discussão sobre a nobreza narniana seria completa sem alusão a Ripchip. Pouco tempo após Eustáquio, Edmundo e Lúcia embarcarem no *Peregrino da Alvorada*, o comportamento detestável de Eustáquio leva Ripchip a desafiá-lo para um duelo. Quando Lúcia intervém, Ripchip condescende com relutância: “Para servir a uma senhora, mesmo uma questão de honra pode esperar, pelo menos por agora” (p. 409). Ora, Ripchip tem o que alguns chamariam de um senso superabundante de nobreza, em que ele é rápido para defender (normalmente com um duelo) a honra de qualquer pessoa de bem (muito frequentemente a própria). Mas também sabe que as boas maneiras exigem que “servir a uma senhora” fale mais alto do que praticamente todas as outras preocupações.

Ora, sabemos que Lewis intencionalmente dota a personalidade de Ripchip de um comprometimento exagerado com a cortesia e a nobreza; isso é parte do que faz dele um personagem tão agradável. Ele é um cavalheiro exagerado. Lembre-se de que, durante a grande batalha em *O Príncipe Caspian*, Ripchip perde a cauda e fica gravemente ferido. Tendo sido trazido perante Aslam e curado pelo tônico mágico de Lúcia, ele, não obstante, pede que Aslam lhe restaure a cauda, argumentando que ela é parte fundamental da dignidade e da honra de um rato. Aslam responde que, talvez, Ripchip e seu pessoal se preocupassem demais com a honra. No entanto, ele percebe que todos os seguidores de Ripchip estão em pé atrás dele de espada na mão. Estão dispostos a cortar suas próprias caudas para que Ripchip não fique sozinho em sua perda. Aslam fica muito satisfeito com tudo isso, elogiando-os por sua “coragem”, e não leva a ideia adiante — em vez disso, atende ao pedido de Ripchip por uma cauda restaurada. Em todos esses aspectos, Ripchip é um personagem louvável, mas ele e sua gente — sem dúvida por causa de seu tamanho pequeno e pelo risco de serem passados para trás — chegam bem perto do exagero na preocupação com a própria honra e nobreza. Portanto, embora eu não pretenda considerar Ripchip um protótipo de nobreza que devemos todos imitar, existem, contudo, lições importantes subjacentes.

A viagem do Peregrino da Alvorada oferece um exemplo bem diferente de honra sendo mostrado de uma forma cultural e social. Quando o navio chega ao “extremo leste” e precisa voltar, Aslam revela a Caspian que Lúcia, Edmundo, Eustáquio e Ripchip devem seguir em frente para encontrar Aslam — as crianças, para retornar ao seu próprio mundo, e Ripchip, para cumprir o destino que lhe aguarda. Enquanto eles estão partindo, o Peregrino da Alvorada desfralda todas as suas bandeiras e dependura todos os seus escudos em uma despedida formal e demonstra honra para com eles. Tendemos a considerar esse tipo de honra apenas quando há muita gente em volta para vê-lo, como um desfile de posse presidencial em Washington, D.C. Mas aqui temos o Rei Caspian usando todos os meios possíveis para demonstrar honra a quatro de seus amigos, tudo enquanto o navio está sozinho nos confins do mundo. Exatamente como a etiqueta do dia a dia, esses tipos de cerimônias públicas são maneiras de *ser* nobre, bem como de honrar a nobreza alheia.

Para pôr essa lição em evidência de um modo mais prático, precisamos compreender que quando se trata de demonstrar honra na vida diária, as pequenas coisas importam. Ademais, a herança dos costumes tradicionais em nossa cultura nos proporcionou uma linguagem comum com que expressar essa honra. Por exemplo, a Bíblia diz que quando idosos entram em um recinto, os mais novos devem levantar-se para reconhecer a presença deles e demonstrar respeito por suas idades. Os homens, incluindo os jovens, devem aprender a fazer o mesmo com qualquer dama, seja jovem ou idosa. Essas não são apenas regras arbitrárias irrelevantes para a vida moderna, como muitos de nós somos tentados a pensar. Antes, são uma forma de reconhecer a nobreza alheia e, ao mesmo tempo, manifestar a nobreza *em nós mesmos*. Quando um homem demonstra esse tipo de honra a uma dama, ela não é a única a receber honra. O próprio homem é honrado também, visto que demonstrou ser o tipo de homem que honra uma dama.

Para outro breve exemplo, voltemos a *O cavalo e seu menino*. No final do livro, Aravis e Shasta (agora, Príncipe Cor) encontram-se de novo após o fim de suas aventuras, e as circunstâncias formais do encontro o tornam um pouco desastrado.

O príncipe fez uma reverência, bastante desajeitada para um príncipe. Aravis respondeu à maneira dos calormanos e o fez com capricho, pois aprendera isso na escola. (p. 279)

Cor está simplesmente aprendendo como demonstrar honra usando a etiqueta arquelândiana. Tendo sido criado como um camponês na Calormânia, ele não faz ideia de como se comportar entre as pessoas nobres. Perceba, contudo, que ele finalmente aprenderá como fazer isso — como ele diz, “essa coisa horrível que se chama educação” (p. 280). O Rei Luna não lhe diz para simplesmente “ser ele mesmo”, “agir naturalmente” ou “simplesmente esquecer toda essa bobagem de etiqueta”. Não. Existe um valor real em praticar a forma culturalmente aceita de dar e receber honra.

Agora, compare todas as formas narnianas de dar honra com o tipo de honra que a realeza calormana recebe. Um pouco antes em *O cavalo e seu menino*, você lembra que Aravis e Lasaralina estavam rastejando pelo Velho Palácio quando, por acaso, ouvem o Tisroc, o príncipe Rabadash e o grão-vizir fazendo planos para a invasão da Arquelândia. Quando Tisroc adentra a sala, seus dois servos estão andando de costas para ele, pois “só diante de realezas é que aparecem pessoas andando de costas” (p. 238). Por outro lado, já falei sobre como o grão-vizir rasteja perante Tisroc e o príncipe, inclusive permitindo-se ser chutado no traseiro por eles. Em Nárnia, a etiqueta é um modo de servir e dar honra aos outros; na Calormânia, ela é um modo de exaltar-se às custas dos outros. É um tipo de nobreza falsa que existe primariamente através da degradação dos outros — quando você derruba todas as árvores da floresta exceto uma, essa última árvore parece consideravelmente alta. Lewis mostra que a nobreza calormana é fundamentalmente ignóbil.

Apenas tente imaginar uma cena onde o Rei Pedro, o Rei Edmundo, Tirian, Caspian, Rilian ou qualquer um dos reis de Nárnia encontrassem alguém caindo com o rosto em terra e rastejando perante eles como um cão espancado. Será que eles gostariam disso? Será que achariam honroso para si mesmos? É claro que não. Eles insistiriam que a pessoa se levantasse e parasse de fazer-se de tolo.

Ao mesmo tempo, entretanto, o tipo narniano de nobreza ainda pode insistir nos sinais de honra e respeito. Uma vez que existe autoridade verdadeira, a verdadeira nobreza não se assusta ou fica se lamentando quando alguém que

devia honrá-la demonstra, em vez disso, desrespeito. Em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, quando Caspian e seu grupo de narnianos chegam com o Lorde Bern à casa de Gumpas, o governador, acham suas sentinelas rudes, desengonçadas, indisciplinadas e vestidas de modo descuidado. Lorde Bern, por fim, diz a um deles: “Tire o chapéu perante Nárnia, cão!” (p. 426). Em outras palavras, *tire seu chapéu e demonstre algum respeito*. Assim, quando feita com autoridade verdadeira, a honra pode ser exigida como uma forma de instilar ordem e disciplina. Mas a honra exigida dos outros nunca é uma honra que os degrada.

Portanto, a etiqueta cristã é uma maneira de dar honra mútua — tanto aquele que dá como aquele que recebe é enobrecido. Cor mostra reverência a Aravis, e esta devolve a honra com uma medida. Na Calormânia, a pessoa que demonstra honra é degradada, e aquela que recebe fica grotescamente ensoberbecida. Não dá para imaginar alguém reverenciando Tisroc e obtendo a reverência dele em contrapartida.

Conclusão

Nobreza significa dedicação, lealdade, humildade e sacrifício — doar-se aos outros. Mas também significa fazê-lo com alegria e prazer. Doar-se de forma triste e melancólica não é nobre. Tem gente que se doa enquanto fica se remoendo sobre o quanto lhe é difícil e horrível fazer isso. A Bíblia diz que todo aquele que dá também recebe. Se perder a vida por amor a Jesus, você a encontra; mas, se tentar aferrar-se a ela, você a perde. Portanto, se você se doar como um estoico, porque isso é uma coisa nobre de fazer, e pensar “Bem, isso diz respeito às *minhas* necessidades, *meus* interesses e *minha* individualidade”, então você não entende isso. Não significa dizer que você receberá de volta tudo a que renunciou, mas significa que o que você recebe será mais glorioso e mais gratificante do que aquilo a que você renunciou.

Ser livre para dar e receber é um grande motivo de contentamento e folia, para liberar o vinho e os rabequistas. É por isso que Nárnia é um lugar agradável. É por isso, também, que lugares como Charn e Calormânia são opressivos. Um punhado de gente ali vive na luxúria, angariando honra para si mesma, enquanto todo o resto da população é pobre, oprimido, maltratado e degradado. Nobreza tampouco é o mesmo que poder, orgulho, força, esplendor ou grandiosidade. Jadis e Tisroc possuem todas essas coisas, mas sua perversidade mostra que sua nobreza é uma fraude.

Nobreza é algo que você pode manifestar (ou não) em qualquer hora ou ocasião, quer em ocasiões especiais e formais, quer no dia-a-dia. Sua nobreza pode ser testada quando você ajuda sua mãe com a louça ou quando encontra o Presidente da República. Ela pode ser testada numa quadra de basquete na faculdade ou num campo de batalha estrangeiro. A nobreza deve ser praticada em toda parte — com seu irmão, sua mãe, seus amigos e seus inimigos. O mundo é um lugar complicado, mas o âmago da nobreza é simples: sacrifício coroado com alegria.

8. Para um pouquinho mais de contexto sobre o conceito da Palavra Execrável, lembre-se de que C. S. Lewis escreveu *O sobrinho do mago* poucos anos após a bomba atômica ter sido inventada e usada no Japão. Para muitos de nós hoje, é difícil entender o quanto esse evento foi importante. Em gerações anteriores, a guerra dizia respeito a ter levemente mais e maiores armas do que seus inimigos, mas ambos os lados geralmente tinham os mesmos tipos de armas. E as armas que existiam eram muito limitadas em sua capacidade de destruir mais do que uma pequena área por vez. O poder da bomba atômica era de um nível tão diferente que muitas pessoas pensavam que ela realmente significava o fim do mundo. Foi, de muitos modos, exatamente como um mago descobrindo a Palavra Execrável.

9. Essa fala é de Edmundo. [N. do T.]



CAPÍTULO 4

DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

DISCIPLINAS ESPIRITUAIS PODEM parecer um tema estranho de extrair das histórias de Nárnia e, por isso, pode exigir um pouco mais de introdução do que os temas da autoridade, da confissão e da nobreza, já abordados aqui. Por “disciplinas espirituais”, refiro-me às práticas diárias e habituais de adoração e santificação. Elas são um pouco como o equivalente espiritual de escovar os dentes — algo que você faz todos os dias, de modo que já não considera mais um fardo ou uma importunação. É algo que você sabe que tem de fazer, e fica feliz em cumpri-lo, pois traz benefícios reais e duradouros. Você até fica meio aborrecido consigo mesmo pelo resto do dia se acontecer de esquecer ou se não tiver a oportunidade de fazê-lo.

Alguns bons exemplos de disciplinas espirituais são a oração, a leitura da Bíblia, cultuar a Deus na igreja, tomar a ceia do Senhor e assim por diante. Os teólogos chamam essas práticas de instrumentos ou meios de graça que Deus usa para fortalecer você como cristão, para moldá-lo gradualmente em um determinado tipo de pessoa ao longo do tempo.

Agora, como eu disse antes, este não é o tipo de lição que você imediatamente lembra de ter extraído das histórias de Nárnia. Você pode lembrar das lições sobre bravura e honestidade, mas não sobre leitura bíblica diária ou oração. No entanto, quando você começa a procurar as lições sobre as disciplinas espirituais nas histórias de Nárnia, encontra-as por toda a parte.

Muitas das lições sobre esse assunto são simplesmente coisas que Lewis diz de passagem, que você pode não perceber se não estiver prestando bem atenção. Por

exemplo, em *O sobrinho do mago*, o cavalo voador Pluma nos ensina uma brevíssima lição sobre oração.

- Francamente, acho que alguém devia ter providenciado a nossa comida.
- Tenho certeza de que Aslam teria feito isso... se vocês tivessem pedido.
- Ele não saberia sem que a gente pedisse?
- Claro — respondeu o cavalo. — Mas acho que gosta que peçam. (p. 81)

Esta é uma pergunta que muitos novos convertidos fazem: “Se Deus já sabe o que precisamos, por que temos de pedir essas coisas em oração?”. Decerto é verdade que Deus sabe o que precisamos antes de pedirmos, mas mesmo assim ele quer que peçamos, pois o ato de orar *nos* ajuda a aprender alguma coisa. Por exemplo, aprendemos que dependemos de Deus para tudo e que é ele quem está no controle de nossas vidas, e não nós mesmos, a Mãe Natureza ou algum destino externo. Deus sabe que esquecemos essa lição muito facilmente, por isso ele cuida para que a reaprendamos todos os dias na forma de oração.

Em *O sobrinho do mago*, também, Lewis faz um comentário fortuito sobre o valor das lições repetitivas sobre os fundamentos da Escritura, tais como o Dez Mandamentos. Quando Digory entra no jardim da montanha para apanhar uma maçã dourada mágica e devolvê-la a Aslam, Jadis o tenta a ficar com a maçã e alcançar a imortalidade. A tentação é muito forte, mas uma das razões por que ele não se deixa ser seduzido por ela é que “Coisas como ‘NÃO FURTAR’ eram naquele tempo muito mais entranhadas nas cabeças dos meninos do que hoje” (p. 85). Ora, Digory podia ter revirado os olhos ao ser ensinado pela milésima vez a “não furtar”, mas o que ele não percebeu foi que a lição estava se tornando parte automática de seu caráter. Então, quando ele chega num momento de crise, essa disciplina espiritual habitual em sua criação pôde ser acionada e ajudou-o a resistir à tentação.

Seguindo os sinais: A cadeira de prata

Nos dois exemplos acima, Lewis está apenas lançando uma breve lição na história, quase casualmente. E penso que é dessa forma que lições específicas sobre as disciplinas espirituais aparecem na maioria dos livros de Nárnia. No entanto, defendo que, em *A cadeira de prata*, as disciplinas espirituais são de fato um tema central da história, e, conseqüentemente, passaremos maior parte do nosso tempo neste capítulo falando sobre esse livro em especial.

OS SINAIS: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

Você há de lembrar como Eustáquio e Jill entram no país de Aslam no começo do livro e como eles se separam quando a insensatez de Jill leva Eustáquio a despencar da beira de um penhasco, embora Aslam apareça bem na hora e envie Eustáquio com segurança para Nárnia adiante dela. Em seguida, Aslam encontra Jill e lhe dá a incumbência de achar o Príncipe Rilian, junto com os sinais que ele usará para guiar a ela e a Eustáquio na viagem. Fica claro que Aslam quer imprimir sobre ela a poderosa importância dos sinais. Ele a faz repeti-los vezes sem conta, até que os tenha memorizado completamente. Disse-lhe Aslam:

Antes de tudo, lembre-se dos sinais! Repita-os ao amanhecer, antes de dormir e, caso acordar, durante a noite. (p. 530)

A exortação para *lembrar* é uma lição bastante bíblica. A linguagem de Aslam nessa passagem ecoa fortemente o que Deus manda Israel fazer em Deuteronômio 6.6-9:

Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Meditar na palavra de Deus deve ser uma atividade que permeia todo o seu dia, preenchendo inclusive aqueles pequenos espaços de tempo livre de que você dispõe quando está andando pela rua. Considere as palavras de Deus quando você acordar de manhã e quando for dormir. Repita-as. Memorize-as. Elas são os sinais pelos quais Deus guia você através da confusão do mundo e, sem elas, você está perdido.

Portanto, Deus diz que a lembrança é um dever fundamental. Isso significa que o esquecimento é um pecado, o que torna ainda mais estranho que tentemos converter o esquecimento em *desculpa* para pecar. Você já tentou desculpar-se perante seus pais dizendo “Desculpem, eu esqueci”? Eles mandaram você arrumar o quarto, varrer o quintal ou parar de largar as meias sujas no sofá, e por uma razão qualquer você não obedeceu. Você pode ter sinceramente se esquecido, mas isso não importa. Então, nessa situação, seus pais devem responder: “Bem, obrigado por confessar o pecado adicional do esquecimento. Haverá uma disciplina extra para isso. Não obedecer foi ruim o bastante, mas esquecer torna as coisas piores”. Não é bom que você diga (ou pense) “Mas espere, o esquecimento deve ser entendido como uma desculpa!”, porque não é. Lembrar-se de obedecer, em si, é uma parte essencial da obediência; você não pode separar os dois.

O PRIMEIRO SINAL

Antes de enviar Jill a Nárnia, Aslam lhe dá um conselho breve e interessante: enquanto ela está no país de Aslam tudo parece perfeitamente claro, mas abaixo, no mundo cotidiano de Nárnia, as coisas serão mais desordenadas e confusas. As aparências podem ser enganadoras:

Os sinais que aprendeu aqui surgirão sob formas bem diferentes ao depará-los lá. É importantíssimo conhecê-los de cor e desconfiar das aparências. Lembre-se dos sinais, acredite nos sinais. Nada mais importa. (p. 530)

Essa é uma das principais razões por que Aslam quer que Jill tenha os sinais absolutamente memorizados, ao ponto de não exigir nenhum esforço mental para acessá-los. Visto que o mundo real é um lugar confuso e os sinais podem não ser o que parecem à primeira vista, Jill não pode ficar tentando lembrar um sinal e reconhecer o seu cumprimento ao mesmo tempo. Os sinais precisam tornar-se instintivos, caso devam ser guias eficazes.

Lewis está ensinando uma lição semelhante sobre disciplinas espirituais. Quando você está fazendo suas devoções diárias, ouvindo o sermão na igreja ou participando de um estudo bíblico, a mensagem de Deus parece muito clara: confie em Cristo, não furte, honre seus pais, perdoe setenta vezes sete, não cometa adultério e assim por diante. Mas a vida real, cotidiana, tende a fazer suas

escolhas *parecerem* mais complicadas, e a mente tem uma forma de rapidamente tentar esquecer e ignorar o que Deus diz sobre determinado pecado enquanto a tentação está operando. As disciplinas espirituais preparam você para resistir a essa tendência.

Apesar do alerta de Aslam para não esquecer os sinais e não se deixar levar pelas aparências, Jill descobre que é muito fácil que as coisas deem errado. Aslam sopra-a para Nárnia pelo mar e, embora chegue só alguns momentos depois de Eustáquio, ela fica distraída com o espetáculo de uma grande procissão real e se esquece de dizer-lhe o primeiro sinal imediatamente. O primeiro sinal era que Eustáquio veria um velho amigo e que ele o saudaria imediatamente a fim de conseguir ajuda em sua viagem. Constatou-se que esse velho amigo é o próprio Rei Caspian, que era um jovem quando conheceu Eustáquio, mas que, agora, está muito velho e perto de morrer. De mais a mais, ele está apenas partindo em uma última viagem marítima para o leste, e a grande procissão é a sua última cerimônia de despedida. Quando Jill, por fim, percebe tudo isso, é tarde demais, e Caspian já partiu. Sua resposta?

— Chega! É ainda muito pior do que você imagina! — Jill mostrava toda a sua impaciência. — O caso é que já perdemos o primeiro sinal.

Eustáquio naturalmente não podia entender. (p. 538)

Então, antes mesmo de Eustáquio entender o que está acontecendo, Jill “deixou escapar” o primeiro sinal. Ora, a princípio parece um erro sincero. Afinal de contas, quem nunca se distraiu com uma grande cerimônia de despedida? E como Jill ia adivinhar que Eustáquio não seria capaz de reconhecer seu velho amigo? Contudo, no fundo, no fundo, a questão é simples. Jill desobedece. Ela não guarda os sinais em primeiro lugar em sua mente e não atenta para o alerta de Aslam para não ser enganada pelas aparências. No fim, não há desculpas, e Jill certamente tem muito a aprender sobre a disciplina dos sinais.

O SEGUNDO SINAL

Felizmente, Aslam não permite que o erro de Jill com o primeiro sinal ponha um fim imediato à viagem. Ela e Eustáquio ainda conseguem alguma ajuda

(embora bem menos, e de uma forma muito diferente do que eles podiam ter doutra maneira) e, por fim, encontram o paulama Brejeiro para começar a missão a sério. Se você não conhece a história, Brejeiro é um personagem que tem aparência comicamente austera e sombria, mas que acabou se revelando bastante útil, fervorosamente leal e desconfiado em toda linha.

Jill conta-lhe os sinais — o segundo sinal é que devem viajar para o Norte e procurar a cidade em ruínas dos gigantes —, e eles começam a viagem para o norte, deparando com todo tipo de adversidade ao longo do caminho, até que Jill e Eustáquio tivessem uma boa dose de aventuras. O inverno estava às portas, e eles escaparam por pouco dos calhaus voadores de alguns gigantes bem desordeiros quando deram com uma dama verde passeando com um cavaleiro taciturno e sombrio (que eles descobriram, mais tarde, tratarem-se da bruxa malvada e do príncipe perdido que eles estavam procurando). A dama verde pede que parem em Harfang, onde vivem os “gigantes amáveis”, a fim de conseguir abrigo, descanso, boa comida, banho quente e todos os demais confortos que haviam perdido durante as últimas semanas. Ela inclusive diz-lhes que, se se apressassem, chegariam a tempo para a Festa do Outono.

Eles, sem dúvidas, deviam ter desconfiado; mas, ao contrário, isso se torna o único objetivo no qual Jill e Eustáquio conseguem pensar. A viagem, o príncipe e os sinais são esquecidos com a promessa de aconchego, jantares e conforto. Somente o Brejeiro desconfia: “Além disso, segundo os sinais de Aslam, nada havia a respeito de hospedar-se com gigantes, amáveis ou desagradáveis” (p. 555). Este é o ponto-chave. O Brejeiro não considera os sinais coisas aleatórias que acontecerão e que eles precisam ser capazes de reconhecer. Os sinais não dizem respeito somente a ser capaz de reagir a algo depois que ele acontece. Em vez disso, ele defende que deviam estar usando os próprios sinais em todas as tomadas de decisão, para guiá-los nos passos seguintes.

Aslam havia dito a Jill para *lembrar-se, lembrar-se, lembrar-se* dos sinais. No entanto, depois que a dama verde lhes falou sobre Harfang, tudo o que conseguiram fazer foi *esquecer-se, esquecer-se, esquecer-se*.

Já nem falavam mais em Aslam ou no príncipe perdido. Jill deixou de repetir os sinais todas as noites e manhãs. (p. 560)

Pararam de pensar nos sinais e na busca destes e começaram a pensar somente nos confortos que teriam em Harfang. Ora, esse lento processo de desobediência tem um efeito interessante: faz com que sintam mais pena de si mesmos, sintam-se mais rabugentos, mais egoístas e mais mordazes consigo mesmos e com o Brejeiro. Quando, inicialmente, estavam adentrando o deserto para encontrar um príncipe perdido sem nenhuma promessa de conforto, banhos ou comida boa, eram alegres e felizes. Estavam repetindo os sinais, obedecendo Aslam e suportando tudo — com alegria. No entanto, quando começaram a desobedecer e a buscar ativamente o conforto em vez da obediência, isso imediatamente começa a torná-los mais miseráveis.

O mesmo é verdade em relação às disciplinas espirituais. Se parar de ler a Bíblia, de fazer orações e de adorar de todo o coração no Dia do Senhor, com o tempo, você verá os efeitos disso. E quando estiver se saindo bem por um tempo, se surpreenderá ao irromper repentinamente em ira, discutindo com os irmãos, desobedecendo aos pais, colocando-se à frente dos outros. Se se torna frouxo nas disciplinas porque quer preencher seu tempo com algo mais “divertido”, então você rapidamente se descobrirá mais miserável. Há uma ligação direta entre a falta de disciplina espiritual e a falta tanto de alegria quanto de fruto espiritual em sua vida.

Por fim, então, os viajantes localizam Harfang à distância. Todavia, enquanto se dirigem para lá, são surpreendidos por uma nevasca ofuscante e precisam trilhar o caminho ao longo de um terreno estranho e difícil. Há pequenos penhascos, fossos estranhos e pedras que pareciam chaminés em torno deles. Se tivessem prestado mais atenção aos sinais, podiam ter reconhecido que estavam nas ruínas da antiga cidade dos gigantes — que é o segundo sinal. No entanto, ela e Eustáquio estão demasiadamente dominados pelos pensamentos de Harfang para prestar qualquer atenção aos sinais ou aos arredores. O Brejeiro é, de novo, o único que se mantém são e continua fiel:

— Você ainda sabe de cor aqueles sinais, Jill? O que devemos procurar agora?

— Ora, faça-me o favor. Os sinais que se danem — protestou a menina. — Creio que é qualquer coisa sobre alguém mencionando o nome de Aslam. Mas não estou nem um pouco disposta a dar um recital de declamação aqui.

Como se vê, ela invertera a ordem dos sinais, pois deixara de repeti-los todas as noites. (p. 563)

Como se sabe, Jill seguiu a ordem errada; esse era o quarto sinal, e ela deveria estar procurando o segundo. Porque desistiu de repetir os sinais e os substituiu em sua mente com pensamentos sobre o próprio conforto, ela não reconhece o cumprimento do sinal. E não só isso: quando o Brejeiro tenta levá-la de volta à obediência, Jill é ríspida com ele. Sabe que ele está certo, mas está tão absorta nos próprios pensamentos desobedientes que exclui a lembrança com um “os sinais que se danem”.

O TERCEIRO SINAL

Então, os viajantes são recebidos inicialmente por gigantes “gentis” em Harfang, e a princípio parecem entender o que eles querem — boa comida, banhos e camas confortáveis. Mas, na primeira noite ali, Aslam aparece a Jill em um sonho e lhe mostra as ruínas de uma cidade gigantesca na planície abaixo de Harfang, com as palavras gigantes “DEBAIXO DE MIM” visíveis em algumas das pedras. Quando Jill acorda, ela e os demais veem que a cidade e as palavras estão realmente ali. Percebem que as letras dessa inscrição eram os mesmos fossos estranhos que eles haviam escalado na nevasca a caminho de Harfang. Se tivessem prestado atenção aos sinais desde o princípio, teriam percebido isso e fariam sua viagem sem sobressaltos, em vez de ficarem presos no castelo dos gigantes. Como observa o Brejeiro:

O fato é que a gente teria entrado de qualquer maneira debaixo daquelas pedras. As instruções de Aslam sempre funcionam: nunca houve uma exceção. Como fazer isso agora, é um caso completamente diferente. (p. 571)

Rapidamente eles descobriram uma verdade terrível sobre Harfang: que seus anfitriões (e a Dama Verde) são traiçoeiros. Os gigantes planejam transformá-los em pastelões humanos e comê-los em seu Festival de Outono. Bolam uma maneira de escapar tão logo quanto possam, mas os gigantes os localizam e começam a segui-los rumo à cidade arruinada. Numa tentativa desesperada de fuga, esconderam-se debaixo de uma pedra saliente, somente para derraparem numa descida íngreme e perceberem-se completamente submergidos sem luz, sem comida e sem água. Mas, como o diz Brejeiro: “estamos de novo seguindo o

texto. Devíamos ir por baixo da cidade em ruínas, e cá estamos. Estamos novamente de acordo com as instruções” (p. 583). Embora inicialmente tenham perdido o sinal por desobedecerem, Aslam, em sua bondade e graça, permite que voltem aos trilhos e reitera onde deviam ter estado.

O ÚLTIMO SINAL

O último sinal — aquele segundo o qual quando a primeira pessoa na viagem lhes dissesse para fazer algo em nome de Aslam, eles deviam fazê-lo — também é o único que conseguem entender direito logo de cara. Já discuti essa cena detalhadamente no capítulo um, então podemos pular algumas partes do enredo e ir direto para a lição primária aqui. Quando o príncipe os convoca em nome de Aslam para o libertarem da cadeira de prata, as crianças e o Paulama têm uma escolha muito simples. Ele está lhes dando o sinal, embora essa não pareça ser a circunstância adequada para o sinal; acham que o príncipe está tendo um acesso de demência. O sinal ainda é o sinal se estiver saindo da boca de um lunático? Aslam realmente quis que eles fizessem algo que se afigurava como uma morte certa nas mãos do lunático?

Contudo, “por outro lado, de que valia ter aprendido o valor dos sinais caso não obedecessem a eles?” E “Aslam não contou para Jill o que aconteceria. Disse apenas o que fazer” (p. 591 e 592). Num gesto louvável, decidiram confiar em Aslam e libertar o príncipe, que, como se sabe, quebra seu encantamento e prepara o caminho que matem a feiticeira, frustrem-lhe os planos de invadir Nárnia com um exército de Terrícolas e, por fim, retornem para casa.

Após o último chamado em Harfang, todos começam a levar o último sinal muito a sério — o que, por sua vez, permitiu-lhes tomar essa última decisão apressada que altera todo o curso da história. As disciplinas espirituais funcionam do mesmo jeito; elas o edificam gradualmente ao longo do tempo, para que, quando chegar a hora de tomar uma decisão difícil, você tenha um fundamento sólido para fazer a escolha certa.

Disciplinas falsas

Assim como falei nos capítulos anteriores sobre a verdadeira e a falsa autoridade, a verdadeira e a falsa confissão e a verdadeira e a falsa nobreza, existem também as verdadeiras e as falsas disciplinas. Se você conhece bem a sua Bíblia e o histórico de sua igreja, esta lição não tem nada de novo — para cada ato de verdadeira e prazerosa piedade e disciplina, existem muitas, muitas tentações com respeito a ascetismo e legalismo austero e desumano.

Considere o exemplo de Nikabrik em *O Príncipe Caspian*. Nikabrik tem uma personalidade severa e leva um estilo de vida severo. Lewis faz um esforço especial para salientar isso. Trumpkin aprecia um bom cachimbo, mas Nikabrik não é fumante. Quando todos os demais narnianos reúnem-se para dançar no grande relvado dedicado a isso, Nikabrik não comparece. Ele não toca um instrumento e nem mesmo bate com o pé, bate palma, canta ou grita. “Só Nikabrik continuou no mesmo lugar, olhando em silêncio” (p. 330). Em outras palavras, Lewis está dizendo que existe um determinado tipo de impiedade que é um estraga-prazeres severo. Geralmente consideramos a impiedade como sempre autoindulgente, sempre tentando quebrar as regras para divertir-se, sempre buscando prazer. Lewis nos lembra de que, muitas vezes, a verdade é o oposto: o ímpio, com semblante atormentado, olha com desprezo os bons momentos desfrutados pelos justos. As disciplinas espirituais devem alegrar você; não devem ser confundidas com ascetismo severo ou legalismo apático.

Vemos o mesmo tipo de situação com os pais de Eustáquio em *A viagem do Peregrino da Alvorada*. Lewis faz um esforço especial para descrevê-los como vegetarianos, não fumantes e abstêmios que usam “roupa de baixo de fabricação especial” (p. 403). Eles estimulam Eustáquio a ler livros enfadonhos de não ficção e desaprovam os contos de fadas, a imaginação e a criatividade. Então, certamente têm vidas disciplinadas e regulares, mas o que isso faz em prol deles? É um tipo de disciplina estraga-prazeres, e isso transforma Eustáquio numa criança chata e mal-educada — ou, como diria o inglês, um “patife”.

Uma última ilustração disso vem de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupas*, e também é uma de minhas passagens favoritas em todas as histórias de Nárnia.

Ocorre perto do fim da história, quando Aslam está “a caminho” e o encanto do inverno eterno da Feiticeira Branca está começando a degradingolar. A feiticeira aparece para um grupo de criaturas da floresta que estão apreciando um banquete cristão oferecido a eles pelo próprio Papai Noel — que, como vocês sabem, havia sido impedido de entrar em Nárnia durante os anos do reinado da feiticeira. Então, quando depara com esse banquete, ela fica furiosa.

Falem, seus vermes! Ou preferem que o meu anão lhes abra o bico na ponta do chicote? Que esganção é essa? Onde é que foram arranjar esses enfeites? E esse pudim de passas? (p. 154)

Lewis está nos ensinando a diferença entre uma disciplina de alegria e uma disciplina de recusa severa. Aslam tem a disciplina da alegria, simbolizada pela primavera que ele traz, mas a feiticeira tem a da recusa, simbolizada por suas centenas de anos de inverno.

Ora, Lewis não está dizendo que seguir Aslam é sempre fácil e divertido, ou que seguir a feiticeira nunca lhe dará nenhum prazer. Ambos os lados têm prazeres e dificuldades, mas Aslam os enquadra na ordem certa, enquanto a feiticeira, na ordem errada. Os métodos de Aslam proporcionam alegria profunda e duradoura através (e depois) de dificuldades temporárias, ao passo que os da feiticeira proporcionam dificuldades permanentes que resultam de prazeres efêmeros e superficiais. Edmundo começa tomando do manjar turco da feiticeira, mas acaba como seu escravo. Jill e Eustáquio padecem muitas dificuldades para encontrar o Príncipe Rilian, mas, no fim, escapam do túnel subterrâneo para dentro da extravagante dança da neve narniana. Do mesmo modo, Deus nos envia provas a fim de que crescamos em maturidade, para que disponhamos da capacidade de uma alegria maior. Mas o maligno quer nos dar prazeres transitórios agora em troca de aflições mais tarde.

Há outro tipo de disciplina falsa que é, verdadeiramente, uma atitude inadequada para com a verdadeira disciplina. Essa atitude acolhe o tipo certo de disciplinas espirituais e piedosas, mas perde completamente o ponto essencial da disciplina. Deseja a disciplina por suas vantagens intrínsecas, em vez de desejá-las pelas metas para as quais Deus a planejou. Eustáquio, antes da conversão, é um bom exemplo disso. Lewis está descrevendo que espécie de aluno ele é:

Não se interessava de fato por nenhuma das matérias, mas adorava tirar boas notas e vivia perguntando a todos: “Quanto você tirou em Geografia? Eu tirei nove!”. (p. 415)

Eustáquio não é o tipo de aluno que recebe de volta sua prova ou trabalho do professor e pensa: “Vejam os erros que aprendi. Posso aprender mais com os meus erros”. Ao contrário, ele vira para os seus colegas de classe e diz: “Eu tirei 9. E vocês?” — supondo, é claro, que a outra pessoa provavelmente tirou uma nota mais baixa. Esse tipo de aluno aceita a disciplina do estudo, mas esquece que seu propósito é *aprender algo*, não inflar o ego comparando-se com outros ou tentando humilhá-los.

Pergunte a qualquer professor ou pais *homeschoolers*, e eles lhe dirão a pergunta que mais odeiam ouvir de seus alunos: “Vai cair na prova?”. Não gostam de ouvir isso porque mostra que o aluno só aceitará a disciplina do estudo por um conjunto de razões muito limitado e superficial — sair-se bem o bastante na prova para conseguir a aprovação de seus pais e colegas.

Outro tipo de disciplina triste é a ditadura detalhista e burocrática de Gumpas, o governador das Ilhas Solitárias em *A viagem do Peregrino da Alvorada*. Gumpas adora ser arrogante. Ele gosta de fingir-se ocupado, ter uma agenda cheia e negar audiência aos seus interlocutores. Ele ama reorganizar os papéis e colocar seu selo oficial em tudo. Mas essa falsa disciplina burocrática passa de largo do essencial da arte de governar, da mesma forma que Eustáquio passa de largo do essencial da arte de estudar. Caspian rapidamente trata esse problema agindo de forma bem *indisciplinada*.

Caspian fez um sinal a Bern e afastou-se para o lado. Bern e Drinian avançaram, e cada um deles pegou de um lado da mesa. Ergueram-na, atirando-a de encontro à parede de um dos lados do salão, espalhando uma cachoeira de cartas, pastas, tinteiros, canetas, carimbos e documentos. (p. 427)

Para Gumpas, esse tipo de comportamento é coisa de anarquista ou rebelde. Mas ele está entendendo tudo errado, e Caspian não está, absolutamente, agindo com descompostura. Ele precisa purgar o governo de Gumpas da falsa disciplina a fim de limpar o caminho para um governo que promova disciplina real e justiça real.

Disciplinas e prazer: as duas mesas

A Bíblia ensina que todos acabarão comendo em uma das duas mesas: a mesa dos demônios ou a mesa do Senhor (1Coríntios 10.21). Lewis ensina a mesma lição em *Nárnia*: há a mesa de Aslam contra a mesa dos inimigos de Aslam. Em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, quando o navio chega à ilha de Ramandu, próxima do fim do mundo, eles encontram uma mesa posta por Aslam:

Havia jarros de prata e ouro, curiosamente trabalhados, e o perfume da fruta e do vinho caía sobre eles como uma promessa de felicidade. (p. 490)

Outro exemplo é o rico e belo jardim montanhês para o qual Digory viaja em *O sobrinho do mago*. A mesa de Aslam não é hostil, severa ou avarenta. É um banquete abundante e alegre, “a promessa de felicidade”.

Talvez a mais clara manifestação da mesa dos demônios seja o manjar turco da Feiticeira Branca em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupas*. Não muito tempo depois que conheceu Edmundo, ela pergunta: “O que deseja comer?”, e este pede o manjar turco. O problema com a comida da feiticeira não é que ela tenha gosto ruim e vulgar; pelo contrário, “Edmundo nunca tinha saboreado coisa mais deliciosa” (p. 117). Contudo, se tanto a mesa de Aslam quanto a da feiticeira proporcionam prazeres, qual a diferença entre elas? Em primeiro lugar, a comida da feiticeira — embora doce no início — não satisfaz.

E quanto mais comia, mais tinha vontade de comer. Nem quis saber por que razão a rainha era tão curiosa. [...] Sabia ela muito bem o que ele estava pensando. E, melhor ainda, sabia que o manjar turco estava encantado: quem o provasse, ficaria querendo sempre mais e chegaria a comer, a comer, até estourar. (p. 117)

A comida da feiticeira não é satisfatória. Quanto mais Edmundo pega, mais quer, e nunca se contenta ou se satisfaz com o que tem. O manjar vira um vício que substitui o desejo pela comida sadia, mas nunca mata a fome ou alimenta o corpo. No fim, leva direto para a morte.

Em segundo lugar, a comida da feiticeira busca oferecer recompensa imediata. Ela mal conhecia Edmundo quando lhe diz que satisfaria qualquer um dos seus gostos. A mesa de Aslam, por outro lado, aguarda por aqueles que dedicaram uma vida inteira de serviço fiel. Aslam não é do tipo que acaba de conhecer uma pessoa e vai logo satisfazendo-lhe todos os desejos do coração. Isso não só seria

espiritualmente ruim para ela, como também seria uma história de aventura muito pobre: *“Edmundo entrou em Nárnia e Aslam lhe ofereceu um banquete maravilhoso. Fim”*. Deus conta uma história muito melhor do que essa, e essa é a história que Lewis está imitando. Aslam ensina seus seguidores a serem fiéis ao longo do tempo, por meio de dificuldades e tentações, momentos difíceis e tranquilos, até que estejam maduros o suficiente para chegar ao fim, a um lugar que tem “a promessa de felicidade”. Naturalmente, isso não significa que Deus nos nega todos os prazeres até chegarmos ao céu — certamente ele oferece bênçãos reais e momentos de descanso ao longo do caminho. Mas sua mesa não está plenamente revelada até que cheguemos ao fim.

Se você comer os bombons do diabo, ele será doce, mas tudo o que você terá mais tarde serão dedos melados, indisposição estomacal e — em um curto espaço de tempo — o desejo voraz por mais. Não importa quantas vezes coma e fique insatisfeito, você nunca terá o suficiente. Os exemplos mais evidentes disso no mundo real são as drogas e o alcoolismo. Os viciados começam tendo pouco, depois querem mais e mais até que não conseguem controlar o desejo. O vício os deixa infelizes e insatisfeitos todas as vezes, mas acabam voltando para ele. Ele substitui o desejo por prazeres sadios, comidas saudáveis, amizades e trabalho. Os viciados podem até convencer a si mesmos de que estão “curtindo a vida”, mas o fim dessa estrada é a morte espiritual e física.

Essa é a maneira do diabo (e da Feiticeira Branca) fazer as coisas. Os métodos de Deus (e de Aslam) são o oposto. Deus quer que trabalhemos agora, resistamos à tentação, sejamos fiéis e pratiquemos a moderação. Ele quer que nos sacrifiquemos pelos outros, que os tenhamos em mais alta conta que a nós mesmos. Ele quer que percamos a nossa vida para ganhá-las, que morramos para que ressuscitemos numa vida mais gloriosa.

Ora, é muito fácil imaginar que essa atitude só é necessária em relação às “grandes coisas”, mas convenientemente podemos ignorá-la nas decisões menores do dia-a-dia. No entanto, as lições de “morte e ressurreição”, para a vasta maioria dos jovens cristãos, não diz respeito a literalmente tomar um tiro em lugar de alguém, ou até mesmo a resistir a uma tentação maior como o adultério ou o vício em drogas. Lembre-se de que aqueles que são fiéis no pouco

serão fiéis no muito. Suponha que você ganhe algum dinheiro de Natal ou de presente de aniversário e ele esteja queimando um buraco no seu bolso. Você quer sair para a rua imediatamente e gastá-lo todo. Você não parece gostar de poupar ou dizimar, nada disso. Parece uma questão trivial, mas é essa atitude que está moldando você em direção à mesa do Senhor? Não: é Edmundo e o manjar turco. Até mesmo em uma decisão aparentemente insignificante, você está dando os primeiros passos numa longa estrada em direção a um dos dois tipos bem diferentes de destinos.

Disciplinas, graça e perdão

Quando começa a buscar seriamente as disciplinas espirituais, você descobre, mais cedo ou mais tarde, por que elas são chamadas de *disciplinas*. Elas são difíceis, e você fracassará de muitas maneiras. Por causa disso, é importante lembrar duas coisas: que Deus é rápido em perdoar e rápido em nos capacitar a segui-lo mais fielmente. Ele não está usando essas disciplinas para nos esmagar. Elas são graça, não lei.

Lembre-se de que, em *A cadeira de prata*, Jill e Eustáquio “deixaram passar” todos os sinais, com exceção de um. A aventura poderia ter terminado a cada vez que cometiam um erro, mas Aslam os perdoou e deixou que continuassem. Ora, pelo menos Jill e Eustáquio entenderam o último sinal corretamente — mas o que dizer daqueles que parecem ter entendido errado todos os sinais? Podem as pessoas ainda querer ser salvas? Lewis dá muitas pistas para esse raciocínio em *A última batalha*. Quando Aslam está julgando todas as criaturas no fim da história, elas ficam diante dele uma por uma e olham para a sua face. Então, ou elas reconhecem Aslam (e Aslam, a elas) e entram alegremente numa Nárnia glorificada, ou seus rostos mostram sua aversão a ele e vão-se embora para as trevas. Descrevendo isso, Lewis inclui alguns detalhes interessantes:

E todas essas criaturas entravam pela Porta, colocando-se ao lado direito de Aslam. Entre estas havia também alguns seres meio estranhos. Eustáquio até reconheceu um dos anões que haviam ajudado a atirar nos cavalos falantes. Mas ele nem teve tempo de pensar nisso (e, de qualquer forma, não era mesmo da sua conta), pois a grande alegria que o invadia impedia-o de pensar em qualquer coisa desse tipo. (p. 720)

A caçada aos cavalos nesse livro é uma das cenas mais terríveis de todas as histórias, e esse anão havia tomado parte nessa atrocidade no fim da vida. Se Aslam lhe dera “sinais” para seguir, ele deixou passar o último e provavelmente o mais importante. Neste ponto, nós, como leitores, ficamos tão furiosos com os anões que gostaríamos de vê-los todos severamente punidos, mas não é assim que Aslam faz as coisas. Lewis está nos mostrando que sempre há perdão e graça com Deus. O anão é salvo pela graça, e não condenado por suas obras. Perceba também que os seguidores de Aslam não têm tempo de julgar uns aos outros ou

de questionar o juízo de Aslam sobre assuntos que não são de sua conta — a alegria é muito maior para preocupar-se com coisas como essas.

Essa é uma lição completamente bíblica. Sim, pressupõe-se que “sigamos os sinais”: praticar boas obras, orar regularmente, ler a Palavra de Deus e adorá-lo em espírito e em verdade. Mas, no fim, não somos salvos porque sempre trabalhamos duro para ser bons cristãos; somos salvos pela graça através da fé. As disciplinas espirituais são o meio de Deus nos abençoar e nos conduzir ao fortalecimento e à maturidade. Elas não são um modo de sobrecarregar-nos com culpa. Ele nos salvou *da* culpa, então por que ia querer nos dar mais dela?

A recompensa da disciplina

Já falamos sobre as recompensas da disciplina, e que o método de Aslam é conduzir seus servos através das dificuldades e recompensá-los ricamente no fim. Mas há outro aspecto das recompensas da disciplina que é muito mais inesperado — e um pouco desconcertante para aqueles que estão só começando sua viagem espiritual. Essa lição é que, com muita frequência, *a recompensa da disciplina é a disciplina mais difícil*.

O que acontece quando uma criança termina a educação infantil? Pais e professores a parabenizam por todo o trabalho duro e depois a matriculam no ensino fundamental, onde ela terá de trabalhar mais duro. E esse processo se repete por outros onze, ou quinze, ou mais anos. E quando ela, por fim, se gradua? Procurará uma profissão, uma esposa, uma casa e filhos esperando por ele — tudo coisas que exigem mais disciplina (mas também oferecem retornos mais valiosos) do que sua época de estudante.

Lembro-me vividamente de aprender essa lição em minha própria vida. Cresci em uma família cuja mentalidade não era nem um pouco mecânica. Tudo na nossa família se resumia a livros, história, literatura e todas as artes liberais — não engenharia. Então, ingressei na Marinha e entrei para a escola submarina. Na semana anterior, tive um vislumbre de um de nossos manuais, e tudo dizia respeito a máquinas, válvulas, à física da pressão da água e coisas que, para mim, eram como um idioma estrangeiro. Lembro de haver pensado: “É bem provável que eu não consiga fazer isso”. Eu completara um estágio de minha vida — um conjunto de disciplinas —, mas depois eu estava lidando com algo muito mais difícil. Tive que arregaçar as mangas e concluir aquelas disciplinas também. Não foi fácil, mas foi o que Deus estabelecera para mim.

Sendo assim, você não deve ficar tentando alcançar algum estágio de sua vida em que você possa apenas acomodar-se, desfrutar da visão e dizer para Deus: “OK, pode me deixar sozinho agora”. Aqueles que concluem fielmente as tarefas que Deus lhes deu agora sempre terão a oportunidade de assumir tarefas maiores e melhores. Esse é o método de Deus.

Shasta aprende essa lição perto do fim de *O cavalo e seu menino*. Ele atravessou o grande deserto, deixou para trás as forças de Rabadash e foi perseguido por um grande leão que, desconhecido dele e de Aravis, era o próprio Aslam compelindo-os para a arrancada final. Shasta inclusive salta de seu cavalo para voltar e enfrentar Aslam, achando que ele era um leão comum prestes a matar Aravis e Huin. Por fim, eles chegam no recinto do eremita e desabam exaustos. Ora, o que Shasta aprende? O eremita diz “Meus parabéns! Você foi muito bravo e enfrentou muitas dificuldades. Tome uma refeição quente e uma cama”? Completamente o oposto:

— [...] Se correr agora, sem parar para descansar, chegará a tempo de advertir o rei Luna.

O coração de Shasta quase parou ao ouvir essas palavras, pois já não lhe restavam reservas de força. Por dentro rebelava-se contra o que lhe parecia a crueldade da missão. Ainda não aprendera que a recompensa de uma boa ação é geralmente ter de fazer uma outra boa ação, mais difícil e melhor. Mas apenas perguntou:

— Onde está o rei? (p. 255)

Shasta fez tudo certo e estava cansado. Mas a parte mais difícil de sua viagem ainda está por vir — agora, ele precisa correr a pé para alertar o Rei Luna antes de os invasores calormanos chegarem ao castelo. E depois que Shasta executa tão bem essa tarefa? Ele recebe o próximo desafio quando descobre que, na verdade, é o filho perdido do Rei Luna e, conseqüentemente, será o próximo rei da Arquelândia: “Mesmo que eu tenha que passar agora por essa coisa horrível que se chama educação” (p. 280). E quando conclui os estudos e se torna rei, o que acontece? “Pois ser rei é isto: ser o primeiro em todos os combates e o último em todas as retiradas” (p. 287).

O fato de que Shasta recebe tarefas mais difíceis tão rápido quanto as executa não é algo ruim. Ele cresceu em um pobre casebre de pescador, e se Aslam não tivesse tido grandes planos para ele, ele poderia ter permanecido um camponês o resto da vida e nunca ter tido qualquer aventura ou encarado qualquer desafio. Mas Aslam o levou a um caminho mais difícil, um caminho que o levou ao trono da Arquelândia. É algo maravilhoso e prazeroso.

É assim que Deus nos convoca para a maturidade. Quando você conclui um grau na escola, deve orgulhar-se disso e contentar-se que Deus o tenha chamado

para o próximo grau mais elevado, onde você trabalhará mais e aprenderá mais. Não faz sentido para nós, numa primeira instância, que a recompensa da disciplina seja mais disciplina. Muitos métodos de Deus não fazem sentido inicialmente. Duvido que tenha feito sentido imediato para Adão que ele precisasse enterrar a semente no chão para obter mais sementes. Você executa uma boa ação, e Deus diz: “Bom trabalho, aqui está uma ação mais difícil e melhor”. Esse é o caminho de Deus, e é um caminho de *bênção*.

Não fique desenterrando a semente

Quando as crianças estão no jardim, um dos primeiros projetos científicos parece ser encher uma bandeja de ovos ou uma caixa de leite com terra, plantar alguns feijões nela e observá-los enquanto germinam e crescem. As crianças de quatro e cinco anos de idade tendem a ficar impacientes, então, invariavelmente, querem desenterrar o feijão de hora em hora para ver como ele está se saindo. Elas poderiam colocar e retirar por uns dias e chegar à conclusão de que o feijão não está crescendo e nunca vai crescer. O problema é que, como se sabe, o feijão não vai concluir a tarefa enquanto estiver sendo desenterrado.

Para concluir este capítulo, quero dar alguns conselhos práticos para que você assuma as disciplinas espirituais em sua vida: *não fique desenterrando a semente*. Quando você começa a praticar as disciplinas espirituais regularmente, sua tentação é ficar perscrutando seu coração todos os dias, procurando sinais de crescimento. Quando você não vê nenhum deles imediatamente, e quando tem a sensação de estar caindo nos mesmos pecados e tentações toda semana, você poderia ser tentado a pensar que as disciplinas não estão operando absolutamente nada de bom em você. Você ora duas vezes ao dia, lê a Palavra de Deus, vai à igreja e toma a ceia, mas não sente que está crescendo.

Nessas horas você precisa ter fé, pois está crescendo. As coisas que está fazendo e aprendendo o estão moldando e descendo fundo em seu coração e mente. Se estiver crescendo dessa forma, vivendo fielmente em uma família e comunidade fiéis, você precisa perceber que enorme bênção e lucro isso é. Quando alguém se torna cristão já depois de adulto, precisa começar a reaprender muitas das coisas que devia ter aprendido na infância. Mesmo quando trabalham duro para aprender uma lição específica, poderiam conhecê-la apenas na cabeça, mas não no coração, e ter dificuldades para aplicá-la a todas as áreas da vida. Os cristãos que crescem na fé, no entanto, aprendem essas lições tão profundamente em seu ser que estas são quase instintivas, e tão profundamente que até já esqueceram como as aprenderam. Uma criança não sabe como aprendeu a língua materna e nunca percebe seu progresso enquanto a está aprendendo. Mas em poucos anos ela fica fluente — uma falante nativa — e

a inveja fica por conta de quem tem de aprender esse idioma depois que se torna adulto, quando é muito mais difícil. Essa é a vantagem de “seguir os sinais” em sua vida, de fazer as mesmas coisas todas as manhãs, todas as noites, todos os dias do Senhor.

Da próxima vez que você ler *A cadeira de prata*, pense nos sinais como as disciplinas espirituais que você está tentando manter na própria vida — orar, estudar a Palavra, cultuar a Deus, privilegiar seu Reino em detrimento dos cuidados desta vida. E exulte nas disciplinas, mesmo quando elas não aparentarem ter qualquer efeito imediato. Elas estão operando. Complete-as e confie em Deus, pois ele o abençoará.



CAPÍTULO 5

PAIXÃO POR HISTÓRIAS

CONFORME FALAMOS SOBRE as diversas “lições” que podemos extrair das crônicas de Nárnia, quis ter o cuidado de não estragar as histórias ao certificar-me de que todo mundo simplesmente fosse Edificado — com um *E* maiúsculo, naturalmente. As histórias de Nárnia são *histórias*, afinal de contas, e eu de todo o coração o incentivo a simplesmente desfrutar delas nesse nível, sem ficar obcecado em garantir que está aprendendo todas as lições que acha que foram feitas para aprender com elas.

Mas, ao mesmo tempo, C. S. Lewis sabia que histórias instruem, e ele não tinha vergonha de fazer isso. Ele nem mesmo tinha vergonha de usar suas histórias para ensinar essa lição sobre histórias. Em diversos lugares, as histórias são de fato *histórias sobre histórias*. Em outras palavras, as histórias de Nárnia não só nos instruem sobre temas como autoridade, nobreza, confissão e assim por diante; elas também nos ensinam sobre como as próprias histórias funcionam e como devemos pensar sobre elas. Repetidas vezes, Lewis usa suas histórias a fim de nos ensinar que as histórias preparam as pessoas para viver bem em sua própria história — a história de sua vida. Consequentemente, é vital não apenas que elas leiam histórias, mas também que leiam o *tipo* certo delas.

A importância da história

Em *O cavalo e seu menino*, Lewis faz uma comparação adequada entre a educação inglesa e a calormana.

Na Calormânia, aprende-se a contar uma história (seja ela verdadeira ou inventada), assim como você aprende na escola a fazer redações. A diferença é que as pessoas gostam de ouvir histórias, mas nunca soube de alguém que gostasse de redações. (p. 206)

Vivemos numa época e cultura que enaltece a não ficção em detrimento da ficção. Histórias podem ser boas para entretenimento ocasional a fim de nos ajudar a relaxar, mas isso é tudo. São supérfluos opcionais, como comer sobremesa. De acordo com muitos pensadores hoje, para que seja *realmente* importante, uma obra precisa ser puramente factual, seca e entediante. Por exemplo, ensinamos história da maneira como foi ensinada por Miraz:

A História que se aprendia em Nárnia durante o reinado de Miraz era mais insípida do que a história mais verdadeira que se possa imaginar e muito menos verdadeira do que o mais apaixonante conto de aventuras. (p. 386)

Na época de Lewis, e ainda hoje, muitas pessoas (especialmente os autoproclamados intelectuais) pensam que histórias empolgantes são só para crianças e, se você quiser algo que seja realmente verdadeiro e útil, deve ser na forma de uma palestra entediante feita por adultos com expressões melancólicas.

Ora, isso não significa que Lewis quisesse ir na direção oposta e convencer-nos de que a não ficção é irrelevante. Pelo contrário, ele quer nos mostrar onde está o equilíbrio. C. S. Lewis foi um dos grandes estudiosos do século 20 e, como tal, escreveu uma quantidade considerável de não ficção acadêmica. Contudo, uma das razões de ele ter sido esse grande estudioso é que entendeu as limitações do mundo acadêmico e os tipos de deficiências sob as quais os estudiosos frequentemente trabalham. Muitos tipos de verdade podem ser comunicados muito melhor por meio de histórias. Para Lewis, o tipo correto de narrativa de aventura é cheio de verdade, enquanto o pior tipo de história é cheio de mentiras (e sem graça, além disso). Lewis quis restaurar a nossa confiança no poder das histórias de comunicar verdade.

Como Caspian diz aos Pevensie, que haviam sido, outrora, lendários reis e rainhas de Nárnia:

Já cheguei a perguntar a mim mesmo se Aslam de fato existiria, mas a verdade é que também muitas vezes duvidei da existência de gente como vocês. E vocês não estão aí? (p. 325)

Histórias como preparação

Uma das lições mais importantes que Lewis ensina é que conhecer as histórias certas é uma boa preparação. No caso dos Pevensie, o que eles conheciam dos tipos certos de histórias preparou-os para a experiência em Nárnia. Quando eles se veem em uma situação desconhecida e intimidadora, a primeira coisa que pensam sobre ela é: “O que faria alguém nesse tipo de história?”.

Quando são levadas de volta para Nárnia no começo de *O Príncipe Caspian*, as crianças se veem numa ilha deserta coberta com uma floresta densa. Elas não fazem ideia de onde estão, por que foram trazidas de volta, o que deveriam fazer depois ou até mesmo quando vão fazer sua próxima refeição. Ora, uma vez que elas vêm de uma família que valoriza boas histórias, seu primeiro instinto é pensar nas histórias que leram:

— É como se a gente tivesse sofrido um naufrágio — observou Edmundo. — Nos livros, sempre se encontra na ilha uma fonte de água fresca e cristalina. É melhor a gente procurá-la. (p. 297)

— Só há uma coisa a fazer: temos de explorar a mata. Ermitões e cavaleiros andantes, e outra gente parecida, sempre conseguiram viver, de uma ou de outra forma, dentro de uma floresta. Encontravam raízes, sementes, sei lá o que mais... (p. 298)

Em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, eles encontram uma ilha estranha com um pequeno lago. Há algumas armaduras descartadas nas proximidades e uma estátua em tamanho real de um homem numa posição divina no fundo do lago. Lewis, mostrando algum bom humor, escreve sobre como os hábitos de leitura de Edmundo vêm a calhar para ajudá-los a reunir os indícios e entender o que aconteceu: “Edmundo, o único do grupo que lera histórias policiais, pôs-se a pensar no caso” (p. 459).

Mais tarde, na mesma história, Caspian desembarca numa ilha onde três dos lordes que ele procura estão em um sono encantado. Ele aprende com Ramandu, o zelador da ilha, e sua filha que o encantamento não será quebrado até que alguém navegue até o Leste absoluto — a extremidade do mundo. Caspian imediatamente se apaixona pela filha de Ramandu (mais tarde, em *A cadeira de prata*, descobrimos que ela é a sua futura noiva), e recorre às trivialidades dos contos de fadas para organizar a situação (e dar uma indiretazinha à filha de Ramandu):

— Que faremos com os dorminhocos? — perguntou Caspian. — No mundo de onde os meus amigos vieram existe a história de um príncipe, ou de um rei, que chega a um castelo onde toda a gente está adormecida num sono encantado: o encantamento só se desfaz depois que ele beija a princesa.

— Mas aqui é diferente — falou a moça. — Só se beija a princesa depois de desfeito o encanto. (p. 495)

Por todo *A viagem do Peregrino da Alvorada*, Eustáquio é o exemplo primário de alguém que não leu o tipo certo de histórias. Quando seu mau comportamento incita ameaças de “levar duas dúzias”, ele não faz ideia de que este é um termo que os marinheiros usam quando o sujeito é amarrado ao mastro para receber duas dúzias de chicotadas: “Eu não sabia o que isso queria dizer, mas Edmundo me explicou. Aparece nos livros que esses tolos vivem lendo” (p. 435). Eustáquio nunca leria qualquer tipo de história de aventura marítima que envolvesse marinheiros sendo fustigados; seus pais nunca permitiriam que ele se aproximasse de um. Falaremos mais sobre as leituras de Eustáquio daqui a pouco, mas por ora é suficiente destacar que Lewis realça a grande diferença entre Eustáquio e os Pevensie ao menos parcialmente levando em conta o tipo de livros que liam.

Os exemplos acima são bons exemplos de como os comentários marginais de Lewis realçam o fato de que nosso dia a dia é permeado por histórias, quer saibamos quer não. Muitas das nossas reações instintivas, atitudes, personalidade, decisões e as maneiras como estruturamos nossas experiências são influenciadas por aquilo com que gastamos o nosso tempo lendo (ou, no caso dos leitores modernos, também *assistindo*). Os exemplos acima são razoavelmente triviais, mas o mesmo é verdade para todas as lições importantes que abordamos nos capítulos anteriores. Lições sobre autoridade, confissão, nobreza e disciplinas espirituais são mais bem aprendidas pela experiência, exemplo e imitação, não pela leitura de livros pragmáticos ou de autoajuda. Mas se alguém não cresceu rodeado de bons exemplos de autoridade, confissão ou nobreza — e muitas, muitas pessoas em nossa cultura americana não cresceram e continuam não crescendo — como deve aprender sobre eles? A segunda melhor forma é aprendê-los por meio de histórias.

É assim que Ripchip adquire o caráter e a personalidade que tem: “Pois tinha o espírito cheio de arrebatamentos de outros tempos, de missões de morte ou

glória, de decisões heroicas” (p. 433). Ele teria se dado muito bem no Álamo — essa batalha fazia o seu tipo. Se alguém lhe tivesse contado sobre o Álamo, ou qualquer outra causa impossível (desde que fosse nobre, naturalmente), ele teria amado ouvir a história. Ele se destaca nesse tipo de coisa. Ora, como eu já disse, Ripchip é um personagem intencionalmente exagerado, mas é um grande exemplo de como o caráter de alguém pode ser moldado por histórias. E se você realmente quer adquirir nobreza ou aprender a verdadeira autoridade na vida real, as histórias são um dos meios primários de fazer isso. Elas fornecem a você exemplos do tipo de pessoa que você quer se tornar, e adquire essa estrutura mental. As histórias determinam como você pensa, para o bem ou para o mal.

Já discutimos como Lewis formula os contrastes entre Nárnia e a Calormânia baseado na forma como suas culturas tratam as histórias. Ele diz que a poesia narniana é melhor que a calormana porque ela é fervorosa e comovente, enquanto os calormanos escrevem poesia sobre conselhos úteis: “Aravis e Cor prepararam-se para uma chatice, pois só conheciam a poesia dos calormanos” (*O cavalo e seu menino*, p. 286). Se um poeta calormano fosse transportado para o nosso mundo, provavelmente escreveria alguns versos sobre trocar o óleo do carro a cada cinco mil quilômetros e fazer o rodízio dos pneus. Como diz um calormano, “os deuses negaram aos bárbaros a luz da discrição: assim a poesia deles não é, como a nossa, cheia de máximas e ditos úteis, mas é uma poesia de amor e de guerra” (p. 244). Como se sabe, Lewis também observa que os calormanos eram muito bons em narrativas não poéticas, pois isso era uma parte crucial da educação deles: “na Calormânia, *aprende-se* a contar uma história (seja ela verdadeira ou inventada)” (p. 206).

As histórias podem ensinar-lhe lições de diferentes épocas e culturas que você jamais poderia ter aprendido de outra forma. Existem muitas coisas que aprendi em Nárnia que eu não teria aprendido simplesmente por ter crescido nos Estados Unidos, mas, por tê-las aprendido lá, posso praticá-las aqui. Esta é uma das principais razões por que estímulo as crianças a ler as histórias de Nárnia repetidas vezes. Elas não são apenas divertidas de ler; há, também, muitíssimas coisas importantes a serem aprendidas nelas. Se não crescem lendo livros como esse, as crianças vão ler (ou, como é bem provável, assistir) outra coisa. Outra

coisa preencherá a lacuna — e pode não ser o tipo correto de história, de modo algum.

Portanto, não basta apenas ser um leitor ávido. Eustáquio Mísero era um leitor quando ainda estava naquela condição detestável antes de se converter:

[Ele] gostava de livros instrutivos, com gravuras em que se podiam ver armazéns para guardar cereais ou robustas crianças estrangeiras fazendo ginástica em escolas-modelo. (p. 403)

Em resumo, os livros que ele lia eram sem graça, entediantes, moderníssimos e irritantes como ele. Ora, Eustáquio, como muita gente por aí, podia convencer-se de que suas leituras eram “úteis” ou “práticas” para a vida. Mas informação sem alma, sem referência moral ou uma cosmovisão para entender essa informação, é inútil. Informação não é, absolutamente, algo ruim, mas não é uma dieta bem equilibrada para mente e coração. Ela não consegue inspirar você à bravura, a ajustar suas emoções ou moldar o seu caráter em qualquer das maneiras que uma boa história consegue. Também é importante salientar que os livros que Lewis descreve aqui são, quase com certeza, livros sobre a Rússia de Josef Stálin. Stálin morreu um ano após *A viagem do Peregrino da Alvorada* ser publicado, e ele era famoso por maquiagem a realidade para enganar intelectuais crédulos oriundos do Ocidente — em outras palavras, pessoas exatamente como os pais de Eustáquio. Livros que promoviam o comunismo e o socialismo como o futuro da sociedade eram considerados muito “progressistas” na Inglaterra daquela época, e os pais de Eustáquio eram, claramente, pessoas muito progressistas.

Portanto, Eustáquio havia lido todos os tipos errados de livros, e isso contribuiu para piorar-lhe o caráter. Isso se acentua quando ele chega a Nárnia. Quando se perde na ilha do dragão, ele vê um dragão velho rastejar para fora da caverna e morrer. Ele fica paralisado e sem saber o que fazer. Como se lida com um dragão?

Eustáquio só lera livros que não servem para nada. Falavam de exportações e importações, de governos e de canos de esgoto, mas eram muito fracos em questão de dragões. (p. 441)

Se ele tivesse lido o tipo certo de histórias, saberia que os dragões são conhecidos por duas coisas: amontoar tesouros e contar mentiras. Este último aspecto é, na verdade, parte da história de Gênesis: o dragão enganou nossa primeira mãe no jardim, e a cobiça (a concupiscência dos olhos e da carne) foi

uma de suas táticas. Porque Eustáquio não entende que dragões não são dignos de confiança, ele acaba dormindo na reserva dele, pensando pensamentos de dragão e sendo transformado ele próprio em um.

Apaixonando-se por histórias

Já falei muito sobre como as histórias nos ensinam lições valiosas, mas seria um erro pensar que elas são, conseqüentemente, a cobertura doce que ajuda você a engolir a pílula amarga de cada “lição”. Histórias não são apenas meios para meter informação na cabeça das pessoas; são algo que podemos amar pelo valor intrínseco que possuem.

Quando Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia encontram Trumpkin da primeira vez, todos são pacientes em ouvir sua história.

— Mas é uma longa história.

— Melhor! — gritou Lúcia. — Adoramos histórias! (p. 311)

O tipo certo de pessoa gosta do tipo certo de histórias, e gostar de histórias é uma parte fundamental de ser o tipo certo de pessoa.

A paixão por histórias é extremamente poderosa porque as histórias têm um jeito de moldar tudo o mais que amamos. Elas estabelecem lealdades e laços; dividem; tendem a estimular amor por uma coisa e aversão por outra. Aprendemos anteriormente em *O Príncipe Caspian* que Caspian é o tipo certo de pessoa por causa das histórias que ele ama. Embora seja um telmarino, alguém da raça de pessoas que basicamente cometeram genocídio contra os antigos narnianos, como é que os leitores gostam dele e se identificam com ele? Porque ele ama as histórias das “coisas do passado” (p. 317) que sua ama lhe contava e, através dessas histórias, passou a amar essas coisas do passado em si mesmas, assim como uma esperança pelo que o mundo deve ser: “como nas histórias” (p. 314). As histórias criaram nele todos os tipos certos de laços. Miraz, como muitos dos telmarinos, é imediatamente identificado como o vilão da história porque odeia as histórias da Nárnia Antiga. Os telmarinos possuem uma cultura de culpa e temor sobre a Nárnia Antiga por causa do que seus ancestrais lhes fizeram. Por isso, tentam “desfazer até a lembrança do que existiu” (p. 316). Miraz fica muito furioso com Caspian (e sua ama) quando descobre que ele fora criado apegado a esses “contos da carochinha” (p. 335). E no fim da história Aslam faz uma proposta aos telmarinos derrotados: viver em paz com os narnianos antigos ou voltar para o mundo humano de onde eles vieram

originalmente. Por que muitos dos telmarinos decidem ficar em Nárnia? “Muitos deles, principalmente os mais novos, [...] tinham ouvido histórias” (p. 392). Porque tinham ouvido o tipo certo de histórias, eles tinham estabelecido o tipo certo de laços.

Vez ou outra você encontrará um personagem bom em Nárnia que não acredita no tipo certo de histórias. Só consigo pensar em um exemplo, e esse é Trumpkin. Trumpkin é um personagem respeitável que é leal a Caspian, mas é um cético. Ele não acredita em Nárnia ou nas histórias antigas sobre os quatro reis e rainhas de Nárnia (Pedro, Edmundo, Lúcia e Susana). Mas é importante notar que ele não permanece desse jeito. Em algum ponto, ele é confrontado com a realidade das quatro crianças retornando a Nárnia, e mais adiante precisa ter um encontro com Aslam, que o sacode e endireita. Portanto, Trumpkin é uma rara exceção à regra. Quase sempre, o conhecimento e a lealdade para com o tipo certo de histórias é algo que divide os bons personagens dos maus.

Esse tema aparece repetidas vezes nas histórias de Nárnia. Lewis não está apenas nos contando uma história, ele está nos ensinando sobre as histórias em geral, incluindo a sua própria.

Histórias deturpadas

Da mesma forma como a autoridade, a confissão, a nobreza e outras coisas sobre as quais falamos, as histórias podem ser deturpadas. Elas podem contar mentiras. Podem destruir vidas, em vez de nutri-las, e podem levar uma pessoa a estabelecer amores e laços errados. Em *A última batalha*, o centauro Passofirme dá esse alerta ao rei: “Senhor, não acrediteis nessa história. Não pode ser. As estrelas nunca mentem, mas os homens e os animais, sim” (p. 639). Portanto, as histórias podem ser canais tanto da verdade quanto da mentira. Elas não são automaticamente boas em si mesmas; é preciso que seja o tipo certo de história contada pelo tipo certo de pessoa.

Um bom exemplo é Nikabrik, que tinha mais “fé” nas histórias antigas do que Trumpkin. Ele diz: “Trumpkin nunca acreditou em nenhuma dessas histórias. Quanto a mim, acho que, antes de acreditar, deveríamos colocá-las à prova” (p. 371). Mas o fato de Nikabrik acreditar nas histórias antigas não o torna um bom personagem, porque ele as deturpa da forma errada. Ele continua: “Precisamos de uma força, de uma força que se ponha ao nosso lado. E não diz a lenda que a feiticeira derrotou Aslam e o algemou e o matou sobre aquela mesa que está lá perto daquela luz?” (p. 371). Ele conhece a história, acredita nela, mas perde completamente o seu ponto essencial. Ele é receptivo a Aslam, por ter derrotado a Feiticeira na história, já que Aslam virá e lutará ao lado dele contra Miraz. Mas, como Aslam não aparece de imediato, Nikabrik é igualmente receptivo à feiticeira, por ter vencido na história, já que poderão, então, chamá-la para ajudá-los a derrotar Miraz. Nikabrik escolhe um elemento qualquer da história em que quer acreditar — independentemente se poderá beneficiar-se dele no presente. Quando alguém o lembra de que Aslam ressuscitou e matou a feiticeira, a resposta dele ainda está equivocada:

Dizem que [a Feiticeira Branca] reinou cem anos... cem anos de inverno sem parar. A isso é que eu chamo poder. Isso tem sentido prático. (p. 372)

O mesmo tipo de deturpação da história acontece o tempo inteiro entre os historiadores e eruditos modernos que pretendem deturpar a fonte histórica ou as histórias clássicas para servir a suas agendas. Não contam as histórias

honestamente; estão simplesmente tentando explorá-las para obter poder no presente.

Em *A última batalha* esse tipo de deturpação da história é um elemento-chave. O Rei Tirian e Precioso estão tentando esmiuçar todas as coisas terríveis que vinham acontecendo em Nárnia e os rumores de que Aslam está por trás delas. Ele sabe que isso não combina com quem Aslam é, pois conhecem as histórias sobre ele, mas também ficam confusos:

- Não é o que se diz em todas as narrativas antigas, que ele não é um leão domesticado?
- Isso mesmo, Precioso, isso mesmo! — exclamou o rei.
- São exatamente estas as palavras: ele não é um leão domesticado. Isso aparece em inúmeras histórias. (p. 639)
- Será verdade? Será possível que Ele esteja derrubando as árvores sagradas e matando as dríades?
- A não ser que todas as dríades tenham feito algo terrivelmente errado... — murmurou Precioso.
- Mas vendê-las para os calormanos?! — pasmou o rei. — Será possível?
- Não sei... — disse Precioso, desolado. — Ele não é um leão domesticado... (p. 641)

Eles sabem, a partir das histórias antigas, que Aslam não foi concebido para ser domesticado. Mas sabem também que ele não é mau, e as coisas que estavam acontecendo em volta deles, sendo feitas em nome de Aslam, eram más.

Manhoso deturpa a mesma passagem das histórias antigas para perpetrar suas mentiras:

Aslam disse que tem sido generoso demais com vocês, mas que agora não vai mais ser tão mole. Desta vez vai colocá-los todos nos eixos. Vai ensiná-los a não pensar mais que ele é um leão domesticado e bonzinho. (p. 647)

Histórias mentirosas se tornam ainda mais poderosas quando misturadas com um pouquinho de verdade. Quando Confuso é liberto de Manhoso, ameaçando, assim, toda a farsa, Manhoso então proclama que um macaco com pele de leão anda perambulando por aí dizendo-se Aslam. Assim, “misturando um pouquinho de verdade à mentira anterior, eles a haviam levado muito mais longe” (p. 688). Histórias são coisas poderosas, e é por isso que os vilões quase sempre tentam solapá-la de dentro. É muito mais fácil para os maus elementos misturar uma história verdadeira com suas mentiras do que inventar uma nova

do zero, pois, fazendo isso, conseguem tirar vantagem do poder das verdadeiras histórias enquanto as misturam para os seus próprios fins.

Vimos, até aqui, como as histórias tendem a dividir os narnianos em dois grupos: os bons personagens correspondem às verdadeiras histórias, enquanto que os maus as odeiam e ou tentam negá-las ou deturpá-las para propósitos maus. Mas as histórias também ajudam os personagens de Lewis a discernir que outros personagens são bons ou maus. Em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupas*, quando entram juntas pela primeira vez em Nárnia, todas as crianças veem um passarinho que parece convidá-los para segui-lo. Como sabem se podem ou não confiar nele? Edmundo desconfia:

— Estamos indo atrás de um guia que não sabemos quem é. Como vamos saber de que lado está o passarinho? Quem pode dizer se ele não está levando a gente para alguma armadilha?

— Que ideia boba! Além disso, você está vendo, trata-se de um pintarroxo. Em todas as histórias que li, os pintarrosos são sempre bons sujeitos. Ele nunca ficaria do lado errado. (p. 130)

Pedro está confiando no conhecimento proporcionado por suas leituras para ajudá-los a decidir se devem confiar no passarinho. Se fosse um abutre, poderia ter chegado a uma conclusão diferente. Embeber-se no tipo certo de histórias ajudará você a identificar os bons ou os maus personagens quando você os encontrar na vida real.

Edmundo, contudo, carece desse discernimento. Quando encontra a feiticeira pela primeira vez, ela lhe diz:

Se sua irmã encontrou um fauno, é possível que tenha ouvido contar histórias estranhas a meu respeito, histórias desagradáveis; pode ter medo de vir aqui. Os faunos falam o que lhes passa pela cabeça, [você] bem sabe disso. (p. 119)

Então, temos duas histórias conflitantes aqui: a da feiticeira e a do fauno. Em quem acreditar? Se Edmundo tivesse aprendido qualquer coisa com a leitura do tipo certo de livros, ele devia saber que a feiticeira branca fatal não é digna de confiança. Mas ele está afundado em pecado, e seu coração já se tornara metade traidor. Ele não reconhece a história na qual se encontrava, e não consegue discernir o mal do bem. Isso fica muito óbvio a partir das perguntas que ele levanta mais tarde, quando está com seus irmãos novamente:

Ah, é assim? E como vamos saber qual é o lado errado? Como é que vamos saber se os faunos estão do lado certo e a rainha (sei, sei, já disseram que ela é feiticeira) está do lado errado? A gente não conhece os faunos e não conhece a rainha! (p. 130)

Edmundo está tentando agir como um “observador neutro”. Aparentemente ele quer conduzir uma investigação independente e científica, com bastante credibilidade jornalística e todos os envolvidos entrevistados, para depois tomar uma decisão inteligente e fundamentada. Ele quer que todos considerem a possibilidade de que *ambos* os lados podem ter perspectivas válidas. O problema é que ele desconhece a história em que está, e não consegue identificar os bons personagens ou os maus. E, o que é pior, ele já estabeleceu seu laço com a feiticeira ao aceitar sua comida e o encantamento que o acompanhava. Sendo assim, embora pretenda ser objetivo, ele está longe de sê-lo — é só uma mentira que ele está contando para si mesmo para justificar suas próprias ações pecaminosas. O exemplo de Edmundo deixa claro que existem apenas duas histórias: a de Aslam e a da bruxa. Não há uma terceira via neutra. Cuidado com a agenda daqueles que alegam tê-la encontrado.

Edmundo já é um traidor, mas distrai a si mesmo e aos outros desse fato ao questionar a confiabilidade deles. E acaba deturpando a história, exatamente como Nikabrik:

“Porque” — pensava ele — “os que falam mal dela são os inimigos, e é provável que metade do que dizem não seja verdade”. (p. 143)

Mesmo nessa negação, fica claro que ele conhece a verdade profundamente. “*É provável*”? Edmundo sequer consegue ser capaz de dizer com certeza. “*Metade do que dizem*”? Mesmo se a metade do que os narnianos bons dizem sobre a feiticeira fosse verdade, ela ainda seria muito, muito perversa. Edmundo sabe disso, mas mesmo assim escolhe contar uma história mentirosa para si mesmo.

Digory nos dá outro exemplo de como as histórias que lemos nos ajudam a identificar os personagens que encontramos. Após Tio André realizar um experimento na inconsciente Polly ao expedi-la do nosso mundo com um anel mágico, Digory diz a ele:

Até hoje não acreditava em magia. Agora sei que existe. Sendo assim, acho que os velhos contos de fada são todos mais ou menos verdadeiros. E o senhor não passa de um bruxo cruel como os que

existem nos contos. Escute então: nunca soube de um bruxo que não acabasse pagando por sua maldade no final da história. É só. (p. 21)

Digory tropeçou no laboratório do sótão do seu tio e descobriu que a magia é real. Bem, se ela é real, Digory imagina, então as histórias que ele lê sobre magia são relevantes aqui. Ele avalia a situação de imediato porque leu os livros certos. Ele conhece a história na qual desembarcou, por isso sabe de imediato como avaliar o Tio André, que antes disso lhe era um tanto misterioso.

A história verdadeira

Em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, Lúcia recebe a incumbência de ler um livro mágico de um mago para tornar os anõezinhos visíveis novamente. Enquanto o lê, ela descobre, por acaso, algo que não é nem um pouco mágico, mas uma história.

Nunca mais foi capaz de lembrar, mas, desde então, quando Lúcia acha que uma história é boa, é porque lhe lembra a história esquecida do livro mágico. (p. 474)

Embora não consiga mais lembrar-se da história, agora de fato sabe com que uma boa história se parece, e a usa como modelo de excelência narrativa para o resto da vida.

Talvez você tenha tido a mesma experiência com sonhos. Às vezes, você tem um sonho muito vívido e bonito, mas ao acordar e sentar-se na cama já está meio esquecido. E, ao andar pelo quarto, você não consegue lembrar absolutamente nada. Só de vez em quando, muito mais tarde, você ouvirá um som ou um cheiro que trará de volta uma pista dele.

O que impede que a experiência de Lúcia seja trágica é o fato de ela não encontrar essa história novamente. Em *A última batalha*, quando ela e os demais entram na Nárnia final e glorificada, estão entrando no cumprimento de todas as boas histórias — a história verdadeira que é mais verdadeira que todas as outras contadas antes. Lewis escreve:

E, à medida que Ele falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las. Para nós, este é o fim de todas as histórias, e podemos dizer, com absoluta certeza, que todos viveram felizes para sempre. (p. 737)

Lewis está dizendo que, até certo ponto, a história terminou. Ele não vai escrever quaisquer outros livros sobre Nárnia. Mas suas histórias terminaram porque a história verdadeira verdadeiramente começou. Todas as melhores histórias que foram contadas ou restaram antes desta eram como sonhos, comparadas à história verdadeira na qual acordaremos. Essa história é uma que nunca termina, “e na qual cada capítulo é muito melhor do que o anterior” (p. 737).

Em outras palavras, o céu é como uma história, mas uma que é melhor que o melhor livro que você já leu. As pistas que Lúcia consegue no livro mágico, ou as que você consegue quando lê um livro realmente formidável ou tem um sonho especialmente bom, todas elas apontam para o livro final. Todas as histórias terrenas terminam, mesmo quando são tão boas que você deseja que continuassem por centenas de páginas mais. Mas essa história final não termina. Cada capítulo é mais rico, mais pleno e mais emocionante do que o último. A vida eterna é a história definitiva.

Toda boa história, de alguma maneira, pressagia esta última. Toda boa história que é contada aqui na terra possui uma espécie de realidade vaga, mas sempre se vale de uma verdade e realidade mais profundas. J. R. R. Tolkien certa vez foi perguntado se achava que *O Senhor dos Anéis* realmente aconteceu em algum lugar, em alguma época. Ele respondeu: “Espera-se”. Lewis e Tolkien acreditavam que a arte de contar histórias era muito mais do que apenas inventar algo. Ela dizia respeito aos escritores humanos, como portadores da imagem de Deus, imitando a obra criativa dele. Embora não possam criar coisas físicas no mundo real, eles podem, contudo, criar mundos que ressoam a verdade da realidade de Deus. É por isso que Lewis disse que uma boa história de aventura é mais verdadeira que uma história insípida. Os eventos na história podem não ter acontecido, mas se assemelham mais fielmente com o tipo de mundo que Deus fez do que um recontar morto de eventos verdadeiros. E quando, por fim, entrarmos no céu, perceberemos plenamente como todas as melhores histórias estavam prefigurando a última e maior história de todas.

Conclusão

É por isso que é tão importante que você se dedique a ler boas histórias. A vida é muito curta para dedicar-se às ruins. Aprenda a ler boas histórias e a escrevê-las também. Pratique a escrita de boas histórias escrevendo de fato as ruins, mostrando-as aos seus professores e amigos para que eles possam ajudá-lo a escrever histórias melhores. O mundo cristão precisa de um número muito maior de bons contadores de histórias do que este de que dispõe.

Pode ser que alguns de nós fiquem tentados a pensar que o mundo cristão precisa, ao contrário, de mais de livros de teologia; eu, no entanto, considero isso fundamentalmente contra o espírito da Bíblia. A Bíblia não é um livro cheio de teologia e doutrina. É um livro cheio de histórias, poesia, profecias e canções, junto com alguns livros doutrinários. É óbvio que não estou dizendo que teologia e doutrina são irrelevantes — são essenciais. Mas muito da palavra de Deus veio a nós na forma de história. Quer sejam as parábolas de Jesus ou as grandes histórias do Antigo Testamento, como Davi derrotando Golias, Josafá triunfando com o coral à frente do exército, as muralhas de Jericó ruindo, a fuga do Egito e a abertura do Mar Vermelho — todas elas nos levam a pensar na vida cristã e nosso relacionamento com Deus como uma história. Fomos feitos para viver como vivemos em uma das histórias de Deus.

É por isso que acredito que uma das coisas mais importantes que C. S. Lewis fez para o mundo cristão foi devolver a centralidade da arte narrativa. Não precisamos nos sentir culpados por amar essas histórias. Não precisamos pensar: “Se eu fosse um cristão *de verdade*, eu estaria lendo algo mais sério, em vez dessas histórias”. Pelo contrário, fomos feitos para amar histórias. Fomos feitos para pensar nessas categorias e pôr esses exercícios intelectuais à prova. Se estivesse com o Rei Tirian em *A última batalha*, o que você faria? Se estivesse navegando no *Peregrino da Alvorada*, que tipo de personagem você seria? Como reagiria nessa ou naquela situação? Estamos continuamente contando histórias para nós mesmos o dia inteiro. Convencemo-nos de que somos o tipo certo de personagem e que nossos amigos, família e outras pessoas que conhecemos são

outros tipos de personagens. Que tipo de história você está contando? Ela é verdadeira?

Quero concluir com — adivinhem — uma história. Ao longo dos anos, li tanto as histórias de Nárnia como *O Senhor dos Anéis* em voz alta muitas vezes para os meus filhos. Ansioso para fazer isso, comecei muito mais cedo do que qualquer pessoa normal começaria, de modo que a primeira vez que li *O Senhor dos Anéis* foi quando meu filho Nathan tinha dois anos e minha filha mais velha, Bekah, tinha quatro. A certa altura, quando estava lendo uma das grandes cenas de batalha, minha esposa percebeu que as bochechas de Nathan começaram a ficar vermelhas, e, quando as tocou, elas estavam quentes. Ele tinha dois anos de idade e estava *na* batalha. Estava dominado pela história. Ora, naturalmente alguém dirá que, quando você lê um livro como esse para crianças de dois anos de idade, elas não vão conseguir entender tudo. É claro que não. Mas isso é legal, pois elas o lerão de novo quando tiverem seis, e dez, e quinze, e vinte. Elas o lerão vezes sem conta, e aprenderão mais com ele a cada vez.

A questão é que os seres humanos são condicionados a cair no “domínio da história”. Deus nos fez assim porque esse é um jeito formidável de aprender. Portanto, aprenda com a história de Israel e com as parábolas de Jesus. Aprenda através das histórias de grandes escritores cristãos como C. S. Lewis. Leia-os, releia-os e depois leia-os novamente. Quando você se deixar tomar por essas histórias, não apenas as desfrutará — você será moldado e ensinado de muitas formas inesperadas e proveitosas, muitas das vezes sem nem perceber. Esse é o poder da história.



CAPÍTULO 6

GRAÇA PERFEITA

NÁRNIA ENSINOU-ME NÃO apenas sobre Cristo (através da figura de Aslam) e a igreja (através da figura dos fiéis narnianos) em si e de si mesmos, mas também sobre a natureza do relacionamento entre Cristo e seu povo. O melhor e mais simples modo de descrever esse relacionamento é que ele é fundamentado na *graça*.

Ora, a graça envolve muito mais do que ser meramente “gentil” ou “legal”. Significa mostrar favor, doação e entrega. Por causa da natureza do relacionamento entre Criador e criatura, tudo o que temos, bem como a nossa própria existência, são completa e inteiramente *dádivas* — nada mais. Se você der um presente de Natal ou de aniversário a uma pessoa, ela adiciona esse presente a todas as outras coisas que possui e que obteve de um grande número de fontes diferentes. Mas quando se trata das dádivas de Deus a nós, não há nada que sejamos ou que tenhamos feito para receber dele. Essa doação, essa *graça* é, consequentemente, completa, total e ampla.

O sacrifício de Aslam e o fundamento da graça

A história fundamental da graça nas histórias de Nárnia é, naturalmente, o sacrifício de Aslam por Edmundo em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Mas as duas outras com as quais eu mais aprendi são a de Eustáquio, em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, e de Jill, em *A cadeira de prata*.

Na medida em que consideramos a história de como Aslam redimiou Edmundo no primeiro livro de Nárnia que Lewis escreveu, precisamos lembrar que a morte de Aslam em favor de Edmundo não foi apenas um ato específico que o salvou como indivíduo; foi um tipo ou figura do que Aslam estava fazendo por toda a Nárnia. O Rei Tirian, em *A última batalha*, descreve Aslam como “o bom leão, que dera o próprio sangue para salvar Nárnia inteira” (p. 649). Há outra referência a isso em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, quando Edmundo está falando com Eustáquio sobre como ambos haviam sido transformados por seus encontros com Aslam, e Edmundo menciona: ele “salvou a mim e a Nárnia” (p. 452). Portanto, Lewis claramente deseja que vejamos Edmundo como o representante de todos os narnianos, de todos os que precisam ser salvos.

Na própria história de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, Lewis enfatiza o sacrifício de Aslam por Edmundo como um indivíduo a fim de ilustrar a doutrina cristã da expiação substitutiva. Embora essa mensagem seja central a toda a mensagem do evangelho, às vezes nos é difícil entendê-la como doutrina abstrata. No entanto, quando lemos como Edmundo trai seus irmãos, como é escravizado pela feiticeira, como Aslam intervém e morre em seu lugar, a natureza da mudança é clara. A feiticeira ia matar Edmundo, mas Aslam interferiu e ofereceu-se em lugar dele. Este é o fundamento da fé cristã: Cristo morreu como um substituto de todo o seu povo.

Mas por que Aslam precisou morrer? Sua simples chegada já tinha destruído o poder da feiticeira e posto um fim ao seu inverno eterno. Edmundo já tinha sido resgatado do domínio da feiticeira e devolvido em segurança ao arraial narniano. Poderíamos pensar que deveria ser o momento para o final feliz. Mas Lewis tem um ponto particular a apresentar: embora Aslam tivesse destruído o poder do inverno, a feiticeira ainda tinha direito sobre a vida de Edmundo, pois este era

um traidor, e, de acordo com a lei, ela podia exercer total domínio sobre todos os traidores. O fato de Aslam ter vencido o poder dela e substituído o inverno pela primavera não podia alterar esse fato. Que “lei” era responsável por isso? Lembre-se de que é a lei do Imperador de Além-Mar, que representa Deus, o Pai, da mesma forma como Aslam representa Cristo. Ir contra essa lei está fora de cogitação. Quando Susan o sugere, Aslam fica bastante aborrecido:

— Enfrentar o poder mágico do Imperador? — Aslam voltou-se para ela, com o rosto ligeiramente carregado. E ninguém mais tocou naquele assunto. (p. 166)

Em outras palavras, eles podem opor-se à feiticeira, mas não podem opor-se à reivindicação legítima dela sobre Edmundo, pois fazê-lo seria opor-se ao próprio Imperador.

Quando Edmundo percebe sua situação, a reação é significativa:

Sentia-se sufocado e perguntava a si mesmo se devia dizer alguma coisa: compreendeu que não devia dizer coisa nenhuma, só esperar e cumprir o que lhe fosse ordenado. (p. 166)

Ele havia sido trazido a uma posição de completo desamparo. Não podia fazer nada senão esperar passivamente pelo desfecho. Edmundo não está tentando desesperadamente salvar-se a si mesmo ou ganhar pontos que de alguma forma o tirem da situação. Esse é o retrato da situação do pecador antes de Cristo salvá-lo. A graça *acontece* a você; não é algo que você mereça ou “faça acontecer” simplesmente tentando a duras penas. A graça é algo por que você tem de esperar. Ora, Edmundo não precisa esperar muito; como você sabe, Aslam chama a feiticeira para uma conversa particular e propõe entregar-se no lugar dele.

De todas as coisas que aprendi em Nárnia, se eu tivesse de escolher uma única lição que se destacasse como a mais importante, seria essa lição sobre a natureza da expiação substitutiva. Embora eu tenha crescido numa igreja cristã e ouvido quase todo domingo que Jesus morreu por nossos pecados, foi somente quando li a história de Aslam e Edmundo que a lição realmente estalou. Repentinamente eu entendi a cruz — e o centro da mensagem do evangelho — de um modo novo e mais profundo.

Lewis presta atenção aos detalhes nessa parte da história incluindo diversas alusões bíblicas. Por exemplo, a Mesa de Pedra, como seria de esperar, é a cruz, e

quando Aslam morre, quebra-a ao meio, significando que o poder da própria morte foi quebrado, embora também ecoe como o véu do templo rasgou-se quando Jesus morreu (Mateus 27.51).

A atitude da feiticeira também está cheia de alusões bíblicas. Quando Aslam se entrega à feiticeira, ela pensa que havia vencido. Pensa que o havia enganado. Ela matará Aslam, e depois, no dia seguinte, seu exército atacará os narnianos e levará Edmundo e todos os demais, de uma forma ou outra. Pensa que havia vencido Aslam, que sua morte será completamente vã e que o reino dela sobre Nárnia está intacto. A feiticeira o considera fraco e compassivo demais para tomar decisões racionais. “O louco! O louco está chegando! Amarrem bem o louco!” (p. 170). Tudo isso alude ao que Paulo diz em 1Coríntios 2.8: “Sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória”. Por que os poderosos deste mundo não teriam crucificado o Senhor da glória? Porque aquilo que eles pensaram que lhes daria a vitória acabou se revelando o instrumento de sua derrota.

Podemos encontrar muitas outras alusões bíblicas no tratamento que a feiticeira dispensa a Aslam imediatamente antes da morte dele. Uma vez que ela fez a sua reivindicação baseada na lei do Imperador de Além-Mar, você poderia pensar que ela simplesmente executaria o sacrifício rapidamente e daria a volta por cima. Se fosse meramente uma questão de justiça, você pensaria que esses procedimentos seriam ordeiros e sérios. Mas não é isso que ela faz. Ela quer atormentá-lo, escarnecê-lo e derramar todo o seu ódio sobre ele antes de sua morte. Ela diz: “Primeiro, cortem-lhe a juba” (p. 170). Foi isso o que aconteceu a Jesus também. Como previra o profeta Isaías, ele foi torturado e escarnecido (Isaías 53; Mateus 27.26-31). E, como Jesus, Aslam não oferece resistência: “Mas ele não se moveu. E isso pareceu enfurecer toda a turba”.¹⁰ Por fim, no momento em que está prestes a matá-lo, ela lança uma última palavra de abuso: “Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra” (p. 171). Então, após Aslam morrer, ela dispara para seus seguidores: “Sigam-me todos e acabemos com o que resta da batalha. Não será difícil

esmagar o verme humano e os traidores, agora que o grande louco, o gato, está morto” (p. 172). Em outras palavras, a justiça não é a intenção de forma alguma. Ela está planejando quebrar sua parte no acordo perseguindo Edmundo e os demais assim que tiver acabado com Aslam. Ela usou a alegação de justiça apenas como instrumento de barganha e, tendo alcançado seu objetivo, desfez-se de todas as pretensões de buscar justiça.

Mas a feiticeira enganou-se profundamente. Ao amanhecer, a Mesa de Pedra estava partida em duas, e Aslam ressurgiu. O que isso significa?

Explico [disse Aslam]: a feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda. (p. 174)

A feiticeira sabe tudo sobre magia dentro do tempo, mas não sabe nada da magia “mais profunda” de “antes da aurora do tempo”. De acordo com essa magia eterna, “se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás”. Note que essa magia profunda é desde a eternidade. Ela não está enraizada no método deste mundo; está enraizada nos métodos de Deus. É por isso que a feiticeira não a vê surgindo.

Por meio dessa história, Lewis consegue comunicar o que muitos teólogos lutam para fazê-lo: a morte substitutiva ou “vicária” de Cristo por seu povo. Este é o significado da fé cristã: Cristo morreu em seu lugar, salvando-o por pura graça, sem esforço algum de sua parte. Do mesmo modo, o sacrifício central de Aslam é o fundamento de toda graça que aparece alhures em Nárnia. E Lewis revela a verdadeira natureza da graça por Edmundo não ter feito absolutamente nada para merecer ou conquistar o que Aslam fez por ele.

Graça aplicada

PARTE 1: JILL E *A cadeira de prata*

O sacrifício de Aslam por Edmundo e, por extensão, pelo restante de Nárnia, é o fundamento da graça. Mas essa graça ainda tem de ser aplicada à vida de indivíduos específicos; ela precisa transformá-los. Um aspecto bastante encorajador das histórias de Nárnia é que as crianças que entram nela são todas pecadoras. Todas cometem erros. Todas têm problemas reais. Desobedecem, brigam umas com as outras e até mesmo (no caso de Edmundo) traem a própria família. Elas não são perfeitas sob nenhum aspecto, e é por isso que precisam da graça transformadora de Aslam. E é importante notar que isso vale tanto para as crianças “boas” (como Pedro, Lúcia e Jill) quanto para as “insuportáveis” (como Eustáquio). *Todas* necessitam de graça.

No início de *A cadeira de prata*, Jill é, de imediato, uma personagem simpática. Eustáquio, que já havia se convertido em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, encontra-a chorando atrás do ginásio de sua escola medonha porque fora vítima de zombarias. Quando Eustáquio começa a falar com ela sobre isso, ela se zanga com ele e traz à baila os seus erros de outrora. Ele os reconhece, mas lembra-lhe o quanto mudou, e ela tem de admitir que ele está certo. Ele, então, hesitante num primeiro momento, conta-lhe sobre Nárnia e como ela o mudou. Para sua surpresa, ela acredita, e eles decidem invocar Aslam juntos na esperança de voltarem a Nárnia, e Aslam aceita o pedido deles.

Eles se veem no país de Aslam, no Leste absoluto de Nárnia, que Eustáquio e os outros haviam alcançado no fim de *A viagem do Peregrino da Alvorada*. Logo se veem à beira de um penhasco estonteantemente alto e Eustáquio, que não tem vocação para altitude, começa a fraquejar das pernas. Qual é a reação de Jill? Alturas não lhe incomodam, então, “notando que ele ficou branco, chegou a sentir desprezo” (p. 525). Ela sobe reto até a beira do penhasco para mostrar a Eustáquio o quanto ela é superior. Por que Lewis faz isso? Ele já havia apresentado Jill como uma pessoa muito decente que é maltratada por valentões. Ela tem a simpatia do leitor e está, agora, numa grande aventura num outro mundo, e, no entanto, esse lado ruim do seu caráter imediatamente aflora. Lewis

está nos lembrando que ninguém está livre do pecado — nem mesmo aqueles que consideramos pessoas “boas”. Todos são pecadores, e todos precisam de graça.

Assim, Jill encara Eustáquio de cima do penhasco, mas percebe que subestimou seriamente esse penhasco. Ele não se parece com nenhum penhasco possível de existir na terra; os cumes das nuvens estão milhas abaixo e a base está completamente fora do alcance da vista. Ela se vê sucumbindo em vertigem e perdendo o equilíbrio. Eustáquio, em um ato supremo de bravura, pula para a frente para salvá-la; há uma breve luta e Eustáquio acaba caindo no abismo com um grito terrível. Nesse momento, o leão aparece de repente e, com um grande sopro, parece soprar Eustáquio para longe (para Nárnia, como descobrimos mais tarde). Ele, então, se afasta sem dar explicações, deixando Jill refletindo sobre o destino de Eustáquio e suas próprias ações.

O acidente aconteceu porque Jill menosprezou Eustáquio e quis se exibir humilhando-o. Ela o sabe, mas agrava ainda mais a situação não assumindo a responsabilidade e tentando, em vez disso, justificar-se: “A culpa não é minha se ele caiu no abismo” (p. 527). Note que o fato de ela ficar repetindo isso para si mesma prova que é uma mentira. Se realmente fosse inocente, ela não precisaria fazer um grande esforço para provar para si mesma que é inocente. Jill pode ter fugido de seus problemas na Inglaterra, mas não fugiu deles em seu próprio coração. Ela precisa de redenção.

Nessa condição, ela repentinamente percebe que está com muita sede e que consegue ouvir o som de água corrente à distância. Enfim, ela encontra um curso d’água limpo, mas para bruscamente porque um leão está sentado entre ela e o curso d’água — o mesmo leão da cena no penhasco. Como leitores, sabemos que é Aslam, mas Jill não. Enquanto ela fica ali decidindo o que fazer, o leão a convida a beber da água. Ora, Jill já está morrendo de sede, mas quando percebe que o leão está falando, ela “não ficou mais amedrontada do que antes, mas ficou amedrontada de um modo diferente” (p. 528). Isso é o que Lewis chama alhures de *numinoso* ou temor sobrenatural misturado com espanto. Não é o tipo de medo que você sentiria de um perigo físico qualquer, como encontrar um leão comum que escapou do circo.

Ora, Jill está morrendo de sede, e fica claro que se trata de sede espiritual bem como de física. Mas a sede precisa competir com o medo de Aslam. O diálogo resultante com Aslam é uma das passagens mais verdadeiramente poderosas em todas as histórias de Nárnia:

— Não está com sede? — perguntou o Leão.

— Estou morrendo de sede.

— Então, beba.

— Será que eu posso... você podia... podia arredar um pouquinho para lá enquanto eu mato a sede?

A resposta do Leão não passou de um olhar e um rosnado baixo. Era (Jill se deu conta disso ao defrontar o corpanzil) como pedir a uma montanha que saísse do seu caminho.

O delicioso murmúrio do riacho era de enlouquecer.

— Você promete não fazer... nada comigo... se eu for?

— Não prometo nada — respondeu o Leão.

A sede era tão cruel que Jill deu um passo sem querer.

— Você come meninas? — perguntou ela.

— Já devorei meninos e meninas, homens e mulheres, reis e imperadores, cidades e reinos — respondeu o Leão, sem orgulho, sem remorso, sem raiva, com a maior naturalidade.

— Perdi a coragem — suspirou Jill.

— Então vai morrer de sede.

— Oh, que coisa mais horrível! — disse Jill dando um passo à frente. — Acho que vou ver se encontro outro riacho.

— Não há outro — disse o Leão. (p. 528)

Este diálogo é, antes de tudo, um exemplo maravilhoso da recusa de Aslam em negociar com aqueles que precisam de sua graça. Você pode imaginá-lo acontecendo totalmente diferente na versão evangélica moderna de Jesus no lugar de Aslam:

Oh, certamente eu vou embora se você quiser. Não deixe de me avisar quando estiver confortável com minha volta. Não, não, não, eu jamais comeria alguém... Espere só até que esteja pronto para beber... Tudo bem, tudo bem, desculpa se você quer beber numa fonte diferente. Boa sorte em sua jornada espiritual!

Aslam não se parece com isso. Há um caminho para a vida, e este é através dele, exatamente como Cristo diz: “Ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João

14.6).

Há mais aqui também. A sede de Jill só pode ser saciada por Aslam, mas Aslam também é aquele que lhe deu essa sede, para início de conversa. Pouco tempo depois disso, quando Jill explica a Aslam que entrara em Nárnia ao invocá-lo, ele responde: “Não teriam chamado por mim se eu não houvesse chamado por vocês” (p. 529). A graça é um dom de uma ponta a outra. Deus nos dá graça, mas primeiro nos dá o desejo por ela. Como Paulo escreve em Coríntios,

Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido? (1Coríntios 4.7)

Quando Jesus vem para dar a cada um do seu povo o dom da salvação, ele o estende a você, e então o Espírito Santo dele desperta o seu desejo pelo dom e capacita sua mão a alcançá-lo e recebê-lo. A salvação é inteiramente graça — inteiramente dom — de cima a baixo e do começo ao fim.

PARTE 2: EUSTÁQUIO E *A viagem do Peregrino da Alvorada*

Eustáquio é, provavelmente, o personagem mais bem desenvolvido de todas as histórias de Nárnia, ao lado do próprio Aslam. Escritores e críticos frequentemente falam sobre os personagens serem ou “regulares” ou “desinteressantes”, de acordo com o tempo dispendido pelos autores ao desenvolver suas personalidades. Por essa definição, Eustáquio é um personagem muito regular. Lewis gasta um bom tempo revelando seu caráter, e muita páginas de histórias são até mesmo escritas por Eustáquio na forma de diários inteiros que descrevem suas primeiras semanas a bordo do navio.

Mediante tudo isso, aprendemos muito sobre ele e sobre seu estado não convertido, bem como uma descrição detalhada de sua conversão. Comparada às experiências de Jill em *A cadeira de prata*, a conversão de Eustáquio em *A viagem do Peregrino da Alvorada* é muito mais consistente. Jill começa, pelo menos, como uma personagem simpática e gradualmente aprende a como seguir Aslam de maneira fiel, mas Eustáquio começa como o personagem mais antipático na história e, depois, experimenta uma rápida transformação.

Isso começa aproximadamente no meio de *A viagem do Peregrino da Alvorada*. O navio e sua tripulação tinham acabado de sofrer algumas tempestades violentas e, finalmente, alcançaram a ilha montanhosa e densamente arborizada onde planejam parar, descansar e fazer reparos. Eustáquio, como manda o figurino, não quer ser posto para trabalhar, então se dana para o interior da ilha. Após perder-se no nevoeiro, ele se encontra em um vale remoto, onde vê um dragão rastejar para fora de sua caverna e morrer abruptamente na margem de um pequeno lago. Naquele momento, uma grande tempestade cai, então Eustáquio se refugia na caverna e acaba dormindo na grande pilha de tesouro do dragão. Quando acorda, percebe que se transformou em um dragão.

Após muitos dias e semanas vivendo como dragão, Eustáquio lentamente começa a enfrentar o seu próprio caráter: “E o pobre Eustáquio compreendia cada vez mais que, desde que entrara no navio, havia sido um empecilho constante, e agora era um empecilho maior” (p. 449). Seu orgulho e cegueira para com as próprias falhas são lentamente substituídos por uma atitude de humildade e arrependimento. Ele inclusive começa a ser útil, acendendo fogos com seu bafo e levando um pinheiro para a praia a fim de servir como o novo mastro do navio. Mas — e isso é muito importante perceber — a mera tristeza e tentativa de ser bom não faz com que deixe de ser dragão. É um dragão triste — e um dragão relativamente útil —, mas permanece um dragão.

Em poucas palavras, Eustáquio ainda precisa da graça de Aslam. Assim, visto que Caspian e os outros estão começando a discutir se continuam a viagem e deixam Eustáquio para trás, Aslam aparece a Eustáquio de noite. A primeira reação de Eustáquio é o mesmo tipo de medo e espanto sobrenaturais que Jill experimentou: “Não temia que me comesse, mas tinha medo dele... não sei se está entendendo o que quero dizer...” (p. 450). Aslam, então, leva-o a um jardim no cimo de uma montanha com uma nascente de água do tamanho de uma piscina no meio dele. Quando vê a piscina, Eustáquio deseja imediatamente tomar um banho nela para aliviar a dor em sua pata (lembre-se de que, quando ainda era um menino, Eustáquio havia colocado no braço um bracelete dourado

do tesouro do dragão, e este ficou o tempo inteiro cravando a carne de seu braço de dragão, agora muito mais volumoso).

Mas Aslam o impede de ir à piscina, dizendo que ele deve “tirar a roupa” primeiro. Eustáquio a princípio não entende como um dragão poderia tirar a roupa, até que percebe que Aslam deve ter querido dizer que ele precisava livrar-se de sua pele de escamas, como uma cobra. Então ele esfrega e raspa até que uma fina camada de pele sai. A sensação é agradável, e ele está prestes a pular na piscina quando olha para a água e percebe que sua aparência é exatamente a mesma de antes. Então descama uma segunda camada, depois a terceira, mas com o mesmo resultado.

As tentativas de Eustáquio de raspar a sua própria pele de dragão simbolizam seus esforços de arrepender-se e tornar-se uma pessoa melhor por seu próprio poder. Ele está tentando “deixar de ser dragão” sozinho. Como nossos esforços de mudar nossas vidas, pode parecer bom por um tempo. Pode parecer bom fazer resoluções sobre tornar-se uma pessoa melhor por conta própria. Mas todos os esforços de transformar-se contando apenas com sua própria força de vontade estão fadados a ser sucessos superficiais. Isso deve ser feito em seu favor. Deve ser feito por graça, o que significa que deve ser plena *dádiva*.

Eustáquio, finalmente, percebe isso: “Por isso me deitei de costas e deixei que ele tirasse a minha pele” (p. 451). Aslam inicia a obra, como Eustáquio a descreve, “como eu achava que tinha feito das outras vezes, [só que elas não machucaram]¹¹” (p. 451). Eustáquio sente as garras de Aslam penetrar-lhe o coração, e é extremamente doloroso. Então Aslam atira o corpo agora descamado de Eustáquio na piscina. Depois disso, a dor rapidamente some e Eustáquio se vê transformado novamente em menino. A cena inteira é a figura do batismo e da “morte” para o velho e pecaminoso eu sobre o qual o apóstolo Paulo escreve em Romanos 6.1-4:

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.

A outra lição importante na passagem de *A viagem do Peregrino da Alvorada* é

que, quando tentam encarregar-se de seu próprio arrependimento, as pessoas nunca podem ir longe o suficiente. Nunca superam a sua própria tolerância à dor. Você deve lembrar-se de quando, ainda pequeno, caía e machucava o joelho, e sua mãe sempre queria limpar a ferida *bem* limpinha antes de colocar o curativo — ela sempre a fez doer absurdamente. Ela nunca deixava você mesmo limpar, pois ela sabia que você só ia limpar com cuidado as beiradas e deixar toda a sujeira e areinhas na ferida para infeccionar depois. O mesmo se dá com o arrependimento e a graça — somente Deus pode tratar a raiz do problema. O método de Deus é muito mais doloroso, mas ele conduz a uma vida verdadeiramente transformada. Nosso método é muito mais confortável a curto prazo, mas conduz à agonia e à tristeza mais adiante.

Claro, Eustáquio não só volta a ser menino e a assumir a personalidade antiga de novo. A aparência física mudou, mas também o espírito. Ele começou a vida cristã, e agora é um menino em quem Deus está trabalhando. Sua transformação, contudo, não é repentina. Eustáquio não se transformou em um menino completamente diferente:

Para ser rigorosamente exato, começou a mudar. Às vezes tinha recaídas. Em certos dias era ainda um chato. Mas a cura havia começado. (p. 453)

É importante mencionar que a obra de Deus é um processo. Ele não transforma pecadores imediatamente em seres impecáveis; ele prepara o caminho para a santificação que nos ocupará pelo resto de nossas vidas.

Conclusão

Nessas três histórias de “conversão” — de Edmundo, de Jill e de Eustáquio —, vemos a importância fundamental do sacrifício e morte de Aslam. Mas também vemos que, quando ele morreu, aqueles que o seguem “morreram” também. Isso é o que vemos especialmente no caso de Eustáquio. Isso revela um ponto muito importante que devemos observar sempre que estivermos falando sobre uma morte substitutiva — quer seja Aslam na Mesa de Pedra em Nárnia, ou Jesus Cristo na cruz em nosso mundo. Há uma forma de entender a substituição que é enganosa. Em um jogo de basquete, isso significa que um segundo jogador aparece. Um homem joga, e o outro não. Aslam não morreu como um substituto nesse sentido, conforme podemos ver em nossas ilustrações. O outro tipo de substituição acontece quando elegemos um deputado para nos representar na Câmara. Ele é nosso substituto ali, o que significa que ele nos representa. Quando ele vota, nós votamos. Se Jesus fosse o primeiro tipo de substituto, isso significaria que ele morreu para que não tivéssemos que morrer. Mas ele é o segundo tipo de substituto. Isso significa que, quando ele morreu, todos aqueles que foram representados por ele morreram também. E, naturalmente, quando ele voltou da morte, também voltamos.

A outra lição fundamental nessas histórias de Nárnia é a “gratuidade” da graça. Nenhuma das três crianças podia fazer nada para salvar a si mesma. No fim, elas simplesmente tiveram de aceitar a soberana graça que lhes foi dada. Assim como Deus, Aslam faz isso tudo. A única coisa que podemos fazer é aceitá-la, e até mesmo a nossa capacidade e desejo de fazer isso nos foi dada por Deus. Graça é *graça*, do começo ao fim.

Essas coisas são os fundamentos da fé cristã. Aprendê-las é aprender o evangelho, mas aprendê-las em Nárnia é uma forma maravilhosa de realmente *compreendê-las* em um nível que nenhum livro de teologia ou escola dominical podem conseguir.

-
10. Trecho omitido na tradução de Paulo Mendes Campos. Viria logo após “as mãos de dois ou três” e antes de “Ao vê-lo amordaçado e amarrado”, no finalzinho da página 170. [N. do T.]
11. O trecho em colchetes foi omitido na tradução de Paulo Mendes Campos. [N. do T.]



CAPÍTULO 7

AMOR POR ASLAM, AMOR POR DEUS

UM DOS ASPECTOS MAIS NOTÁVEIS nas histórias de Nárnia é sua natureza bastante pessoal. Em todos os livros, é a pessoa de Aslam quem une todas as coisas. A lealdade a Aslam e o amor por ele caracterizam todos os verdadeiros narnianos, ao passo que uma antipatia para com ele caracteriza aqueles que são maus. Aslam é sempre a linha divisória. Os bons e os maus em Nárnia não são determinados por uma lista de regras abstratas isoladas, mas, antes, por *relacionamento*.

Relacionamento com Aslam

Existem muitas passagens que ilustram esse ponto, mas separei apenas algumas. Em *A última batalha*, como o Rei Tirian conhece Aslam, quando, por fim, passa pela porta do estábulo para adentrar a Nárnia final e verdadeira?

O último a se virar foi Tirian, porque estava com medo. Ali estava o anseio de seu coração, enorme e real: o Leão dourado, o próprio Aslam. (p. 716)

O mais profundo desejo de Tirian não é ser uma pessoa via de regra boa e decente, ou servir à fraternidade abstrata da humanidade. Aslam é o “anseio de seu coração”; toda a sua vida, e seu destino após ela, são orientados por esse relacionamento pessoal.

Em *O Príncipe Caspian*, quando as quatro crianças se perdem no caminho para encontrar Aslam, como Lúcia sabe que percurso eles deviam seguir? “Bem... ele... pela cara dele!” (p. 351). Lúcia não consegue articular como sabe o que fazer, mas tem certeza disso por causa de seu relacionamento pessoal com Aslam.

O mesmo se aplica a muitas outras passagens. Tudo sempre se resume ao relacionamento de cada personagem com Aslam e suas respostas pessoais a ele. Relacionamento e personalidade são conceitos comumente enfatizados em nossa época, mas infelizmente o relacionamento é concebido como uma gosma universal — sentimentos indistintos e calorosos para todos. Mas em Nárnia, como em nosso mundo aqui, relacionamento é algo muito mais penetrante do que isso; relacionamento *divide*. Os personagens são bons ou maus pela maneira como respondem a Aslam e, em muitos casos, como respondem até mesmo ao *nome* de Aslam. Após a simples menção de seu nome, alguns personagens sentem uma torrente de alegria, enquanto outros, calafrios. Essa é uma das coisas mais importantes que você pode aprender em Nárnia, porque o mesmo é verdade em nosso mundo. Todos somos definidos, mais fundamentalmente, pela maneira como nos relacionamos com Jesus Cristo. Muitos fingem não ser este o caso. Querem que o bem e o mal sejam definidos de maneira mais segura, em conformidade com as regras e regulamentos — sejam do homem ou de Deus, não importa — e não por esse relacionamento.

Seus relacionamentos determinam de que lado você está. Já discutimos no Capítulo 5 como Edmundo tenta se passar por observador imparcial, mas vale a pena revisitar as passagens a partir da perspectiva do relacionamento também. Quando está sob o domínio da Feiticeira Branca, Edmundo é rápido em levantar perguntas enquanto os outros apenas parecem “saber” que ela é má:

Ah, é assim? E como vamos saber qual é o lado errado? Como é que vamos saber se os faunos estão do lado certo e a rainha (sei, sei, já disseram que ela é feiticeira) está do lado errado? A gente não conhece os faunos e não conhece a rainha! (p. 130)

De uma perspectiva puramente “científica”, Edmundo poderia ter razão. As crianças caíram nesse mundo absolutamente estranho e, de fato, não sabem nada sobre ele. Momentos depois, ele questiona as intenções do pintarroxo e do Sr. Castor: “Como é que eu vou saber se o senhor é amigo ou inimigo?” (p. 132). Mais tarde, quando o Sr. Castor menciona o nome de Aslam, Edmundo fica com uma sensação de pavor e repulsa, enquanto os outros ficam alegres e esperançosos. Sua aversão a Aslam e lealdade egoísta para com a feiticeira estão no âmago de seu pecado. Contudo, ele é relutante em admitir isso. No fundo, sabe que está do lado da feiticeira. Ele gostou da comida e das lisonjas dela, e é seu servo para o que der e vier. Mas finge que o relacionamento com a feiticeira não está deturpando-lhe a perspectiva; em vez disso, na frente dos outros alega ser o observador neutro, imparcial, cético e desconfiado que exige provas racionais das lealdades de todo e qualquer indivíduo. Essa é uma lição que todos precisamos arquivar em nossas mentes: cuidado com aqueles que alegam ser neutros, pois sempre têm uma agenda.

Lewis usa esse tema das afinidades pessoais em todas as histórias de Nárnia. Para dar outro exemplo, não precisamos ir além de Eustáquio. Antes mesmo de chegar a Nárnia, Eustáquio (e sua mãe) detestam o quadro do navio narniano que está pendurado na parede do quarto de hóspedes da casa. Depois que ele, Lúcia e Edmundo entram em Nárnia através do quadro, sua repugnância para com todos os narnianos continua. Ele odeia o povo, a monarquia, o navio e praticamente todas as demais coisas que digam respeito a Nárnia. Após um instante, ele faz um comentário breve, porém revelador, a si mesmo quando está no tesouro do dragão: “Com uma parte dessa mercadoria, passo uma boa

temporada — talvez no país dos calormanos. Acho que é o melhor por aqui” (p. 441). Como consta, Eustáquio não gosta de nada que diga respeito a Nárnia, mas mesmo com o pouco que sabe sobre o país dos calormanos, instintivamente sente que é o tipo de lugar que lhe agrada — a despeito do fato de a Calormânia ser um império opressor e cruel. Desde o início, o caráter de Eustáquio é revelado por seus amores e lealdades inapropriados.

Outro exemplo vem de *O sobrinho do mago*. Tio André nutre uma aversão instintiva pela voz de Aslam, mesmo quando está cantando a gloriosa canção da criação que traz Nárnia à existência.

Não estava gostando da Voz. Se houvesse ali um buraco de rato, já teria sumido por ele. (p. 57)

E por que exatamente ele não gostava da voz de Aslam?

Assim que o Leão começou a cantar, ainda em meio à escuridão, tio André percebeu que o barulho era uma canção, e não gostou nada.

A canção fazia com que sentisse e pensasse coisas que não queria sentir nem pensar. (p. 69)

Naqueles cujos corações são pecaminosos e inflexíveis, a visão e a voz de Aslam levantam emoções que não querem sentir — assombro, culpa, medo e mais. Tio André não queria sentir essas coisas, portanto ele suprime a voz de Aslam. Por fim, ele se convence de que o leão está apenas rugindo, em vez de cantando ou falando.

Jadis, a feiticeira rainha de Charn, tem uma reação ainda mais forte, em proporção com sua impiedade:

Mas a feiticeira olhava como se, de algum modo, entendesse mais daquela música do que ninguém. De boca fechada, lábios contraídos, punhos cerrados, desde que a canção começara, sentia que aquele mundo se enchia de uma magia diferente da sua, e mais forte. E ela a detestava. Teria, se pudesse, esmagado aquele mundo, todos os mundos, só para interromper o canto. (p. 57)

Já mencionei a primeira reação de Edmundo ao nome de Aslam em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Quando as crianças estão na casa do Sr. Castor, este lhes conta do rumor que andava circulando em Nárnia: “Dizem que Aslam está a caminho; talvez até já tenha chegado” (p. 133). As outras crianças sentiram um ímpeto de felicidade quando ouviram o nome, mas “para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério” (p. 133). Ele compartilha dessa atitude com a Feiticeira Branca:

— Isso não é degelo — disse o anão, parando de repente. — É a própria primavera! E agora, que vamos fazer? O seu inverno está sendo destruído, Majestade! Não há dúvida alguma! Só pode ser obra de Aslam!

— Se alguém mencionar de novo esse nome, morre imediatamente! — esbravejou a feiticeira. (p. 156)

Edmundo, Eustáquio, Tio André e Jadis compartilham dessa reação, embora em níveis diferentes. Tio André é uma pessoa menos má e mais insignificante do que Jadis, e Edmundo e Eustáquio (antes de se converterem) são até mesmo mais medíocres e insignificantes — portanto, a reação deles é proporcional a seu caráter. Todos eles, no entanto, odeiam Aslam, sua voz e suas obras. Odeiam instintivamente sua bondade e santidade porque não são, eles mesmos, bons e santos. Jadis resume essa atitude muito bem, falando da Nárnia recém-criada: “Que mundo medonho!” (p. 57).

Esse princípio atua na outra direção também. Enquanto os personagens maus instintivamente amam o mal e odeiam a bondade, os personagens bons odeiam o mal e amam a bondade. Quando Polly, que é uma menina muito prudente e sábia, pula em um dos poços no Bosque Entre Dois Mundos e se vê em Charn, ela de pronto reconhece exatamente que tipo de mundo é: “Não estou gostando nada daqui! — disse Polly, com um tremor” (p. 29). Já vimos como Tio André e Jadis ouvem a canção de Aslam da criação mais adiante em *O sobrinho do mago*, mas perceba, agora, como o cocheiro benevolente tem a reação apropriada:

— Meu Deus! — exclamou o cocheiro. — Não é uma beleza? [...] Louvado seja! [...] Se eu soubesse que existiam coisas assim, teria sido um homem muito melhor. (p. 56-57)

Este mesmo princípio de separação baseado na reação pessoal de alguém a Aslam é visto mais claramente na cena do juízo, no fim de *A última batalha*. Aslam invocou um fim sobre Nárnia, e todas as criaturas se achegam à porta do estábulo, onde ele aguarda:

Finalmente, saindo da sombra das árvores e correndo vertiginosamente colina acima para salvar a vida, aos milhares e aos milhões, surgiram criaturas de todos os tipos: animais falantes, anões, sátiros, faunos, gigantes, calormanos, homens da Arquelândia, monópodes e até estranhos seres sobrenaturais, vindos das Ilhas Solitárias ou das terras desconhecidas do Ocidente. Todos corriam em disparada rumo ao portal onde se encontrava Aslam. (p. 720)

Em todas as histórias de Nárnia, Lewis forneceu vários presságios de como esse princípio de separação atua, mas todos eles são retratos minúsculos da

grande separação no dia do juízo. No fim, tudo se reduz a um encontro pessoal com Aslam. As criaturas não recitam em que ideias ou teologia acreditam; simplesmente olham para o seu rosto e ou o odeiam, ou o amam: “Todas olhavam direto para a face do Leão (aliás, acho que nem havia alternativa)” (p. 720).

Lewis está nos mostrando que o juízo não é um assunto burocrático ou judicial, com o inquisidor enfadonho perguntando: “Qual o seu nome?” e “O que você fez da sua vida?”. Em vez disso, tudo se resume simplesmente a se você ama e confia em Jesus ou não.

Só há um caminho para aqueles que olham para Aslam com ódio, repulsa e medo:

Quando algumas olhavam, a expressão de seus rostos mudava terrivelmente, com uma mistura de temor e ódio [...]. E todas as criaturas que olhavam para Aslam daquele jeito desviavam-se para a direita (isto é, à esquerda dele), desaparecendo no meio da sua imensa sombra negra, que (como já lhes disse) se espalhava para a esquerda, do lado de fora do portal. As crianças nunca mais viram essas criaturas. Não sei o que se passou com elas. (p. 720)

Entretanto, aqueles que olham para ele com amor e alegria entram na nova Nárnia. E é importante lembrar que as aparências iniciais nem sempre predizem os resultados desse encontro:

Entre estas havia também alguns seres meio estranhos. Eustáquio até reconheceu um dos anões que haviam ajudado a atirar nos cavalos falantes. Mas ele nem teve tempo de pensar nisso (e, de qualquer forma, não era mesmo da sua conta), pois a grande alegria que o invadia impedia-o de pensar em qualquer coisa desse tipo. (p. 720)

O grande julgamento é importante, mas não é o tema mais importante nessa passagem — esse vem após o juízo:

— Avançar! Para a frente e para cima!

Quem gritou foi Passofirme, que disparou ruidosamente a galope rumo ao Ocidente. (p. 721)

Esse “Avante! Para frente e para cima!” é, aparentemente, um convite para os narnianos ressurretos e glorificados explorarem o mundo de Nárnia ressurreto e glorificado. Em um nível mais profundo, é uma metáfora para crescer no conhecimento de Aslam. Quanto mais aprendem sobre ele, maior e mais inexplorado eles descobrem ser o assunto. É por isso que quando os narnianos seguem esse chamado e se danam pelas montanhas, encontram um jardim no

topo que se revela maior do que todo o mundo abaixo, com ainda mais montanhas à distância — uma Nárnia maior e mais real dentro da Nárnia já glorificada. Quanto mais você progride, maior ela fica. Do mesmo modo, quanto mais conhecemos e amamos a Deus, mais buscamos conhecer e amar.

Podemos resumir toda essa seção em poucas frases. Primeiro, só existem dois lados: o de Deus e o de seus inimigos. Consequentemente, todas as pessoas são, no presente momento — e serão eternamente — separadas pela forma como se relacionam com Deus. Quando você morrer e for perguntado de que lado está, qual será sua resposta? A pergunta não deve ser respondida mediante alguma grande investigação filosófica; ela deve ser respondida mediante suas lealdades e amores. Você ama a Deus e seu Filho? Ama a sua Palavra? Seu povo?

Conhecimento de Aslam

Se conhecer Aslam e estar num relacionamento adequado com ele é central, o que significa, então, conhecê-lo? Quem ele é? Que tipo de pessoa é Aslam?

TRIÚNO E ENCARNADO

Shasta conversa pela primeira vez com Aslam após ter concluído a missão de alertar o Rei Luna, mas ficou perdido nas montanhas. Enquanto cavalga pelo nevoeiro e pela escuridão, sente uma presença poderosa perto dele, falando a seu lado.

— Quem é você? — murmurou baixinho.

— Alguém que esperava por sua voz — respondeu a *coisa*. [...]

Sentiu novamente o hálito quente da *coisa* no rosto e na mão. (p. 261)

Esse encontro pessoal com Aslam é muito importante para cada personagem nas histórias de Nárnia. Mais cedo ou mais tarde, todo personagem principal deve encontrar-se com Aslam face a face. Independentemente de como se pareçam antes do encontro e dos erros e falhas que tenham, sempre são fundamentalmente mudados na sequência.

Shasta encontrou Aslam algumas vezes antes disso, mas não percebeu na época. Primeiro, um leão (aparentando um par de leões) perseguiu a ele e a Aravis, reunindo-os. Segundo, Aslam apareceu como um gato errante que ficou com Shasta e o confortou durante a provação nas tumbas fora de Tashbaan. E terceiro, Aslam era o leão que perseguiu a ele e a Aravis durante a fase final de sua viagem, dando-lhes o último impulso de que precisavam para completar sua missão. Assim, a aventura de Shasta foi guiada por Aslam o tempo todo, mas ele ainda precisa ter um encontro pessoal com Aslam, e é esse encontro que não apenas confere sentido a tudo o que lhe aconteceu até aqui, mas também o muda desse ponto em diante.

Como Aslam finalmente se revelou a Shasta, então?

— Quem é você?

— Eu mesmo — respondeu a voz, com uma entonação tão profunda que a terra estremeceu. [E de novo: — Eu mesmo — em tom alto, claro e vivo. E então a terceira vez: — Eu mesmo]¹² — com um

murmúrio tão suave que mal se podia perceber, e parecia, no entanto, que esse murmúrio agitava toda a folhagem à volta. (p. 262)

Esta é uma clara referência bíblica a Deus, que disse a Moisés: “EU SOU O QUE SOU” (Êxodo 3.14). O fato de Aslam repetir “Eu mesmo” três vezes de três maneiras diferentes é, também, uma referência à natureza triúna de Deus. A Escritura expressa um ponto similar com uma das palavras hebraicas para Deus, *Elohim*. *Elohim* é a forma plural da palavra “deus”, da mesma forma que as palavras hebraicas *cherub* e *seraph* são singulares, mas *cherubim* e *seraphim* são plurais. Assim, a confissão de fé em hebraico seria como dizer “Cremos em um Deuses”. A peculiaridade gramatical expressa teologia trinitariana, e Lewis faz algo similar aqui com a repetição tríplice de “Eu mesmo”.

O efeito de Aslam sobre Shasta é temor e assombro misturados com alegria: “Uma coisa nova aconteceu, um tremor que lhe deu certa alegria. [...] Ninguém jamais viu algo tão belo e terrível” (p. 262). Aslam é terrível e amável ao mesmo tempo — o que é um fato com o qual muitos cristãos lutam hoje. Alguns se viram para uma direção, enfatizando a amabilidade de Deus sem nada de terror, e descambam para uma religião fraca, sentimental e pegajosa, sem coluna vertebral. Outros só veem a terribilidade de Deus, o inferno de fogo e juízo, e tendem a torturar a si e aos outros com culpa, deixando todo mundo miserável e, por fim, levando as pessoas para longe de Deus junto consigo. Lewis nos lembra de que a beleza e o terror são unidos e inseparáveis. Deus é o Deus daqueles que tanto o temem como o amam.

O encontro de Shasta com Aslam termina com aquele reconhecendo o nome deste, “Aslam, o Grande Leão, o filho do Imperador-dos-Mares, o Rei dos Grandes Reis de Nárnia” (p. 263). Aslam, então, deixa-o com um último presente: na pegada deixada pelas patas de Aslam, uma fonte de água começou a borbulhar:

Shasta matou a sede com um bom gole, molhou o rosto e a cabeça. Era uma água fria e clara como o cristal [, e o refrescou bastante]¹³. (p. 264)

Essa fonte oriunda da pegada é derivada de lendas medievais — lembre-se de que Lewis era um estudioso de história e literatura medievais — mas é também uma referência bíblica à “água viva” fornecida por Cristo.

Aslam é uma Pessoa, mas também participa de uma união trinitária; ele é tanto belo como terrível; e o relacionamento fundamental com seu povo é o da graça vivificadora. Esses são os fatos básicos que Shasta aprende. Esse encontro também é o encontro *transformacional* de Shasta com Aslam, embora a transformação não pareça tão acentuada quanto a redenção de Edmundo ou o “desdragonamento” de Eustáquio. Mas talvez esse seja o ponto. Até agora, Shasta foi mudando e aprendendo lentamente, um processo que culmina em seu ato corajoso de voltar para enfrentar o leão (o que lhe era desconhecido, era também Aslam) que perseguia Aravis e Huin. Mas o fato de que ele tenha enfrentado dificuldades, agido com bravura e até mesmo concluído a missão de alertar a Arquelândia não basta. Ele precisa encontrar-se com Aslam pessoalmente, conhecê-lo e tornar-se seu servo fiel. A transformação pode não ser exteriormente drástica, mas não é menos real nem menos necessária.

Outra lição maravilhosa desse mesmo livro é a natureza *encarnacional* de Aslam, que Lewis mostra através do primeiro encontro de Bri com ele. Lembre-se de que Bri é um cavalo narniano que passou maior parte da vida como cavalo de guerra calormano. Como resultado, seu conhecimento de Aslam é um tanto confuso. Quando Aravis lhe pergunta por que ele sempre jura “pela juba do Leão”, este responde:

— Todos os narnianos juram por ele!

— Mas ele é um leão?

— É claro que não é um leão — respondeu Bri, bastante chocado.

— Pelas histórias que contam em Tashbaan, ele é um leão — replicou Aravis. — Se não é um leão, por que o chamam de leão? [...]

— Sem dúvida, quando falam dele como sendo um leão, estão querendo dizer que é forte como um leão [ou (para nossos inimigos, naturalmente) violento como um leão. Seria um completo absurdo supor que ele é um leão *de verdade*. De fato, seria uma falta de respeito].¹⁴ Se ele fosse um leão, seria um animal como qualquer um de nós. Ora essa! (E Bri começou a rir.) Se fosse um leão, teria de ter quatro patas, uma cauda, e *suíças*! (p. 277)

(No momento em que ele diz isso, como se sabe, Aslam chega por trás dele e lhe toca com uma de suas *suíças*.) Em outras palavras, antes de ser corrigido, Bri pensa exatamente como um teólogo liberal. Cristãos liberais gostam de negar que Jesus era realmente Deus, que nasceu de uma virgem, operou milagres e que

literalmente ressurgiu dos mortos. Do mesmo modo, Bri quer espiritualizar as histórias sobre Aslam, porque (ele pensa) seria muito absurdo e até mesmo *degradante* para a natureza verdadeira de Deus considerá-las literalmente. Ele deseja interpretá-las livremente a fim de obter algumas lições de vida e verdades abstratas que soem agradáveis, e depois deixá-las por isso mesmo.

Mas Aslam (como Cristo) tem um método para destruir esses conceitos aparentemente elevados. Ele se revela a Bri, provando ser um leão real e literal, com quatro patas, uma cauda e suíças. Ele diz a Bri que suas concepções aparentemente elevadas de fato não eram nem um pouco elevadas: “Não ouse não ousar. [...] [Sou um animal de verdade]”.¹⁵

Do mesmo modo, Cristo tornou-se um homem real com um corpo real. Essa doutrina foi escandalosa e ofensiva para hebreus e gregos, e ainda é escandalosa e ofensiva para os liberais de hoje. Todavia, ela é verdadeira. Jesus não é um mito ou puramente uma figura simbólica ou conceito teológico. Ele é verdadeiro Homem e verdadeiro Deus.

COMPAIXÃO E TERNURA

O fato de nosso Deus ser um Deus *surpreendente* é uma das lições mais úteis que Lewis me ensinou através da personagem de Aslam. Alguns cristãos excessivamente “religiosos” de um modo detalhista e irredutível têm falsas pressuposições sobre Deus, e eu gosto da maneira como Aslam está constantemente subvertendo essas pressuposições de maneiras inesperadas.

Um desses atributos surpreendentes de Aslam é a ternura e compaixão para com seus servos, não obstante seus muitos erros e falhas. Em *O sobrinho do mago*, quando Digory fica preocupado com a saúde de sua mãe, Aslam o conforta:

— Meu filho, meu filho, eu sei. A dor é grande. Só você e eu nesta terra sabemos disso. Sejamos compassivos um com o outro. (p. 77)

Por todo o livro, Digory tem cometido erros. Ele tocou o sino em Charn, torcendo o braço de Polly em volta das costas dela para fazer isso. Despertou a feiticeira, trazendo-a de volta para Londres, e depois para Nárnia. Antes mesmo de Nárnia completar uma hora de vida, Digory já tinha trazido o mal a ela. Ele é

um garotinho que corrompeu a criação de Aslam, contudo este se dirige àquele como a um filho. Ele estabelece um denominador comum com Digory destacando o fato que ambos compartilham — a dor. Mas talvez as palavras mais surpreendentes de Aslam aqui sejam: “Sejamos compassivos um com o outro”. Aslam está falando com Digory como um amigo.

Muitos de nós conseguimos imaginar um irmão, irmã, pais ou amigo falando isso e criando esse tipo de vínculo íntimo e receptivo. Mas, por alguma razão, muitas vezes não imaginamos Deus nesse tipo de relacionamento conosco; somos tentados a presumir (ainda que não em muitas palavras) que Deus é distante, poderoso e importante demais para importar-se conosco individualmente dessa maneira. Mas a Bíblia ensina que ele ama e se importa conosco *exatamente* dessa maneira. Portanto, se a ideia de Jesus dizendo a um ser humano pecador “Sejamos compassivos um com o outro” soa desrespeitoso para você, então você precisa desaprender algumas coisas.

Outro exemplo desse relacionamento terno e individual vem de *O Príncipe Caspian*. Perto do fim do livro, os narnianos estão libertando as cidades telmarinas e declarando o fim do governo de Miraz. De repente eles descobrem, por acaso, a antiga ama de Caspian, que fora banida por Miraz anos antes por contar histórias da Nárnia Antiga a Caspian quando ele era um garoto. Seu diálogo com Aslam é breve, mas considero-o bastante significativo:

— Oh, Aslam! Sabia que era verdade. Esperei a vida toda por este momento. Veio para me levar?

— Sim, minha querida — disse Aslam. — Mas ainda não para a viagem final. (p. 388)

Ora, a ama está longe de ser uma personagem principal na história. Ela é mencionada uma vez no início e outra no final. Contudo, Aslam a chama de “minha querida”. O relacionamento pessoal dele com ela tem a mesma medida do relacionamento pessoal dele com os personagens principais. Nesse breve momento Lewis nos dá apenas um vislumbre desse relacionamento para nos lembrar de que Aslam não somente se importa com a realeza ou outras pessoas importantes em Nárnia; ele conhece e se importa com todos os seus servos individualmente.

Lembre-se, entretanto, de que esse amor terno não apresenta um retrato completo de Aslam. Como vimos anteriormente no encontro com Shasta, Aslam também é poderoso, sublime e *terrível*. Como Lewis escreve em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*:

Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. [Se as crianças algum dia tivessem pensado assim, seriam curadas disso agora.]¹⁶ (p. 158)

Existem muitos cristãos que desejam enfatizar o cuidado terno de Deus com tudo o mais. Falarão de Jesus como se este não passasse de um ombro amigo para chorar, um Deus chorão e fraco que sofrerá junto com você e o confortará porque é fraco demais para fazer qualquer outra coisa. A verdade plena é muito mais maravilhosa e surpreendente do que essa.

Após ressuscitar, Aslam leva Lúcia e Susana para um passeio selvagem por Nárnia para libertar aqueles que foram transformados em pedra no castelo da Feiticeira Branca:

Foi uma algazarra daquelas, como não existe fora de Nárnia. Lúcia não sabia bem se estava brincando com um gatinho ou com um furacão. (p. 175)

Aslam também é selvagem: como sabem, ele é selvagem. Não se trata de um leão *domesticado* (p. 184), e certamente é perigoso:

— Perigoso? — disse o Sr. Castor. — Então não ouviu o que Sra. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que é bom. Ele é REI, disse e repito. (p. 138)

Através do caráter de Aslam, Lewis quer que percebamos que Deus é muito, muito maior do que quaisquer concepções nossas. Amiúde pensamos querer um Deus seguro e domesticado que nos tire de uma caixa quando precisamos de algum conforto, e depois nos coloque de volta nela para que possamos viver a vida do nosso jeito. Mas ele não é o que esperamos ou presumimos. Ele é bom, porém terrível; selvagem, porém brincalhão; compassivo, porém perigosíssimo.

ADORAÇÃO E IMITAÇÃO

A Bíblia nos diz que quando olhamos para Jesus, o adoramos e vivemos em relacionamento com ele, então nos tornamos cada vez mais como ele. O oposto também é verdade: aqueles que adoram ídolos tornam-se cada vez mais como

eles (Salmo 115.8). Do mesmo modo, os servos de Aslam tornam-se mais como ele, enquanto a cultura calormana que adora Tash torna-se mais hostil e cruel, exatamente como seu deus.

Um exemplo disso está em *A viagem do Peregrino da Alvorada*, quando Lúcia está na ilha da Vozes. Ela está esquadrinhando o livro do mágico em busca das palavras mágicas para tornar as Vozes visíveis novamente, mas topa com uma palavra mágica que a faria mais bela do que todos os mortais [cap. 10]. As gravuras no livro até mesmo mudam para que ela pudesse ver como seria com semelhante beleza. Esta é uma grande tentação para Lúcia, uma vez que ela é a menina modesta na família; todo mundo considera Susana a atraente. Felizmente, por pouco ela resiste à tentação e evita as consequências desastrosas que decorreriam disso. Mas o resultado é que, ao evitar esse pecado, mais adiante ela tem a chance de encontrar a verdadeira beleza, quando conclui seu trabalho e se vira para encontrar Aslam no corredor:

E ficou com o rosto iluminado, [por um instante (mas, é óbvio, ela não percebeu)]¹⁷, quase tão bonita quanto a Lúcia da gravura. (p. 474)

Lúcia pensa em Aslam, é leal e obediente a ele; o resultado é que ela reflete a beleza dele. Ela se torna bonita ao contemplar a própria Beleza.

Mais adiante, no mesmo livro, o navio navega pela Ilha Negra, onde os sonhos — incluindo os pesadelos — se tornam realidade. Enquanto eles estão tentando escapar, as coisas parecem bastante sombrias até que Lúcia vê, voando em volta do navio, um albatroz que lhe “murmurara: ‘Coragem, querida!’”. Era a voz de Aslam, e o seu hálito suave roçou-lhe a face” (p. 488). Aqui, Lúcia ganha coragem porque Aslam está ajudando-a a imitá-lo. Ele foi o modelo de coragem quando se sacrificou por Nárnia, e concede o mesmo atributo àqueles que o seguem e mantêm um relacionamento pessoal com ele. Algo parecido acontece com Lúcia em *O Príncipe Caspian*. Ela é encorajada e fortalecida por Aslam:

[Lúcia] se sentiu invadida pela força do Leão. [...]

[...] — Agora você é uma leoa — disse [Aslam]. — Nárnia inteira será renovada. Venha, não temos tempo a perder. (p. 359)

Na mesma passagem, Lúcia também percebe que Aslam parece ter crescido, mas é apenas porque ela o está imitando:

— Aslam, como você está grande!

— É porque você está mais crescida, meu bem.

— E você, não?

— Eu, não. Mas, à medida que você for crescendo, eu parecerei maior a seus olhos. (p. 358)

Esse tema também é encontrado em *A última batalha*, conforme vimos que quanto mais para dentro da nova Nárnia eles iam, maior ela se tornava, e que esse era um símbolo de conhecer Aslam. Ao seguir Aslam, os personagens participam de sua grandeza e descobrem que eles mesmos cresceram mais em conhecimento, caráter, espírito e nobreza. E quanto mais eles crescem, mais percebem a grandeza de Aslam e assim por diante — em uma espiral ascendente de crescimento.

Outro exemplo disso em *O Príncipe Caspian* é quando Aslam sopra sobre Edmundo antes de ele entregar o desafio a Miraz: “Aslam soprara sobre ele, e uma grandeza qualquer o envolvia” (p. 377).

E se Aslam transmite grandeza, ele também transmite humildade. Logo após Digory terminar a jornada para recuperar a maçã que protegerá Nárnia, Aslam o elogia na frente de todas as outras criaturas. Mas isso não enche Digory de orgulho:

[Digory] não corria o risco de sentir-se presunçoso por isso, pois estava frente a frente com Aslam. (p. 89)

Todos esses exemplos mostram como Aslam outorga seus próprios atributos àqueles que o seguem. Na medida em que eles o adoram e amam, tornam-se como ele. Aslam é forte e outorga força. É corajoso e outorga coragem. É belo e outorga beleza.

Aqueles que amam Aslam querem ser completamente absorvidos e transformados por ele; querem imitar e tornar-se como ele. Em *O cavalo e seu menino* há uma fala maravilhosa, uma das melhores em todas as histórias de Nárnia. Huin, a égua, quando encontra Aslam pela primeira vez, diz-lhe:

“Melhor ser devorada por você do que por um outro qualquer”. E Aslam responde: “Que a alegria a ilumine” (p. 278).

Mentiras sobre Aslam

Nas seções anteriores, vimos a centralidade do relacionamento pessoal com Aslam. Todas as criaturas em Nárnia estão fundamentalmente divididas em dois grupos: aqueles que possuem e amam esse relacionamento e aqueles que o evitam a todo custo, entrando, assim, em relacionamento de inimizade e juízo. Portanto, o relacionamento com Aslam está no centro de tudo e é a característica que define a existência de cada criatura.

Vamos aplicar isso ainda mais longe. Se o relacionamento com Aslam está na raiz de tudo, então, em última instância, todas as mentiras que as criaturas contam são mentiras sobre Aslam. Isso pode parecer, à primeira vista, um grande salto de raciocínio; você pode pensar: “Você está dizendo que se eu conto uma mentira para minha mãe sobre se terminei ou não meu dever de casa, estou contando uma mentira sobre Jesus? Isso não faz sentido. Menti sobre meu dever de casa, não sobre Jesus”. Bem, não, esse é o seu erro. Se você entender a perspectiva bíblica de Lewis, a de que todas as coisas existem em relação a Aslam, então contar uma mentira significa que você está fugindo daquele que é a Verdade. Toda mentira é uma tentativa de dizer que Deus não é Deus.

Um bom exemplo dessa verdade é encontrado nas várias mentiras de Manhoso sobre Aslam em *A última batalha*. Primeiro, ele usa suas mentiras para conquistar uma posição de autoridade para si mesmo, e então usa-a para satisfazer sua ganância: “Pois bem [...], quero... isto é, Aslam deseja... mais nozes” (p. 646). Mas isso é só o começo. Enquanto tenta estender seu controle sobre todos os narnianos, ele transforma o caráter de Aslam no de um capataz opressivo:

— [...] Aslam disse que tem sido generoso demais com vocês, mas que agora não vai mais ser tão mole. Desta vez vai colocá-los todos nos eixos. Vai ensiná-los a não pensar mais que ele é um leão domesticado e bonzinho. (p. 647)

Manhoso é especialista em mentiras. Conta-as para manipular as pessoas em volta dele a fim de satisfazer sua sede de poder e riqueza, e sabe que mentir sobre Aslam é a única forma efetiva de garantir um futuro melhor. Todas as suas mentiras surgem das mentiras centrais que ele contou a si mesmo sobre Aslam.

A última e pior mentira é que Aslam e Tash são, na verdade, um deus só:

— [...] Tash é apenas um outro nome de Aslam. Toda aquela velha história de que nós estamos certos e os calormanos errados é pura bobagem. Agora já sabemos melhor das coisas. (p. 648-649)

Manhoso é bem-sucedido, por um tempo, em criar o que muitos modernos chamariam de “uma religião avançada e liberal, que combine o melhor das duas tradições de fé”. Em vez de Aslam *versus* Tash, ele proclama o nome de “Tashlam”. Do mesmo modo, temos muitos Manhosos modernos dizendo que Jesus, Alá e Buda são, na verdade, apenas nomes diferentes para a mesma ideia básica. O fato de os calormanos sacrificarem pessoas no altar de Tash (p. 648), enquanto Aslam se sacrifica pelo seu povo, é deixado de lado como simplesmente uma discordância secundária. Esta é a mentira das mentiras.

Chegando a Cristo por meio de Aslam

Espero que você perceba, a esta altura, que Lewis intentou que o relacionamento com Aslam e o conhecimento dele fosse o centro das histórias de Nárnia. Mas é importante não perdermos o ponto principal, deixando Aslam confinado a Nárnia — pois Lewis quis que aprendêssemos sobre Aslam na medida em que ele se revela em nosso mundo:

— Está também em nosso mundo? — perguntou Edmundo.

— Estou. Mas tenho outro nome. Têm de aprender a conhecer-me por esse nome. Foi por isso que os levei a Nárnia, para que, conhecendo-me um pouco, venham a conhecer-me melhor. (p. 514)

E em *O sobrinho do mago*, lembre-se de como o cocheiro reagiu à canção de Aslam, e como foi a sua reação ao encontro com ele mais adiante:

— Meu filho — disse Aslam para o cocheiro. — Há muito tempo que o conheço. Você me conhece?

— Bem, senhor, não — respondeu o cocheiro. — Pelo menos, não no sentido comum. No entanto, se me permite dizer, sinto que o conheço de algum lugar. (p. 74)

Assim, o cocheiro vivia como um homem cristão já na Inglaterra, e é por isso que reconheceu e amou Aslam em Nárnia. Conhecer Aslam é como conhecer Cristo de outra maneira.

Em outras palavras, Lewis não está tentando seduzir as crianças para longe de Cristo ao contar-lhes histórias sobre um leão. Ele não está preparando-as para uma decepção futura na vida. Ele não quer que elas pensem: “Oh, não seria maravilhoso se Jesus fosse de fato mais parecido com Aslam? Mas a gente sabe que ele não é, então também podemos fugir para Nárnia e fingir que ele é”. Isso seria completamente equivocado. Lewis nos leva para Nárnia a fim de nos fazer olhar diferente para o mundo no qual vivemos. Ele quer que percebamos que Jesus de fato é como Aslam. Em vez de pensar em Jesus nos termos pobres e mesquinhos nos quais incorremos às vezes, precisamos perceber que ele é perigosíssimo, exatamente como Aslam. Ele é bom e terrível ao mesmo tempo.

Quando perceber isso, você pode voltar e ler o Novo Testamento a partir de uma perspectiva completamente nova e revigorante, e pode começar a ver — quiçá pela primeira vez — todas as loucuras que Jesus disse e fez. Normalmente não pensamos assim. Pensamos que Jesus é o conservador supremo, e todos os

seus seguidores devem ser formais e decorosos, que nunca causam perturbações. Seria desrespeitoso, somos tentados a pensar, descrever Jesus de outra maneira. Mas o fato é que ele *disse* coisas loucas e *fez* coisas loucas. Ele disse que era Deus, mas também tinha um corpo físico que precisava de comida e descanso. Disse que os ricos dificilmente entrariam no reino de Deus. Mandou as pessoas perdoarem umas às outras em vez de se vingarem. Entrou no templo e, como G. K. Chesterton, creio, certa vez escreveu, “arremessou a mobília do templo pelos degraus da frente”. Ele não se comportou. Não era um profeta domesticado. Quando entendemos o caráter de Aslam, somos mais capazes de entender Cristo. Quanto mais crescemos em amor a Aslam, tanto mais crescemos e somos aperfeiçoados no amor a Jesus.

O objetivo de nos apresentar a Aslam é obtermos uma compreensão mais madura de Cristo. É por isso que Aslam não permanece em sua forma de leão no fim das histórias. Em *A última batalha*, depois de tudo o que é dito e realizado, ele revela sua verdadeira natureza:

E, à medida que Ele falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las. Para nós, este é o fim de todas as histórias, e podemos dizer, com absoluta certeza, que todos viveram felizes para sempre. (p. 737)

Então, Aslam, mais à frente, manifesta-se em seu caráter pleno como o Senhor Jesus. O simbolismo, obviamente, perde um pouco de sua validade aqui, e há algumas peculiaridades que poderiam precisar de desenvolvimento, uma vez que anteriormente Aslam descrevera-se como “um animal de verdade”. A forma de leão não é uma simples aparência; ele não é apenas o Deus de Nárnia em um traje de leão, não mais do que Cristo é Deus em um traje humano — o Credo diz que Cristo é verdadeiro homem. Mas uma coisa de que podemos estar certos é que a verdadeira forma de Aslam não era uma espécie de ser espiritual ou fantasmagórico. Antes, o contexto inteiro dessa passagem nos convida a considerar essas realidades celestiais — incluindo o corpo ressurreto de Cristo — como mais sólidas e tangíveis do que a “vida real” que veio antes. Em outro dos livros de Lewis, *O grande abismo*, ele descreve o céu como um lugar de solidez e cores reais comparadas com o obscuro mundo fantasma abaixo. Nós, por vezes,

pensamos que quando Jesus ressurgiu dos mortos, fê-lo como algum tipo de fantasma. Afinal de contas, ele não atravessou as paredes do cômodo onde os discípulos estavam reunidos? O problema é que nunca nos ocorre que a parede era o fantasma. Jesus pôde atravessar a parede porque ele é mais sólido e mais real do que ela. Sendo assim, quando Lewis descreve Aslam mudando de forma no fim de *A última batalha*, ele está nos estimulando não a considerar essa forma como um tipo de corpo Jesus-fantasma, mas, ao contrário, a realidade verdadeira, última, sólida e corpórea de Cristo.

Conclusão

Os filósofos por muito tempo têm tentado transformar a ética — o estudo do certo e do errado — em mero exercício intelectual abstrato. Têm tentado (e falhado) mostrar como alcançar definições de bem e mal apenas com base na razão. Lewis nos mostra um caminho diferente. Você diferencia o certo do errado, o bem do mal e o sábio do tolo com base nos relacionamentos e lealdades básicos de sua vida. O relacionamento principal é com Jesus Cristo, e os secundários são com seus pais, professores e pastores.

Quando você ama verdadeiramente a Deus e busca comportar-se sempre à luz do seu relacionamento com ele, a obediência se tornar instintiva. Você não precisa comprar um vade-mécum e manuseá-lo para descobrir quais regras deve seguir nesta ou naquela situação. Em vez disso, é uma questão de agradar a Deus. Às vezes, na complexidade e desordem da vida real, pode ser difícil escolher o que você deve fazer. Nesse caso, seu vade-mécum mental facilmente pode falhar. Pode ser que você nunca tenha encontrado uma situação parecida antes e, portanto, você não sabe que regras seguir. Mas, em vez de perguntar por regras, pergunte-se: “Quais dessas escolhas deixaria Jesus feliz? O que deixaria meus pais felizes?”. E para aqueles entre nós que cresceram com o mundo de Nárnia, podemos nos perguntar: “O que faria Aslam feliz? Esse é o tipo de comportamento que ele aprovaria, ou é o tipo de comportamento que o levaria a rosar suavemente?”.

É assim que devemos medir as coisas: em termos de relacionamento pessoal. Morar em Nárnia por um momento pode ajudá-lo a construir esse relacionamento de muitas formas. O conhecimento de Aslam leva você a conhecer melhor a Deus; o amor por Aslam leva você a amar mais a Deus.

-
12. O trecho em colchetes foi omitido na tradução de Paulo Mendes Campos. [N. do T.]
 13. O trecho entre colchetes foi omitido na tradução de Paulo Mendes Campos. [N. do T.]
 14. Idem à nota anterior. [N. do T.]
 15. “Sou um verdadeiro animal”, na tradução de Paulo Mendes Campos. [N. do T.]
 16. O trecho em colchetes foi traduzido por Paulo Mendes Campos simplesmente como “Os meninos entenderam logo”. [N. do T.]
 17. O trecho em colchetes foi omitido na tradução de Paulo Mendes Campos. [N. do T.]